



Reitoria Digital UFG

5 ANOS (2019-2024)



Reitoria
Digital
UFG



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitor de Graduação

Israel Elias Trindade

Pró-reitor de Pós-Graduação

Felipe Terra Martins

Pró-reitora de Pesquisa e Inovação

Helena Carasek

Pró-reitora de Extensão e Cultura

Luana Cássia Miranda Ribeiro

Pró-reitor de Administração e Finanças

Robson Maia Geraldine

Pró-reitor de Gestão de Pessoas

Sauli dos Santos Júnior

Pró-reitora de Assuntos Estudantis

Maísa Miralva da Silva

Secretário de Comunicação

Salvio Juliano Farias

Secretário de Promoção da Segurança e Direitos Humanos

Ricardo Barbosa de Lima

Secretária de Inclusão

Luciana de Oliveira Dias

Secretário de Planejamento, Avaliação e Informações Institucionais

Vicente da Rocha Soares Ferreira

Secretário de Tecnologia e Informação

Leandro Galdino de Oliveira

Secretária de Relações Internacionais

Rejane Faria Ribeiro-Rotta

Secretária de Infraestrutura

Poliana Paula Nascimento

Reitoria Digital UFG - 5 anos (2019-2024)

Organização

Pablo Fabião Lisboa

Ana Paula Vieira de Souza

Pablo Fabião Lisboa

Murilo Ferraz Franco

Marcos Vinicius Oliveira Borges

Entrevistas e Edição

Ana Paula Vieira de Souza

Pablo Fabião Lisboa

Redação

Ana Paula Vieira de Souza

Revisão

Ana Paula Vieira de Souza

Lara Fabian

Transcrição de entrevistas

Ana Paula Vieira de Souza

Centro Integrado e Aprendizagem em Rede • CIAR

Direção

Wagner Bandeira

Coordenação e Gestão de Projetos e Coordenação de Publicação

Ana Bandeira

Vice-Direção

Silvia Figueiredo

Coordenação de Publicação Audiovisual

Flávio Gomes

Coordenação Pedagógica e Gestão Moodle

Janice Lopes

Coordenação de Inovação e Interface

Victor Hugo César Godoi

Coordenação Tecnológica

Amilton Araújo

Direção de Arte

Renato Galhardo

Coordenação de Comunicação

Raniê Solarevisky de Jesus

Identidade Visual e Desenvolvimento

Victor Frazão

Ciar UFG

Goiânia, 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

R379 Reitoria digital : 5 anos (2019-2024) [Ebook]. / organizadores, Pablo Fabião Lisboa, e Ana Paula Vieira de Souza. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). - Goiânia : Ciar UFG, 2024.

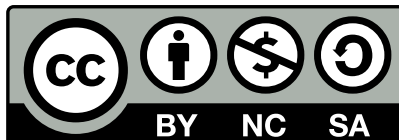
Inclui entrevistas

ISBN : 978-65-85278-64-5

1. Universidade Federal de Goiás - Sistemas de Comunicação 2. Universidade Federal de Goiás - Inovações tecnológicas. 2. Universidade Federal de Goiás - Redes sociais. I. Lisboa, Pablo Fabião. II. Souza, Ana Paula Vieira de.

CDU: 378:005.57

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276



O presente trabalho foi realizado com apoio do Reitoria Digital UFG. Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Este e-book foi desenvolvido pela Equipe de Publicação CIAR.

Todo o conteúdo deste material é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. Os produtos dispostos aqui podem ser usados e compartilhados por terceiros, inclusive em sala de aula e pesquisas acadêmicas, desde que acompanhados dos créditos de seus autores. A distribuição é gratuita e o uso comercial proibido.

Sumário

Prefácio		02
Pablo Fabião Lisboa	"A Reitoria Digital é uma necessidade no mundo contemporâneo": a origem do novo setor	07
Ana Paula Vieira de Souza	"Entendi que eu seria a primeira jornalista do quadro permanente do setor": os primeiros padrões jornalísticos da Reitoria Digital	19
Salvio Juliano Peixoto Farias	"Estamos trabalhando juntos o tempo todo": a parceria entre a Reitoria Digital e a Secretaria de Comunicação da UFG	27
Fabício Soveral	"Era algo diferente": um setor dedicado à comunicação da Gestão Superior da UFG	33
Wesley Melo Barbosa Menezes	"Foi um desafio, estava bem nesse início": os primeiros passos no gerenciamento do canal UFG Oficial no YouTube	42
Henrique Moreira de Oliveira	"A produção da Universidade não parou": a consolidação do canal UFG Oficial no Youtube como ferramenta de ensino, pesquisa e extensão	50

Lais Dias Rodrigues	"Acabei criando habilidades de professora": a explosão das <i>lives</i> durante a pandemia de covid-19 e o treinamento da comunidade acadêmica para gerenciá-las	60
Marília Fernanda Sabino de Sousa	"As coisas já estavam muito bem encaminhadas": a manutenção do canal UFG Oficial no YouTube depois da pandemia de covid-19	65
Murilo Ferraz Franco	"Tem que colocar a mão na massa": o audiovisual na Reitoria Digital	71
Nathália Alves Oliveira	"Esse resumo semanal é um apanhado das notícias que mais 'hitaram'": novos produtos na Reitoria Digital	78
Felipe Ferreira de Souza Fulquim	"Um trabalho integrado, um trabalho de equipe": a soma de múltiplos talentos da Reitoria Digital	84
Ysabella Mendes Portela	"Eu tenho uma paixão pela UFG": a Universidade nos produtos de comunicação e nas memórias da comunidade	88
Posfácio		92
Agradecimentos		93

Prefácio

p.02

Esta obra comemorativa dos cinco anos da Reitoria Digital traz um compilado de entrevistas com pessoas que ajudaram a construir esse setor de assessoria de comunicação dedicado a aproximar a Reitoria da Universidade Federal de Goiás e a sociedade. Para isso, os organizadores entrevistaram os primeiros servidores, bolsistas e colaboradores da iniciativa. As entrevistas foram realizadas em vídeo e posteriormente transcritas, para a edição dos textos que compõem este livro.

Por meio dos relatos que recuperam a estruturação da Reitoria Digital e passam também pelas experiências profissionais de cada um, é possível perceber a evolução dos produtos e serviços oferecidos, ligada aos fatos históricos que influenciaram o momento, como a pandemia de covid-19.

As entrevistas são apresentadas segundo a ordem cronológica da chegada das pessoas à Reitoria Digital. O leitor pode privilegiar a visão holística e compreender como ela foi criada, ao percorrer todos os relatos em sequência, mas também pode optar pela leitura das entrevistas isoladamente. Ao final dos textos, os agradecimentos a uma lista de personagens externas à equipe citadas como figuras importantes na estruturação do setor.

Edward Madureira Brasil

O livro comemorativo do aniversário de cinco anos da Reitoria Digital celebra e comprova o sucesso da criação de um setor específico para aproximar a Reitoria da Universidade Federal de Goiás da comunidade interna e externa, por meio da comunicação digital como forma de aprofundar a relação entre a Universidade e a

sociedade. A partir dos relatos de pessoas que participaram da construção desse setor, uma estrutura relativamente nova, é demonstrada a importância de a gestão universitária manter um canal permanente e efetivo de interação com diferentes públicos, de forma democrática e transparente.

p.03

Essas demandas ficaram evidentes no meu terceiro mandato como reitor da UFG, quando vivemos um contexto paradoxal: por um lado, o crescimento exponencial das mídias sociais e estratégias de comunicação desenvolvidas por meio desses canais e, por outro, crescentes campanhas de ataques à educação e à ciência, além da tentativa de descredibilização das universidades federais por parte de alguns grupos. Nesse sentido, foi preciso organizar e valorizar a presença institucional da Gestão Superior da UFG nas mídias sociais, de forma que ela demonstrasse o papel da Universidade e a importância de suas atividades de ensino, pesquisa, cultura, extensão, inovação e desenvolvimento tecnológico, promovendo o reconhecimento e a valorização da Instituição por parte da sociedade.

A pauta institucional precisava de maior dinamismo dentro das estratégias de comunicação já consolidadas na Universidade, de forma que a agilidade característica dos processos de gestão também ficasse registrada pelos produtos comunicacionais com foco na Reitoria da UFG. Ao mesmo tempo, a concepção da Reitoria Digital também englobou a preocupação com a escuta institucional, seguindo a tendência de superar um modelo unidirecional de comunicação, proporcionando o diálogo e a participação da sociedade nas discussões e decisões relativas à Universidade.

Nesses cinco anos, as conquistas já alcançadas e ressaltadas neste livro só foram possíveis pela união de esforços de uma equipe especializada e atenta aos desafios de uma área extremamente mutável como a comunicação, que requer perspicácia, experiência e ousadia, características que a equipe tem de sobra e que ficam evidentes nos relatos apresentados nesta obra. A leitura também cumpre o importante papel de registrar o desenvolvimento de um setor, expediente que pode parecer

rotineiro e passar despercebido nos processos de gestão mas que, nesse caso, é fundamental devido ao pioneirismo da Reitoria Digital, que inspirou a criação de estruturas semelhantes em outras instituições após nossa iniciativa.

Angelita Pereira de Lima

p.04

O livro de cinco anos da Reitoria Digital registra a história de um setor novo, mas que já encontrei consolidado quando assumi a administração da Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2022. Os princípios da transparência, publicidade e visibilidade das informações de interesse público relativas à gestão da UFG são efetivados pelo trabalho da Reitoria Digital e o presente livro traz os bastidores dessa construção. Essa pauta institucional por vezes ficava sobreposta, em detrimento de outros assuntos relativos às atividades-fim da Universidade, como as rotinas acadêmicas, os avanços de pesquisa, os editais, as oportunidades e o desenvolvimento das ações de ensino, para citar apenas algumas nuances de todo esse movimento científico, educacional e tecnológico característico da Universidade.

Ultrapassar a pauta jornalística factual e de divulgação científica para incluir também a rotina administrativa tem uma relevância singular para o fortalecimento da imagem institucional da Universidade. Comunicar os nossos processos gerenciais, mostrando como a comunidade acadêmica e a gestão se organizam, discutem coletivamente e tomam decisões é também uma atitude em prol da democracia, já que a atuação da Universidade, como bem público, impacta toda a sociedade e o desenvolvimento das cidades, do estado e do País.

Quando assumi a Reitoria da UFG, percebi o potencial da Reitoria Digital e incentivei que ela fosse além do viés fundamental da comunicação pública, que ela já

desenvolia. Naquele momento, o setor tinha realizado a primeira exposição institucional e era essencial que esse expediente fosse apoiado pela gestão e tivesse continuidade. Depois dessa primeira ação, vieram mais exposições e outras iniciativas

como a série UFG Memória Relatos, que registra histórias e trajetórias de pioneiros na construção da Universidade.

Alguns relatos do presente livro contemplam também o início dessa nova linha de trabalho da Reitoria Digital, que culmina com a criação de uma estrutura primordial: o Centro de Memória da UFG. Assim como a Reitoria Digital dá o exemplo nesta obra sobre a organização do setor, esta poderia ser uma conduta adotada por toda a Universidade, pois a celebração da memória é também a valorização de pessoas, de percursos, de fatos e de conjunturas que são parte da dinâmica de uma instituição.

Pablo Fabião Lisboa

p.05

Este livro é um registro narrado sobre o nascimento e os primeiros anos da Reitoria Digital da Universidade Federal de Goiás (UFG). Passados mais de cinco anos da existência do setor, coube criar um documento que servisse de instrumento de memória institucional e que desse voz aos profissionais que contribuíram, cada um à sua maneira, na construção da Reitoria Digital, aproveitando as nuances das percepções da equipe. Contra o esquecimento institucional, apresentamos um livro de registro e, contra uma descrição superficial, apresentamos a diversidade de relatos.

Imbuídos do espírito de inovação na gestão, produzimos algo que consideramos diferente, pois um livro construído com um texto único a partir de uma descrição geral seria óbvio demais e perderia a riqueza e a autenticidade da diversidade de olhares que a equipe tem. Por isso, lançamos mão de um conjunto de entrevistas que, transcritas, descrevem esse novo setor da UFG, sob a ótica de seus realizadores. No conjunto, o leitor reconhecerá os fios que ligam todos os relatos e não deixará de desfrutar da narrativa singular de cada colaborador.

Cumpramos destacar sobre o que motivou a criação da Reitoria Digital da UFG. Podemos dizer que, enquanto acompanhamos com perplexidade o avanço do discurso de ódio no Brasil, que veio articulado com ataques às instituições de ensino superior e com

uma tentativa de descredibilização da ciência, pensávamos em contra-atacar para defender a UFG, que é um verdadeiro patrimônio do estado de Goiás. Para isso, elaboramos uma estratégia para dar mais divulgação a tudo que a Universidade produz, mas que nem sempre chega até a maior parte da população. Foi necessário ampliar o bom trabalho que já vinha sendo realizado e intensificar a transparência dos atos institucionais promovidos pela Reitoria com a cobertura das agendas públicas externas e internas.

Se com o reitor Edward Madureira e a vice-reitora Sandramara Matias Chaves a Reitoria Digital da UFG teve o suporte necessário para desenvolver uma assessoria efetiva e qualificada, somada à administração do canal UFG Oficial no YouTube, com a reitora Angelita Pereira de Lima e o vice-reitor Jesiel Carvalho ampliamos nossa capacidade de atuação, abarcando, além dos serviços já prestados, os projetos UFG Memória Relatos e as exposições institucionais. Ambos estão na base da criação do Centro de Memória da UFG, em elaboração no presente momento.

“A Reitoria Digital é uma necessidade no mundo contemporâneo”: a origem do novo setor

Pablo Fabião Lisboa

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Pablo Fabião Lisboa nasceu em 11 de março de 1981, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Formado em Design Gráfico e em Artes Visuais - licenciatura, é professor do curso de Museologia da UFG há 11 anos e foi o responsável pela criação e implantação da Reitoria Digital, projeto iniciado em 2019 e que ele coordena até os dias atuais. Seguindo sua trajetória de preocupação com a memória e o patrimônio, Pablo faz um relato detalhado desde a concepção da Reitoria Digital até suas principais ações nesses cinco anos, além de analisar a importância da presença digital da Instituição e da escuta realizada por meio das redes sociais.

p.07

Ana Paula Vieira de Souza Dias: *Como foi o contexto da sua vinda para Goiânia e chegada à UFG?*

Pablo Fabião Lisboa: Eu não conhecia Goiânia, nunca tinha estado perto do estado de Goiás. Pela minha formação em Design Gráfico e Memória e Patrimônio, eu fiz concursos em todo o Brasil na área de Design e Museologia. Fui aprovado aqui e sou

professor do curso de Museologia, que fica na Faculdade de Ciências Sociais da UFG.

Ana Paula: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na UFG?*

Pablo: Sou formado em Design Gráfico na Universidade Federal de Pelotas e em Artes Visuais - licenciatura. Dei aula de educação artística para meninos de quinta, sexta e sétima séries no estado do Rio Grande do Sul por mais ou menos um ano e meio e logo em seguida fui aprovado como professor temporário na Universidade Federal de Pelotas, onde lecionei no curso de Design Digital. Daí segui a carreira. Naqueles dois anos como temporário, fui fazendo concursos em todo o Brasil e dei a sorte de ser aprovado em Museologia aqui na UFG e no curso de Design Industrial em Curitiba, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Não tive dúvidas para onde ir, por conta da natureza do povo goiano, da característica de acolhimento do povo sertanejo. Eu me identifiquei muito quando cheguei a Goiânia para fazer o concurso. Sou muito feliz aqui, já comi muitos quilos de pequi e já me tenho como um “goiúcho”. Essa formação acadêmica básica foi depois sucedida pelo mestrado em Memória e Patrimônio na Universidade Federal de Pelotas, que me abriu então para o campo da Museologia, do patrimônio cultural, muito embora eu já tratasse desses assuntos. Fiz parte do Conselho de Cultura de Pelotas, do qual fui vice-presidente e consegui ter a maior votação daquele pleito, em 2008. Fui assessor parlamentar de comunicação, sempre atuando em comunicação e patrimônio, e fui secretário do Bicentenário do município de Bagé, no Rio Grande do Sul. Nesse cargo, eu tive a oportunidade de lidar com esse tema em variados níveis, desde um churrasco para deputados federais do Rio Grande do Sul em Brasília, que presentearam o município de Bagé com emendas parlamentares nas áreas da Saúde, do Esporte, da Educação; até uma negociação com uma padaria bem singela para fazer o bolo dos 200 anos da cidade. Então, a minha condição de secretário do Bicentenário durante dois anos em Bagé foi uma escola para lidar com a diversidade em diferentes níveis, sempre focado na questão do

patrimônio cultural e da memória. Isso talvez tenha me ajudado a chegar aqui e conseguir exemplificar os projetos e as ações de patrimônio junto aos alunos de Museologia.

Ana Paula: *Então você já estava há cerca de seis anos na UFG quando veio o convite para a criação da Reitoria Digital. Como foi esse convite e o processo de concepção do setor?*

Pablo: É muito legal fazer esse resgate. Eu entrei aqui como mestre, porque no contexto do Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], foram criados muitos cursos de Museologia. Hoje são 15 no Brasil. Então, por não ter muita formação em mestrado e doutorado nessa área no País, o concurso de Museologia aqui conseguiu aprovar mestres. Eu e o professor Glauber [Glauber Guedes Ferreira de Lima] entramos no mesmo concurso como mestres, por conta da ausência de formação doutoral nessa área, em larga escala. Então, eu entrei como mestre e existe na universidade uma divisão bem demarcada entre quem tem mestrado e quem tem doutorado. Quem tem mestrado, eu digo que é o “baixo-clero”, possivelmente não vai estar em programas de pós-graduação e, por isso, não vai ter um certo tipo de produção e um certo tipo de acesso a recursos. A universidade é bem hierarquizada nesse sentido. Eu fiz meu doutorado na casa, no Programa de Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG, tratando de museus e tecnologias, orientado pelo professor Cleomar Rocha. Então, até o momento do doutorado, eu fui coordenador do curso de Museologia, mas ainda estava travado nessa hierarquia de ser mestre. Eu concluí o meu doutorado em fevereiro de 2019 e, ali, eu já tinha uma forte relação com o professor da área de Sociologia Ricardo Barbosa ¹, que é o meu colega de sala na Faculdade de Ciências Sociais, com quem eu tenho uma profunda reflexão sobre o mundo e uma grande aproximação sobre os grandes temas. Ele me apresentou o professor Edward Madureira ², para quem, na campanha de 2018 à Reitoria, eu já tinha feito alguns comentários sobre as necessidades que a Universidade tinha, na sua dimensão institucional, de dar maior vazão e transparência à agenda da Reitoria. Eu fiz esses comentários com o professor

Edward, por meio dessa interlocução com o professor Ricardo, e saí para o meu doutorado. Quando eu retornei para Goiânia, o professor Ricardo me consultou novamente sobre a possibilidade de eu dar mais alguma ajuda na definição do que seria essa assessoria de comunicação para a Reitoria. Despretensiosamente, escrevi quatro páginas e entreguei para o professor Edward e para o professor Ricardo. Em seguida, eles me lançaram o desafio. Na época, a professora Daiane Stasiak era a secretária de comunicação; cargo ocupado anteriormente pelo professor Magno Medeiros. Pessoas muito gabaritadas para o serviço, mas que, por vários motivos, um dos principais a falta de time, não conseguiram criar essa assessoria de comunicação mais próxima à Reitoria. Foi aí, então, que foi feito o convite para que eu coordenasse esse setor e ajudasse a desenhá-lo. Em julho de 2019, eu assumi enquanto secretário ainda do Gabinete Digital, que foi a primeira ideia. Aquele primeiro mês, de julho a agosto, foi o mês de elaboração e reflexão sobre o que seria esse setor, qual a sua missão e qual o seu desenho institucional. A gente montou um primeiro time, que contava com a jornalista Versanna Carvalho, que hoje atua na Secom [Secretaria de Comunicação], o produtor gráfico e designer Eurípedes Júnior e a técnica-administrativa Roberta Basile. Esse foi o primeiro time, em agosto de 2019. Com a chegada da jornalista Ana Paula Vieira em janeiro de 2020, tivemos algumas mudanças, pois foi sentida uma grande falta desses profissionais que atuavam na Secom e eles tiveram que retornar. Mas a gente precisava de um time de fato. Além da jornalista Ana Paula Vieira, contávamos também com uma bolsista profissional que, na época, era a jornalista Marina Sousa. Depois chegou o profissional Fabrício Soveral, que é jornalista. Por último a gente tem a chegada do analista de Tecnologia da Informação Murilo Franco e, atualmente, contamos também com três bolsistas profissionais que nos auxiliam em todas as tarefas da Reitoria Digital.

Ana Paula: *E como era o contexto quando você chegou? Já tinha sala, equipamentos?*

Pablo: É importante mencionar que o fundamento da Reitoria Digital é uma necessidade do mundo contemporâneo, da era das tecnologias digitais. Porém, tínhamos uma necessidade específica, que era contra-atacar e se defender dos ataques às universidades públicas federais, naquele contexto ainda do antigo Governo Federal ³. Chegou a ser ventilado que as universidades só serviam para a produção de drogas. Como contra-ataque, a gente decidiu então instituir um setor que desse mais visibilidade ao que a Universidade faz. Até então, eu intuía que a universidade é algo consagrado, que todo mundo respeita. Mas a gente viu, principalmente em 2019, que não era bem assim. Muitas pessoas “desentusiasavam” seus filhos a ir à universidade. Muitas pessoas embarcaram nessa furada que é o combate à educação e à ciência. Então, esses foram alguns dos fundamentos: a ausência de cobertura das atividades institucionais e o ataque às universidades públicas federais. Talvez tenha sido aí o gatilho para que os gestores pudessem, então, investir no setor de assessoria de comunicação, que foi a Reitoria Digital. Nesse contexto, também há uma diversidade de canais que atualmente uma única instituição pode ter. Nas mídias clássicas como jornal, rádio e TV, a gente tinha muito bem definidos os tempos, os horários, o tipo de conteúdo, a quantidade de caracteres, a quantidade de fotos. Hoje, com o mundo digital, tu podes ter cinco perfis de uma mesma instituição com conteúdos que são praticamente os mesmos, mas performados de forma diferente; pode ser por meio de uma piada, de uma nota, de uma matéria ou de um vídeo. Hoje o mundo das redes sociais possibilita que a gente tenha uma diversidade de ferramentas para lançar uma mesma mensagem. Então, ter um perfil como o UFG oficial, um perfil da Reitoria da UFG, junto com o perfil da Rádio Universitária e com o perfil da TV UFG, um não atrapalha o outro e, sim, contribui. Inclusive, a gente tem processos de replicar uns aos outros. Na época, não tinha nenhuma sala disponível e para mim era muito importante que uma assessoria de comunicação, para dar certo, estivesse próxima ao gestor. Então a gente ocupou uma sala de reuniões no Gabinete, colocando computadores, *backdrop* ⁴ e estrutura para dar conta de fazer essa assessoria. Hoje nós estamos, penso eu, a uns 20 metros do Gabinete da Reitoria, o que nos dá uma condição de agilidade para atender a reitora e o vice-reitor. Não tinha nenhum equipamento. Tão logo o Edward determinou a criação da Reitoria Digital, a professora Sandramara Matias Chaves ⁵ entrou para estruturar, ajudar no mobiliário e na

aquisição de tecnologias. A gente não comprou nada. Fizemos um pedido para algumas pessoas e o professor Gilson ⁶, do LabTIME, que é um dos padrinhos da Reitoria Digital, doou algumas máquinas que já estavam obsoletas para o tipo de material que ele produz, mas que, para nós, eram suficientes.

p.10

Ana Paula: *Quais foram as primeiras definições para a Reitoria Digital?*

Pablo: A gente teve aproximadamente de um mês a um mês e meio para elaborar isso. Fizemos muitas reuniões que tiveram a participação da Versanna, da Roberta e, às vezes, do professor Tasso ⁷, do Eurípedes, do Leandro ⁸ e do professor Ricardo Barbosa. A professora Sandramara e o professor Edward participavam nas linhas gerais do que deveria ser feito. O nome Reitoria Digital surgiu de uma dessas reuniões, de um diálogo feito pelo Eurípedes Júnior, por mim e pelo Leandro Pinho. O Leandro considerou que o nome Gabinete Digital seria muito abrangente, porque Gabinete Digital pode ser de qualquer instituição, mas reitoria, que é uma palavra muito específica das universidades, comunicaria melhor. A partir daí, o Leandro fez um primeiro desenho da marca da Reitoria Digital e o Eurípedes, as primeiras aplicações nos produtos visuais que a gente tinha. Eu acho que foi uma grande sacada a gente chamar de Reitoria Digital porque o nome Reitoria é bem descritivo do espaço sobre o qual a gente está produzindo material; e o digital é uma grife interessante, principalmente porque a gente vive na era digital, dando um aspecto moderno e causando impacto no público. Eu concebo, ainda, que a Reitoria Digital pode caminhar para um conjunto de serviços que a comunidade interna pode acessar, seja para pegar seu diploma, fazer uma agenda com os pró-reitores, a reitora ou o vice-reitor; esse conjunto de serviços pode estar dentro desse guarda-chuva que é a Reitoria Digital. Hoje, ela é uma assessoria de comunicação com esse nome, mas ela poderá avançar para uma espécie de canal de contato para todos os serviços que a Reitoria pode oferecer. Isso é algo que pode ser vislumbrado para o futuro. Hoje, ela é um setor de

assessoria de comunicação que conta com outros tipos de serviços também, como exposições institucionais e o gerenciamento, treinamento e divulgação do canal oficial da UFG no YouTube.

Ana Paula: *Dentro dessa concepção, quais foram as primeiras ações implantadas pela Reitoria Digital?*

p.11

Pablo: O mínimo planejamento foi possível em um mês e meio. A gente tinha a noção de que era necessário estar presente nas redes sociais. A presença digital dos aspectos e dos atos da Reitoria era muito importante. A gente começou com perfis no Instagram, no Twitter e no Facebook, além de uma página vinculada ao portal da UFG - reitoriadigital.ufg.br -, em que temos a organização e o arquivo de todas as notícias, que também vão para as redes sociais. No início, uma das discussões era se o conteúdo seria igual para as redes e para o site, e a gente decidiu entregar o máximo possível nos dois espaços. Atualmente, muitas revistas, jornais e até assessorias de comunicação dão só uma síntese do que é a matéria e pedem para que as pessoas acessem o site. Decidimos não fazer isso, como forma de ser mais efetivo na comunicação; e eu acho que a gente foi bem-sucedido nessa estratégia que segue até hoje. Evidentemente, às vezes, a gente precisa de uma matéria mais aprofundada e não tem como entregar isso nas redes sociais por conta do limite de caracteres de cada rede; mas são casos específicos, não é a nossa regra.

Ana Paula: *Logo após a criação da Reitoria Digital, esse tempo de elaboração, a criação das primeiras redes sociais e a chegada dos primeiros servidores, veio a pandemia de covid-19. Como foi esse momento? Quais foram os desafios e as mudanças que surgiram desse processo?*

Pablo: Parecia que sabíamos que ia acontecer a pandemia, porque a Reitoria Digital foi muito importante durante o período pandêmico, quando precisamos fazer o isolamento social. A Reitoria Digital era o canal que estava pronto para fazer as comunicações institucionais. A gente teve o lançamento de notas técnicas da comissão

de saúde para que tivéssemos o afastamento social e, posteriormente, o estabelecimento do ensino remoto emergencial. O professor Edward fazia uma *live* ⁹ toda quinta-feira, coordenada por nós, que aconteceu no Instagram e também no YouTube. Ele convidava pessoas e as entrevistava. Essas transmissões tiveram muito sucesso. Chegamos a ter, no Instagram, 500 pessoas assistindo de forma concomitante a uma *live* após reunião do Conselho Universitário que estabeleceu o ensino remoto emergencial. É interessante, porque aquilo foi um bombardeio de informações; o professor Edward manteve a calma, conseguiu comunicar e fazer uma interação com o público. Dentro desses 500 perfis de audiência que tivemos nessa *live* específica, a gente teve uma diversidade de opiniões, inclusive algumas críticas. Então, o professor Edward e a gestão conseguiram, de uma forma muito rápida, durante uma hora de transmissão, fazer uma escuta das críticas que aconteciam. Se não tivéssemos esses canais de comunicação, a crítica ia acontecer e a gestão não ia ficar sabendo. Claro que não é a totalidade da crítica, as redes sociais são sempre parciais, não são a verdade exclusiva e totalitária, mas é um processo de escuta. Eu costumo dizer que a Reitoria Digital trabalha com a voz e a escuta institucional, pela condição das redes sociais de receberem comentários e de a gente ter, no nosso *inbox* ¹⁰, mensagens em que as pessoas fazem solicitações e colocam as suas opiniões. Quase todos os dias, nas nossas redes sociais, estudantes, professores, técnicos-administrativos ou pessoas da comunidade externa fazem perguntas de forma não burocratizada e atendemos. É interessante resgatar essa ideia de voz e de escuta institucional para que não percamos um paradigma contemporâneo de comunicação, que é falar e escutar para melhorar a fala.

p.12

Ana Paula: *E na história da estruturação da Reitoria Digital, com a pandemia de covid-19, surgiu uma demanda enorme que foi o gerenciamento do canal da UFG no YouTube. Como foi esse processo?*

Pablo: Quando a gente teve que fazer o afastamento social, por força da pandemia, nós tínhamos cerca de seis mil seguidores no canal UFG Oficial no YouTube e a comunidade universitária precisava continuar trabalhando. Foi então que começaram a

chegar mais demandas. À época, era a Secretaria de Comunicação que coordenava as produções do YouTube e isso ficou sobreposto à grande quantidade de trabalho que a Secom já tinha. Fizemos uma reunião com o secretário de Comunicação da UFG, Salvio Juliano, a diretora da Rádio Universitária, Márcia Boaratti, a diretora executiva da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural, que tem a concessão da TV UFG, Silvana Coleta, e eu, como coordenador da Reitoria Digital. Houve uma discussão e eles viram na Reitoria Digital um potencial para coordenar esse processo. Como nós estávamos em fase de construção e crescimento, ainda não tinha muito bem delineado tudo que a gente ia fazer. Coube a mim, então, pegar essa responsabilidade e, junto à Gestão Superior, organizar a administração do canal oficial da UFG no YouTube, que continua contando, é bom ressaltar, com a participação da Secom e da TV UFG. Existem produções que requerem uma atuação conjunta, então a gente faz isso de forma colaborativa, mas a Reitoria Digital assumiu para si a condição de organizar tudo isso. Estabelecemos um protocolo em que as pessoas mandam um e-mail para reitoriadigital@ufg.br descrevendo a *live*: nos informam o título, a data, o horário e o responsável. A partir disso, nossa equipe rapidamente já coloca na agenda disponibilizada no site da Reitoria Digital e forma um grupo de WhatsApp onde todos os participantes da produção e da própria *live* unificam a comunicação. Temos tido muito sucesso nesses grupos porque, ao unificar a comunicação, a gente otimiza o tempo. De lá para cá, tivemos que ampliar a equipe com bolsistas profissionais e hoje ¹¹ temos duas pessoas nessa função, que são o Henrique Moreira e a Marília Sabino. Antes, tivemos ainda o Wesley Menezes e a Lais Dias cuidando disso e todos do time já se envolveram de alguma forma nessa organização das transmissões. A gente dá o treinamento sobre como fazer a *live*, para as pessoas não ficarem dependentes da Reitoria Digital. Ensinamos como utilizar as ferramentas, como ter melhores enquadramentos e iluminação, como começar uma *live*, como fazer seu desenvolvimento e como finalizar. A partir daí, com a rica produtividade da Universidade Federal de Goiás, a gente naturalmente cresceu e passou de seis mil seguidores para hoje, julho de 2023, 46 mil e 300 seguidores. Isso

certamente é resultado do trabalho da Reitoria Digital, mas, principalmente, dos professores e dos pesquisadores da Universidade e dos setores que trabalham colaborativamente conosco.

Ana Paula: *Quais produtos a Reitoria Digital oferece atualmente? Como foi a evolução dessas tarefas?*

Pablo: De forma panorâmica, a gente pode dizer que começou, em agosto de 2019, fazendo matérias, imagens e vídeos como assessoria de comunicação para transmitir os atos institucionais. Em março de 2020, a gente assumiu o canal da UFG no YouTube. Com a chegada da professora Angelita Pereira de Lima e do professor Jesiel Freitas Carvalho à Reitoria, a gente assumiu também a tarefa de fazer exposições institucionais, pela condição que eu tenho de professor da Museologia focado na área de comunicação patrimonial. Então, a gente fez a exposição "UFG na luta contra a covid-19", que reuniu sete projetos de destaque no combate à pandemia. No ano de 2023, a gente teve a exposição sobre o jornal "O 4º Poder", apresentando sete capas desse periódico que foi veiculado e produzido nos primeiros anos da UFG. Foi uma exposição contemplativa e experiencial, porque além das capas, também simulamos uma banca de jornal e imprimimos duas mil cópias de uma das edições para que as pessoas pudessem levar para casa, ler esse jornal e rememorar algo que não é tão corriqueiro hoje, que é o jornal impresso. Agora estamos trabalhando para a construção da exposição dos 125 anos da Faculdade de Direito ¹², que antecede a criação da Universidade Federal de Goiás. A partir de então, a gente tem várias unidades nos procurando para que a gente faça essas exposições institucionais, como é o caso da Emac [Escola de Música e Artes Cênicas], que vai completar 75 anos, e da Faculdade de Educação Física e Dança, que também está promovendo uma exposição com o nosso auxílio de resgate histórico. Temos também a previsão de fazer a exposição dos 50 anos da Faculdade de Enfermagem, que promete ser muito importante, principalmente por conta da covid-19. Hoje, a gente não tem o Museu da UFG, mas a gente está dando conta, por meio da Reitoria Digital, de dar esse auxílio de demarcações e resgate de boa parte da memória da Instituição. Um outro projeto

que a gente inaugurou esse ano é o UFG Memória, baseado na coleta de relatos históricos de pioneiros da UFG, decanos das Unidades Acadêmicas, diretores e aposentados. A ideia é resgatar, a partir da história oral, a história das pessoas e, por conseguinte, da Universidade Federal de Goiás. A projeção é de, em cinco anos, lançar cinco temporadas, sempre no aniversário da UFG, que é no dia 14 de dezembro. Neste ano de 2023 a gente vai lançar a primeira temporada do UFG Memória no canal oficial do YouTube. Não tem um número fechado de entrevistas, a gente começa sempre em março e vai até outubro. O método é entrevistar pessoas e, a partir dos relatos, chegar a outras pessoas importantes. Então, há uma curadoria que nasce com uma primeira missão de resgatar a história da UFG a partir de relatos dos mais antigos, mas, a cada entrevista, ajustamos a curadoria. Pretendemos, em cinco anos, entrevistar boa parte desses pioneiros aposentados, diretores e decanos para cumprir com a missão de resgate dessa Instituição que já vai fazer 63 anos e se vê na necessidade de contar sua história.

p.14

Ana Paula: *Os depoimentos do UFG Memória sairão apenas em vídeo?*

Pablo: A metodologia é que a gente não tenha um tempo determinado para cada entrevista, com o objetivo de gerar arquivo, um produto de memória. Então, ao entrevistar um professor ou um técnico-administrativo, a gente vai gerar um arquivo para que outros profissionais possam acessar esse material, inclusive extraindo trechos para fazer livros, documentários, exposições e outros subprodutos. A nossa equipe também está fazendo a transcrição desses relatos para entregar o texto ao pesquisador que depois vai explorar os nossos materiais. O *insight* ¹³ para que a gente fizesse o UFG Memória e as exposições institucionais foi porque a professora Angelita, que é jornalista, sentiu a ausência, logo que chegou ao cargo de reitora, de documentos que contassem a nossa história. Por mais que o Cidarq [Centro de Informação, Documentação e Arquivo da UFG], a Casa de Memória e o Museu Antropológico também cumpram com uma função de resgate da memória e façam um excelente trabalho, ainda existe a ausência desses arquivos e o método de busca é sempre muito precário, porque nem tudo está digitalizado. Por isso, ela pediu as

exposições institucionais e, ao fazê-las, também senti falta desses arquivos. O UFG Memória é também para subsidiar as exposições e as exposições são para subsidiar o resgate da memória e da história da UFG.

Ana Paula: *Você mencionou as exposições como uma ação dessa gestão. Fale um pouco sobre como é trabalhar na Reitoria e como é a relação da Reitoria Digital com os gestores e a pauta institucional.*

p.15

Pablo: Existe uma complexidade nas assessorias de comunicação, porque elas são compostas por profissionais formados para esse fim, que são exímios entendedores de uma gramática visual, da produção textual, da transmissão de informações e das performances de comunicação que um gestor precisa ter. No entanto, nem sempre os gestores gozam, como é o caso da professora Angelita, que é jornalista, dessa formação. Nem todos sabem exatamente como fazer um pronunciamento, porque eles são representantes e, para serem representantes, eles não precisam ser especialistas em comunicação. A gente tem um parecer do que fazer em comunicação que nem sempre é acolhido pelos gestores, então é importante que a gente deixe clara a ideia de assessoria de comunicação como um setor para sugerir e auxiliar o gestor na melhor performance de comunicação. O setor de comunicação não pode estar acima do gestor. Então, a assessoria de comunicação tem que auxiliar naquilo que o gestor não consegue dar conta e apresentar novas opções. É isso que a gente tem feito. O nosso time na Reitoria Digital é bastante multidisciplinar, um componente que enriquece muito as equipes. A gente tem jornalistas gabaritados: o trabalho da Ana Paula Vieira e do Fabrício Soveral é fundamental, porque é a segurança de um bom texto e de uma boa descrição de uma reunião, ou da transmissão de um assunto delicado que a gente possa vir a ter na Reitoria. Os canais de comunicação de Goiás e também do Brasil acessam a Reitoria Digital para saber o que o gestor está pensando. Isso é uma grande vitória para nós, que já fomos citados diversas vezes na imprensa local. Junto a esses jornalistas, a gente tem outros profissionais, como o Murilo Franco, que se agregou no ano de 2020 à Reitoria Digital, é analista de tecnologia da informação e ajuda muito na edição e produção de vídeos, além da análise de como a

gente deve caminhar com o nosso canal no YouTube, que é um sucesso. Hoje, o canal da UFG goza da primeira colocação do ranking das universidades públicas federais no YouTube. Isso é motivo de orgulho para nós, para a Universidade Federal de Goiás e para as universidades brasileiras. Hoje, as pessoas querem acessar o conteúdo na fonte, sem os jornais mediando a universidade e a população. A gente tem os nossos canais, que conseguem entregar de uma maneira mais original, digamos assim, as informações relativas à universidade. Junto ao Murilo, à Ana Paula e ao Fabrício, que são técnicos-administrativos concursados do quadro da UFG, a gente teve a estratégia de ter terceirizados: três bolsistas profissionais a partir de um projeto de pesquisa que eu coordeno. As bolsas, atualmente ¹⁴, são ocupadas pelo Henrique Moreira, que é museólogo e arquiteto; pela Nathália Alves, que é jornalista, e pela Marília Sabino, que é Relações Públicas. Essa diversidade do time faz com que a gente tenha uma riqueza nos encaminhamentos em termos de informação e comunicação. O Henrique coordena essa parte de fazer uma varredura nas notícias, um *clipping* ¹⁵ feito “no braço”, em que a gente fica monitorando os perfis de redes sociais dos jornais onde pode ser veiculado algum assunto relativo à Universidade. Ali a gente rapidamente faz a escuta. Se for um assunto mais sensível, a nossa equipe faz uma leitura pormenorizada e informa o gestor a respeito. Se precisa dar uma resposta, a gente faz uma nota. Se a gente acha que não precisa, a gente fica monitorando para ver a sentimentalização da rede a partir dos comentários. Os ataques às universidades continuam por um grupo que acha que a ciência e a educação são maléficas para a sociedade. Por outro lado, a maioria acredita que a Universidade é um grande patrimônio do estado de Goiás e do Brasil e que a gente precisa investir nela para que tenhamos edificação social, para que as pessoas possam se tornar cada vez mais cidadãos e para que a gente tenha progresso.

Ana Paula: *Você mencionou as análises de rede e os infográficos, trabalhos que tiveram a participação de estagiários. Como é a relação com eles e como foi o desenvolvimento desses produtos?*

Pablo: É importante destacar que a Reitoria Digital tem uma boa característica laboratorial. Nós não estabelecemos uma missão e ficamos apenas com ela; a gente está sempre em um processo de escuta e diálogo permanente com os diversos setores da Universidade, principalmente com a Reitoria, para acolher novas demandas. Para atender essas novas demandas, me parece salutar que a gente tenha times complexos e acolha estagiários de diversas áreas. Quanto aos infográficos, pela minha característica de designer, eu fiz alguns, mas também tivemos estagiários de Design que fizeram e hoje a gente conta, a cada semestre, com estagiários de Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais. Também tivemos, em algumas oportunidades, estagiários do curso de Gestão da Informação, que investiram na análise de redes sociais. Isso foi muito bom. Hoje a gente não conta com um profissional específico de Gestão da Informação, mas me parece produtivo que a gente conte com esses profissionais, sejam estagiários ou servidores do quadro. A análise de redes sociais é sempre parcial, mas é importante para fazer a escuta institucional. A gente conta sempre com bolsistas e estagiários da área do Jornalismo mas tentamos acolher outras áreas também, como Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e áreas correlatas, para dar conta de executar projetos complexos como as exposições institucionais, o UFG Memória, coordenação do YouTube e a própria tarefa básica de assessoria de comunicação da Reitoria Digital. A gente contou com outros bolsistas profissionais, como Wesley Menezes, Lais Dias, Marina Sousa, Thais Lucena e Augusto César Araújo. Eu acredito que essa característica laboratorial da Reitoria Digital cumpre um papel com esses profissionais que não são do quadro também, porque é uma bolsa mediana, que cabe muito bem para um profissional em início de carreira. A gente conta com esse profissional que ajuda e deixa um legado para a Reitoria Digital, mas ele também dá continuidade ao seu processo de formação e vai para o mercado de uma maneira mais qualificada, além de levar alguns valores da essência da universidade, de edificação, de progresso e de lutas sociais, da busca por uma sociedade mais justa e por uma ampliação do ensino para as parcelas que ainda não tiveram acesso à universidade. Tem um período médio de participação desses bolsistas profissionais que é variável, mas à medida que eles vão galgando novos espaços, deixam a Reitoria Digital e vão cumprir o seu papel em outras instâncias. Assim, a gente também recicla o time, sempre renovando as características do setor.

Então, a gente conta com três servidores do quadro e três bolsistas profissionais. Eu acho que essa equalização é muito salutar para nós, sempre defendendo a importância dos profissionais concursados. Estamos sempre em busca de concursos para a área da comunicação, no entanto, às vezes, esse recurso é maior do que contratar um bolsista profissional. Então, nem só de bolsistas profissionais se faz o setor, mas também nem só de técnicos-administrativos. A gente tem uma boa relação e uma boa produtividade com esses bolsistas recém-formados que chegam a nossa equipe através de seleção.

Ana Paula: *Nesse período, também foi feito o dossiê “O discurso anti-ciência nas redes sociais na internet”. Fale um pouco sobre esse trabalho.*

p.17

Pablo: Em 2020, na esteira dos ataques às universidades públicas federais e à ciência, eu e o professor Ricardo Barbosa organizamos uma chamada pública para um dossiê na Revista UFG. À época, a pró-reitora de Extensão e Cultura Lucilene Sousa acolheu de pronto e nos auxiliou na condução dessa chamada, que teve proposituras de ensaio visual e de artigos sobre esse cenário. Tivemos uma série de submissões que versaram sobre o tema dos ataques às universidades federais e à ciência. Teve um trabalho que eu me lembro agora, que foi bastante contundente, de um grupo de pesquisadores que frequentava há algum tempo grupos de WhatsApp e Telegram de pessoas bolsonaristas e anti-ciência. Eles fizeram uma pesquisa, equalizaram essa análise e viram um padrão de organização que estava em consonância com a agenda política do Governo Federal. Estou destacando aqui um dos artigos, de tantos outros. O Fábio Malini, que é um expoente, hoje, na análise de redes sociais, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, foi um dos que submeteu um artigo também muito interessante nessa análise de redes. A gente também teve um artigo importante do professor Magno Medeiros e do servidor da Secretaria de Comunicação da UFG, Leonardo Rézio, que falou sobre como as redes sociais colocam no mesmo parâmetro o discurso do cientista, que é gabaritado, e o discurso de uma pessoa que desconhece o tema, e como essas informações são rivalizadas nas redes sociais. A gente já não tem uma hierarquia de informação como tinha antes das redes sociais, então a Reitoria

Digital também significou “dar a cara a tapa”. Eu considero que foi um ato de coragem do professor Edward e da professora Sandramara estabelecer esse canal aberto e franco com a comunidade, porque as redes sociais são uma selva e eles poderiam sofrer muitos ataques. Mas, durante esse percurso de quatro anos, eu acho que a comunidade da Universidade soube muito bem defender o seu patrimônio, que é a UFG. Não tivemos muitos ataques nas nossas redes, mas sabemos que nos grupos e em outros canais eles ainda acontecem e precisamos estar atentos no sentido de cuidar da universidade que é um patrimônio público. A universidade é importante para a construção da cidadania e para a formação dos profissionais que vão atuar no mercado, por isso é algo que a gente tem que defender.

Ana Paula: *Dentre todos esses fatos e a evolução da Reitoria Digital nesses cinco anos, qual foi uma ação entre as mais marcantes que você desenvolveu ou acompanhou na RD?*

p.18

Pablo: Acho que o que mais me marca nesses cinco anos de Reitoria e de Reitoria Digital é aquilo que me marcou quando eu optei por Goiânia e não por Curitiba, que é a capacidade da coletividade da comunidade da UFG. Tudo que a gente consegue de resultados, seja no ranking das universidades mundiais, seja no ranking das universidades do Brasil, seja no sucesso de pesquisadores, de alunos, de técnicos-administrativos, da própria Reitoria, não se faz sozinho, se faz de maneira coletiva. Eu acho que a Reitoria Digital é um sucesso. Ela é um sucesso pela qualidade de todos os seus profissionais e principalmente por conta da colaboração que a gente tem com outros setores e com professores da própria Universidade. Então, se há algo marcante nesses cinco anos é a condição colaborativa da comunidade da UFG de dar as mãos nos momentos difíceis para preservar o ensino público, gratuito e de qualidade. O canal da UFG no YouTube ter 46 mil seguidores não é fruto de uma pessoa e não apenas do nosso setor, mas de toda a Universidade, que não para de produzir, é comprometida e muito qualificada. A gente precisa dar voz aos gestores, mas também ter sensibilidade para escutar e criar relações. A palavra integração é a palavra que norteia muito do meu trabalho e acho que tem que nortear muito do trabalho das

instituições hoje. Também gostaria de lembrar que a tarefa de um jornalista, de um agente de comunicação ou de um memorialista, um profissional de Museologia, de História, vai ser sempre parcial. Ele nunca vai conseguir pegar todas as nuances de um fato histórico, de uma pessoa ou de uma narrativa. A gente tem que ter clareza disso. De certa forma, é um pouco frustrante, porque está no DNA do jornalista a busca pela verdade e a transmissão das informações, dos atos públicos. Está no âmago da formação de um Museólogo a condição de resgate e de preservação da memória. Mas isso sempre vai ser parcial. Então, seja no Jornalismo, na Museologia, no Design, os recortes curatoriais precisam acontecer e eles sempre vão acontecer em detrimento de tantas outras informações. Acho que consegui narrar aqui um pouco do que foi a história da Reitoria Digital. Lançar mão da ferramenta de livro, de narrações, de relatos, me parece mais rico e mais sincero com a equipe e com a nossa audiência. Geralmente, se faz um livro descritivo, mas que ressona um pouco a questão do indivíduo. Estabelecer, ao término de cinco anos da Reitoria Digital, um livro dessa natureza, enriquece um pouco mais o que é esse projeto que foi elaborado por várias pessoas.

Notas

1. Secretário de Promoção da Segurança e Direitos Humanos da UFG. Para mais informações sobre as pessoas citadas durante as entrevistas, ver os agradecimentos ao final do livro.
2. Edward Madureira Brasil, reitor da UFG de 2006 a 2010, 2010 a 2014 e 2018 a 2022.
3. À época, o Brasil era presidido por Jair Messias Bolsonaro.

- 4.** Pano de fundo impresso em tecido, foto ou lona.
- 5.** Vice-reitora da UFG de 2018 a 2022. Para mais informações sobre as pessoas citadas durante as entrevistas, ver os agradecimentos ao final do livro.
- 6.** Gilson Oliveira Barreto, coordenador do Laboratório de Tecnologia da Informação e Mídias Educacionais. Para mais informações sobre as pessoas citadas durante as entrevistas, ver os agradecimentos ao final do livro.
- 7.** Tasso Leite, coordenador de Assuntos Institucionais do Gabinete da Reitoria.
- 8.** Leandro Pinho, então chefe de Gabinete adjunto do Gabinete da Reitoria.
- 9.** Transmissão ao vivo de áudio e vídeo na internet.
- 10.** Caixa de entrada de mensagens.
- 11.** Entrevista concedida em julho de 2023.
- 12.** Entrevista concedida em julho de 2023. A exposição sobre os 125 anos da Faculdade de Direito da UFG ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2023.
- 13.** Compreensão súbita e clara.
- 14.** Entrevista concedida em julho de 2023.
- 15.** Seleção de notícias.

“Entendi que eu seria a primeira jornalista do quadro permanente do setor”: os primeiros padrões jornalísticos da Reitoria Digital

Ana Paula Vieira de Souza

Pablo Fabião Lisboa

Introdução

Ana Paula Vieira de Souza nasceu em Goiânia, em 29 de julho de 1987. Formada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFG, iniciou o caminho profissional na própria Universidade, durante estágio na então Assessoria de Comunicação. Após várias experiências em outros estados e instituições, retornou à UFG como servidora no início da estruturação da Reitoria Digital e ajudou a construir essa história que chega ao quinto ano. O relato como egressa da Universidade deixa claro o orgulho de ser UFG e a gratidão pela formação recebida e pela oportunidade de contribuir como técnica-administrativa.

p.19

Pablo Fabião Lisboa: *Qual é sua formação profissional e quais foram suas experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Ana Paula Vieira de Souza Dias: Eu fiz Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na UFG entre 2005 e 2008 e, mesmo ainda não formada, eu gosto muito de falar da minha experiência na própria UFG, enquanto estagiária e bolsista, porque foi

um período muito legal. Em 2005 teve eleição para a Reitoria e, em 2006, começava um novo mandato, que era o primeiro mandato do professor Edward Madureira, quando ele fez grandes mudanças na comunicação. Eu falo com muito orgulho que pude acompanhar essas grandes mudanças muito de perto, como uma aprendiz mesmo. Eu era estudante do segundo ano de jornalismo quando estava sendo criado o Jornal UFG, que era um jornal impresso, de 16 páginas, com capa e contracapa colorida, miolo preto e branco, formato tabloide. Um belo dia, a professora Silvana Coleta, que era nossa professora da disciplina “Produção de Texto Jornalístico”, chegou na nossa sala e convidou alguns estudantes para fazer um teste para ser bolsista do Jornal UFG, do qual ela seria editora. Ela chamou três nomes, entre eles o meu. Foi uma surpresa. A gente fez um teste e eu passei para ser bolsista do Jornal. Então minha experiência, mesmo ainda não formada, começou ali, tanto na produção de texto, quanto com assessoria de comunicação, porque o Jornal era produzido dentro da antiga Assessoria de Comunicação da UFG, que hoje se chama Secretaria de Comunicação. Naquele contexto, eu não fazia apenas reportagens para o Jornal, mas também vivia o dia a dia de uma assessoria de comunicação. Ali eu comecei a aprender na prática o que eu via lá no curso, na teoria. Eu conheci a Universidade por meio das pautas. Entrei muito nova no curso, com 17 anos, e não tinha muita noção do que era a universidade, a universidade pública, a potência dos projetos de ensino, de pesquisa e de extensão; fiz muitas pautas legais para o Jornal e pude compreender melhor o contexto da UFG. Na primeira edição eu fiz a contracapa, que está até emoldurada na minha casa: foi uma matéria sobre um projeto de extensão da professora da então Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), Lisbeth Oliveira, chamado Pezinho de Jatobá, realizado no setor Shangri-lá. Eu adoro essa matéria assim como tantas outras da época do Jornal UFG, que tenho guardadas até hoje. Viver esse momento foi fundamental para a minha formação. Me formei em 2008 e também devido a essa experiência que eu tive na Ascom, fui indicada pelo professor Edward Madureira e pela professora Silvana Coleta para uma vaga de assessora de imprensa da Andifes, que é a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Essa posição estava aberta e eu acredito que devido ao meu desempenho e a minha dedicação na Ascom eu fui indicada para assumi-la. Lá fui eu de mudança para Brasília, com apenas 21 anos, antes mesmo da minha colação de

grau. Enquanto a Ascom e o Jornal UFG foram o meu laboratório na graduação, eu digo que a Andifes foi minha pós-graduação, entre aspas, porque foi outro grande aprendizado, com grandes questões. Fernando Haddad era ministro da Educação e uma das principais pautas dele naquele momento foi a proposição de um novo formato para o Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, que naquela época a gente chamava de “Novo Enem” e foi o embrião do que é, hoje, o Sistema de Seleção Unificada, o SisU. Ele propunha uma grande prova nacional, que pudesse democratizar um pouco mais o acesso às universidades, facilitar a participação dos estudantes em mais vestibulares, como eram chamadas as seleções à época, de forma que eles não precisassem viajar para participar de diversas provas. Acompanhei também outros grandes temas daquele momento, como intensas discussões sobre autonomia universitária e diversas questões envolvendo o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, que já tinha sido lançado (o ano era início de 2009 e o Reuni já tinha começado), mas ainda tinha muitas implicações e outras etapas em debate. Eu era assessora da Andifes, em 2010, quando passei no concurso para jornalista do Instituto Federal de Goiás, câmpus Itumbiara. Então a minha trajetória sempre foi de trabalhar em instituições de educação ou ligadas a ela. No Câmpus Itumbiara do IFG tive outra experiência muito interessante, porque ainda na esteira da criação dos Institutos Federais, incluída nas políticas de expansão do ensino superior do primeiro Governo Lula, os Institutos cresceram muito, criaram novos câmpus e eu fui a primeira profissional de comunicação do Câmpus Itumbiara do IFG, onde o desafio foi a estruturação de toda uma assessoria, então foi outra experiência muito legal. Depois fui para a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde ocorreu outra grande mudança profissional. Chegando lá, eles tinham uma demanda por um jornalista para trabalhar na TV Universitária, cujo canal já existia, permitido pela Lei do Cabo ¹⁶, mas mesmo já tendo produzido anteriormente, o Canal Universitário de Vitória estava sem produção naquele momento. Então foi outro desafio, a reestruturação da TV Ufes, que eu participei junto com a equipe da Superintendência de Cultura e Comunicação da Ufes. Eu ainda não tinha trabalhado com audiovisual e telejornalismo, só tinha feito as disciplinas na faculdade, então tive que estudar e foi muito interessante presenciar essa reestruturação. Tanto é que, lá na Ufes, eu fiz o mestrado e meu objeto de

pesquisa é a TV Universitária, considerando-a como uma TV pública, no viés da comunicação pública. Então lá eu fiz bastante coisa também, porque depois eu saí da TV, trabalhei com redes sociais, mas sempre ajudava na assessoria, produzindo conteúdos para site, revista de divulgação científica e fui a secretária de Comunicação substituta por alguns anos. Depois voltei para a minha casa, que é a UFG, onde cheguei como servidora em janeiro de 2020.

p.20

Pablo: *Então fale um pouco sobre os detalhes deste início de trabalho, você chegou na Reitoria Digital e em poucos dias o setor ficou nas suas mãos durante as férias do coordenador. Como foi esse momento, tanto no aspecto profissional quanto pessoal?*

Ana Paula: Primeiramente, eu estava muito feliz de voltar para a minha casa, porque com todo esse vínculo que eu contei até agora, a UFG virou parte da minha vida. Foi onde eu aprendi as bases de tudo que eu sei. Sou muito grata e, quando retornei como servidora, eu senti como uma oportunidade de retribuir tudo que eu tinha aprendido e vivenciado na UFG. Eu estava muito feliz de voltar e tinha informações esparsas de que eu ia para um setor novo e não para a Secom, que eu já conhecia. Era uma iniciativa diferente, porque a gente tem mais ou menos um modelo de assessoria de comunicação tradicional como setores ligados às Reitorias, que ficam próximo a elas, mas não exatamente dentro do Gabinete em si, e produzem aquele conteúdo geral sobre a universidade toda, de forma ampla. Naquela época, eu fiquei sabendo que eu iria para a Reitoria Digital, que era um setor dentro do Gabinete do reitor destinado a essa comunicação mais institucional e voltada à agenda da Reitoria, com o objetivo de acompanhar, dar publicidade e visibilidade às ações da Reitoria especificamente, enquanto a Secretaria de Comunicação ficava com as pautas gerais da Universidade. Então já achei diferente das minhas experiências anteriores e, quando cheguei, tinha o Pablo como coordenador e a Marina Sousa, que era bolsista profissional. Naquele momento, entendi que eu seria a primeira jornalista do quadro permanente do setor, apesar de ele já ter contado com a colaboração anterior da Versanna, servidora que veio “emprestada” da Secom. Fiquei curiosa, querendo saber como ia se desenvolver esse trabalho. O coordenador conversou um pouquinho comigo e disse que estava

saindo de férias. Eu pensei: “ok, vou aqui fazer o que eu sei”, ainda tentando entender um pouco do setor e, claro, trazendo a minha ideia de que, sendo dentro do Gabinete da Reitoria ou não, estamos na universidade federal, que é uma instituição pública. Por isso, no meu entendimento, eu continuaria trabalhando com comunicação pública e prezando pelos pilares de buscar a informação de interesse público, dar visibilidade a ela da forma mais ampla possível e estimular a participação da sociedade por meio dos conteúdos produzidos. Sempre trazendo esse senso de responsabilidade muito grande no sentido de que eu estou aqui para que as pessoas saibam o que é a UFG, para que serve a UFG, quais são as oportunidades que ela oferece. Por mais que eu estivesse acompanhando prioritariamente a agenda da Reitoria, tudo que é discutido na Reitoria é de interesse público porque as pessoas têm o direito de saber, o direito à informação, à comunicação, à transparência, de forma a ter conhecimento do que os gestores estão propondo para a Instituição porque, no fim das contas, a gente existe para prestar um serviço para a sociedade. Então eu me vejo nessa posição de transmitir tudo isso para as pessoas e por isso um senso de responsabilidade muito grande, pois a gente tem que responder ao interesse público, ao cidadão, que é o que importa.

p.21

Pablo: *O setor foi criado a várias mãos e de forma intuitiva, às vezes. Mas também guarda suas complexidades e uma delas é a respeito da textualidade. Como foi a sua adaptação ao mundo digital e como constrói o texto para que ele possa cumprir com a sua missão institucional?*

Ana Paula: Eu lembro de perguntar ao coordenador, no início, sobre os padrões de texto adotados pelo setor, as questões técnicas mesmo. E aí eu descobri que não tinha muita definição porque ainda estava no início. O que pensei foi: ver como estava sendo feito e dar continuidade. Então isso tudo foi sendo desenvolvido naturalmente, à medida que a gente ia fazendo. Eu me considero uma pessoa muito exigente com o texto, então tento nunca perder de vista as questões técnicas mesmo: o lide, o que é notícia, a pirâmide invertida, a objetividade; imparcialidade não existe, mas a busca dela e de uma honestidade com o texto e com os leitores, tentando mostrar todos os

lados da questão. E, claro, observando também os parâmetros da comunicação pública que eu já comentei. Sobre o digital, foi realmente uma adaptação porque estava mais acostumada a escrever para sites e, já naquela época, deu para perceber que o carro-chefe eram as redes sociais. A limitação de espaço foi uma questão, porque nas redes os textos geralmente são mais curtos e a gente sabe que as pessoas correm o *feed* ¹⁷ rapidamente, provavelmente não lêem com toda aquela atenção; elas costumam ter um foco inicial nas imagens, que é o que as captura de maneira primária. Então eu sabia que eu não ia fugir dos critérios jornalísticos, mas teriam que ser textos menores. Até hoje continuamos seguindo esses padrões, mas passamos pela evolução das manchetes, pois no início publicávamos a foto e depois passamos a produzir uma arte com a foto e a manchete escrita sobre ela, além da cartola (que alguns chamam de chapéu). Para mim, tudo isso foi sendo internalizado aos poucos; no início eu ainda fazia, muitas vezes, uma versão maior do texto para o site e uma menor para as redes sociais. Atualmente, na maioria das vezes trabalho com apenas uma versão do texto, que vai para as redes e, às vezes, para o site, porque nessa evolução também passamos a filtrar mais o que vai para o reitoriadigital.ufg.br, já que o site tem uma característica mais perene e algumas notícias são mais rápidas e dinâmicas, adaptando-se melhor para as redes mesmo. Além da questão dos critérios jornalísticos, sempre prezo por aquilo que o coordenador sempre enfatizou: a voz institucional. Ou seja, dificilmente temos uma matéria sem a fala dos gestores envolvidos no assunto. Essa é uma questão muito importante, no sentido de que em alguns momentos essa palavra vem para tranquilizar a comunidade sobre algum fato, como aconteceu bastante durante o período da pandemia de covid-19. Naquele contexto, como em tantos outros, é importante ter esse amparo de o reitor ou a reitora falar, de forma que a fala do ocupante do cargo público confira ainda mais seriedade ao assunto e tranquilidade aos leitores, à sociedade e à comunidade universitária.

Pablo: *E como funciona, no dia a dia, o acompanhamento da agenda da Reitoria?*

Qual seu turno de trabalho e que ferramentas você usa para construir a matéria para depois ser publicada?

Ana Paula: Na Reitoria Digital, meu turno sempre foi o da manhã. Em relação às pautas, nosso primeiro crivo é a agenda da Reitoria. Por questões de transparência, garantidas pela Lei de Acesso à Informação, as instituições públicas são obrigadas a disponibilizarem as agendas dos gestores nos sites. Então a agenda da Reitoria está publicada e a Reitoria Digital faz esse acompanhamento mais profundo para trazer as notícias relativas aos compromissos da agenda. Eu chego no trabalho e a primeira coisa é abrir a agenda no site. Particularmente, também tenho o costume de olhar, na noite anterior, em casa, quais são os compromissos do dia seguinte para já ficar preparada para eles. A gente teve, principalmente no início, uma certa dificuldade para identificar, entre o que está marcado na agenda, o que é notícia. Às vezes, por limitação de espaço e da descrição possível ali na agenda, não dá para identificar prontamente se é um evento que devemos cobrir; então perguntamos e procuramos saber do que se trata. Quando algumas questões ainda são debates iniciais e não têm decisões fechadas, não necessariamente geram a divulgação de informações concretas. Eu converso muito com as pessoas responsáveis pela agenda, para apurar mais informações sobre os compromissos antes de ir para a cobertura. Considerando o trabalho presencial, a gente vai acompanhar a reunião e, desde quando cheguei na Reitoria Digital, estou usando apenas o celular. Eu já usava essa ferramenta mas muitas vezes ainda levava papel e caneta; agora uso apenas o telefone. No início do setor, a gente produzia o texto e a foto da publicação, com o celular mesmo. Atualmente, temos outra pessoa da equipe para fotografar, mas ainda assim eu costumo tirar uma foto para depois lembrar de todas as pessoas presentes. Também registro, às vezes, alguns slides apresentados e os nomes dispostos em prismas sobre a mesa, para não esquecer ou passar informações erradas. Antigamente eu usava o bloco de notas do celular, mas agora eu utilizo um grupo de WhatsApp cujo único membro sou eu. Ali é o meu “repositório”: anoto as coisas, gravo áudios, se preciso, e fica tudo registrado ali. Se eu quiser procurar uma pauta de um ano atrás, provavelmente ela vai estar lá no grupo. Depois, quando volto para o computador, a facilidade de não usar o papel é que as coisas já estão digitadas, então eu só copio e colo do meu grupo para o editor na nuvem, que é o Google Docs. A partir daí vou estruturar o texto. Quando eu saio da pauta, já tenho mais ou menos definidas as falas que eu vou usar e a estrutura da matéria. Sempre privilegio as falas, como já comentei,

e também procuro explicar de forma bem clara o que é aquela parceria, projeto ou ação que está sendo discutida. Envio o texto no grupo da Reitoria Digital no WhatsApp e peço a produção da manchete. Antigamente, a gente ainda esperava por uma aprovação do Pablo, mas à medida que a gente foi estabelecendo os critérios e adquirindo mais segurança, passamos a publicar de forma mais autônoma. A não ser que seja uma questão que a gente saiba que precisa de um olhar de alguém da gestão, já publicamos direto. Esse processo acontece de forma muito rápida, tanto é que um dos elogios frequentes à Reitoria Digital é a rapidez e agilidade nas divulgações.

p.23

Pablo: *Como é a interação com os colegas e como é a sua relação com a imagem, já que disse anteriormente dar muita ênfase ao texto?*

Ana Paula: Quanto aos colegas, a gente sempre usou muito bem, acredito eu, o grupo de WhatsApp da equipe da Reitoria Digital. Essa é uma coisa que ainda envolve muitas discussões sobre o uso profissional dessa ferramenta. A gente usa os próprios celulares e até legalmente acho que ainda precisa de avanços, mas sempre usamos muito bem o grupo, sem excessos, dentro dos horários de cada um, sem problemas. Então a gente sempre conversa ali, troca ideias, um ajuda o outro, pedimos opiniões sobre melhores ajustes nos textos e melhores fotos a serem utilizadas. Quanto às imagens, eu particularmente considero que tenho dificuldade com a imagem, não é minha especialidade dentro da comunicação, ainda que nos primeiros tempos a gente fizesse o texto e a foto. Então eu acredito que eu não faço tão boas imagens quanto eu faço bons textos, mas sempre me esforço e tento superar alguns desafios comuns como a iluminação de alguns locais e a dificuldade de todos os atores aparecerem nas fotos. Falando de forma bem pessoal, é uma dificuldade para mim, mas depois foi evoluindo a partir do momento que a gente teve quem acompanhasse a gente nas pautas. Também acho interessante ressaltar que, ainda que eu fosse uma excelente

fotógrafa, para qualquer profissional que for um excelente fotógrafo e um excelente redator, é difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo e é grande a chance de uma coisa ou outra se perder, então o ideal é que sejam duas pessoas nas coberturas.

Pablo: *Quais desafios enxerga para o futuro da Reitoria Digital?*

Ana Paula: Eu acho que um dos desafios que a gente tem é ir além do *post* ¹⁸ no Instagram, que ainda é o nosso carro-chefe. Já temos ações super interessantes como o Boa Semana UFG, um programa da Rádio Universitária veiculado também na internet, agora com destaques publicados na lógica dos *reels* ¹⁹ do Instagram. Também divulgamos vídeos preparados especificamente para as redes sociais como um pronunciamento institucional a respeito de alguma questão importante do momento. Talvez a gente ainda tenha um desafio que é ultrapassar um pouco essa lógica do factual, que a gente já faz bem. A ideia do *podcast* ²⁰, por exemplo, que é muito utilizado atualmente e nós já gravamos alguns pilotos, mas ainda não fechamos um formato. Nesse sentido, às vezes eu acho que um desafio é não incorrer na lógica de falar somente para a própria gestão. Como fazer a informação institucional chegar ao cidadão? Então eu acho que a definição desse público tanto para o *podcast* quanto para outros produtos ainda é um desafio que a gente tem que pensar mais, para estimular mais a participação das pessoas como a gente já teve em outros momentos, como na pandemia. Como fazer com que essa participação ocorra de forma mais permanente mesmo e a gente se consolide como um canal de diálogo com a sociedade? Nós já promovemos essa troca, mas acho que o desafio é aprofundar isso. Outra questão, em se tratando de redes sociais, é acompanhar a velocidade com que elas mudam e com que as redes oferecem novas funcionalidades. São muitas mudanças e que acontecem muito rapidamente, então eu acho que esse é um desafio para qualquer profissional de comunicação da atualidade, principalmente para aqueles que trabalham com redes sociais.

Pablo: *Na sua história nos quatro anos da Reitoria Digital, você se tornou mãe. Como foi esse momento da licença maternidade e como isso influencia na sua atuação profissional?*

Ana Paula: Eu acho que uma coisa fundamental para um setor, já que estamos comemorando cinco anos e pensando esse livro como um registro da Reitoria Digital, é a importância de ter servidores de carreira, sem ficar à mercê de projetos esporádicos que têm começo e fim. Então eu acho que a Reitoria Digital ter se estruturado com servidores concursados e efetivos é uma questão muito importante. Olha só, em cinco anos, o quanto a gente já falou aqui de evolução. Se a gente não tivesse profissionais que acompanhassem isso, a cada troca de gestão, que é normal na estrutura da universidade, correria-se o risco de uma regressão. Então a garantia da continuidade com os servidores já é um ponto positivo para a Reitoria Digital, na minha opinião. Com essa estabilidade, nós temos outras oportunidades de realizar conquistas pessoais também, como foi a maternidade para mim. Eu engravidei em 2021 e o Nikola nasceu em 29 maio de 2022, de forma adiantada. Eu ia apresentar um Boa Semana UFG em uma segunda-feira, e ele nasceu na véspera, em um domingo. Sou muito grata e acho muito importante que a gente tenha esse tipo de possibilidade, porque os profissionais também crescem à medida que suas vidas pessoais crescem e evoluem, como é o caso de se tornar mãe, uma experiência que é super desafiadora, com a qual aprendo todos os dias. E eu acredito que, de certa forma, eu trago coisas diferentes para a minha vida profissional após a maternidade. O Nikola nasceu em maio de 2022, eu fiquei seis meses de licença maternidade, um mês de férias e aí eu emendei uma licença capacitação ²¹, que é outro recurso importantíssimo que o servidor público tem. Então eu pude também fazer uma atualização, ao mesmo tempo em que fazia uma adaptação com o filho na creche para poder voltar de forma mais tranquila para o trabalho, então foi super importante. Eu fiz cursos em uma área que eu já vinha querendo explorar, que é a revisão textual. Como eu disse, eu gosto bastante do texto, então eu usei esse período da licença para capacitação para me aperfeiçoar nesse sentido. Retornei em abril de 2023, quando o Nikola tinha dez meses.

Ana Paula: A questão profissional, após dez meses das licenças, parece que você vai voltando aos poucos. É uma nova forma de ver o mundo. Além disso, tem a preocupação de trabalhar e garantir o bem-estar do filho ao mesmo tempo, os atestados médicos que acontecem, porque a criança fica doente, então essa volta é mesmo uma adaptação sob várias perspectivas. Mas a gente consegue. A missão de fazer a cobertura do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), em outra cidade, foi muito legal e eu considero que foi muito importante perceber que sim, posso ir cobrir um evento em outra cidade, um festival grande, que vai dar certo e vai ficar tudo bem. A única diferença é que a gente tem que levar a criança, vó, berço, banheira, enfim, toda uma estrutura, mas a gente dá conta. Na minha visão, a maternidade de nenhuma forma me impediu de desempenhar o meu papel profissional e eu fico muito tranquila de viver todos esses momentos dessa forma, carregando o filho, sabendo que eu estou em uma instituição que valoriza a atuação das mulheres, em uma gestão que incentiva que elas busquem os sonhos profissionais e pessoais. Jamais me senti “repreendida” porque tive que apresentar atestado, porque tive que dar uma atenção especial em algum momento; esse é outro grande privilégio e outro fator pelo qual eu sou muito grata. Acredito que eu sou uma nova pessoa depois da maternidade, uma nova profissional, e continuo conseguindo colaborar com o setor.

Pablo: *Em relação à localização da sala da Reitoria Digital, você que também trabalhou na Secom, que é um pouco mais longe do Gabinete, o que você pensa dessa proximidade? Ela ajuda ou não faz tanta diferença?*

Ana Paula: Eu aprendi que a comunicação, para ser estratégica da forma como a gente pensa que é o ideal, tem que sempre estar próxima das instâncias decisórias e dos gestores. Então, nesse sentido, a gente está muito bem, porque a gente está dentro do Gabinete. Porém, hoje em dia, as coisas acontecem de forma muito rápida e os recursos virtuais fazem com que a gente esteja em todos os lugares ao mesmo tempo. Então acredito que, atualmente, isso seja um pouco diferente, porque parece

que às vezes, mesmo estando muito perto, ainda é preciso um afinamento melhor no sentido de ter uma comunicação rápida para a gente saber das pautas. Então acho que a localização física é importante, mas é ainda mais relevante esse alinhamento de todos, incluindo a gestão, para estarem atentos a esse trabalho estratégico da Reitoria Digital. Portanto, tem esse fator mais estratégico de valorização do nosso trabalho, de lembrar que estamos ali ao lado para prestar esse serviço e que muitas vezes a nossa presença é importante para os registros e cobertura. Acredito que nós somos valorizados e que a equipe compreende que a nossa atuação faz diferença.

Pablo: *Nesses cinco anos de trabalho na Reitoria Digital, tem alguma história marcante para você?*

p.26

Ana Paula: Já acumulamos algumas histórias importantes! Entre 2020 e 2023, acredito que todos nós ficamos muito marcados pela pandemia de covid-19 e como ela impactou nosso trabalho e nossas vidas. Teve um momento que eu não me esqueço, que foi o Simpósio Ciência, Arte e Educação em tempos de pandemia, o primeiro grande evento on-line promovido pela UFG naquele contexto de medidas de isolamento social, protocolos de higiene etc. A Reitoria Digital fez a transmissão, com a gestão de telas do Pablo e eu e o Fabrício viemos ajudar na produção, apresentação e gestão do chat. Foi inesquecível, para mim, por dois motivos. Primeiro porque ainda não tínhamos muita prática nas transmissões, tudo era muito novo e não sabíamos bem como fazer, então eu estava um pouco nervosa. Lembro que o computador que estava fazendo a gestão pelo StreamYard ²² travou e eu tive que sair correndo para avisar o Edward e dizer que ele teria que fazer a apresentação sozinho mesmo, pois ficamos um tempo sem conseguir alternar as pessoas na tela. Então, do ponto de vista técnico, foi tudo muito diferente, mas foi um sucesso e conseguimos realizar um grande evento. Do ponto de vista da pandemia, eu estava morrendo de medo, foi praticamente a primeira vez que saí de casa desde a recomendação do isolamento social. Cheguei aqui com meu vidro de álcool, limpei tudo antes de usar, porque como eu tenho asma, estava no grupo de risco da doença. E aí o evento foi um sucesso, mas depois dele, o reitor positivou para covid-19. Foi o meu primeiro contato com

algum caso positivo, fiquei morrendo de medo e me isolei do resto da minha família. Eu fiquei tranquila porque eu estava bem, não sentia nada diferente. A UFG chamou a gente para fazer o teste e deu negativo. Enfim, virou história para contar. E outro momento muito marcante foi quando fiquei responsável por redigir e publicar a matéria da nomeação da professora Angelita Pereira de Lima como reitora da UFG. O momento foi atípico porque ela era a terceira colocada da lista tríplice para a Reitoria formada pelo Conselho Universitário, que tinha a professora Sandramara Matias Chaves em primeiro lugar. Senti uma responsabilidade muito grande de dar essa notícia e ao mesmo tempo viver aquele momento histórico de, infelizmente, ter a vontade da comunidade acadêmica desrespeitada e a autonomia universitária, ferida. Esse foi mais um capítulo triste na história das universidades federais brasileiras, que passaram por um período de grande desvalorização mas, com sua força, engajamento e compromisso, conseguiram superar, como foi o caso da UFG. A comunidade universitária se uniu e apoiou as professoras Angelita e Sandramara, naquele momento. Esse foi um daqueles momentos da vida do jornalista em que percebemos que estamos participando de algo histórico. Fora essas histórias, meu comentário sempre é de gratidão à UFG. Eu realmente tenho muito orgulho de ter me formado aqui e agora ser servidora. As coisas mudam, o jornalismo é uma área muito dinâmica em que a gente tem que aprender todo dia, mas a base que eu adquiri eu considero que é fundamental para todo esse trabalho. Tenho muita gratidão mesmo por estar aqui hoje na UFG, na Reitoria Digital, tentando colaborar. Eu sempre tenho uma preocupação muito grande de ir além: não quero apenas fazer uma pauta, postar dois mil caracteres e ir embora quando der o meu horário. Eu não quero passar ali, cumprir minha carga horária e pronto; eu quero realmente fazer a diferença para a UFG em agradecimento a tudo que ela me proporcionou. A gente está registrando cinco anos de Reitoria Digital mas, na minha opinião, sabendo que ainda vai mudar muito, ainda vai evoluir, ainda vão ter coisas diferentes a cada dia, como já tem acontecido. Uma coisa que a gente não mencionou mas que eu acho super legal é a contribuição dos estágios não obrigatórios, porque assim como eu fui estudante e tive essa oportunidade, eu também sinto uma responsabilidade muito grande quando chega um estudante falando que vai fazer estágio aqui na Reitoria Digital, porque eu penso que eu tenho que fazer a diferença na vida acadêmica e profissional daquela pessoa. Meu objetivo é, por meio

do meu trabalho, devolver para a sociedade tudo aquilo que a gente tem de oportunidade nas instituições públicas e é por isso que eu acredito muito na nossa missão e trabalho com comunicação pública, por causa desse grande senso de responsabilidade e de gratidão mesmo.

Notas

16. Lei nº 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e viabiliza os canais básicos de utilização gratuita, entre eles os canais universitários.

17. Fluxo de postagens na página principal que oferece uma visão geral das publicações mais recentes.

18. Conteúdo criado e publicado em plataformas de internet em formato de vídeo, texto, imagem, áudio ou todos eles juntos.

19. Vídeos curtos em formato vertical exibidos em uma sequência de rolagem infinita para usuários do Instagram.

20. Podcast é um programa de áudio que fica disponível em plataformas da internet para ser ouvido a qualquer momento.

21. Licença remunerada de até três meses para estudos e capacitação profissional, concedida a cada cinco anos de efetivo trabalho no serviço público.

22. Software de produção de conteúdo ao vivo que permite criar transmissões profissionais.

“Estamos trabalhando juntos o tempo todo”: a parceria entre a Reitoria Digital e a Secretaria de Comunicação da UFG

Salvio Juliano Peixoto Farias

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Salvio Juliano Peixoto Farias nasceu em Campo Grande, em 25 de outubro de 1973. Formado em Jornalismo e em Design Gráfico pela UFG, desde 2009 é professor do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação e, em março de 2020, assumiu a Secretaria de Comunicação (Secom) da Universidade. Salvio é defensor das equipes de Comunicação da UFG e do lema da gestão que o convidou para o cargo: “por uma comunicação integrada e integradora”. Ele faz questão de destacar o trabalho conjunto entre a Reitoria Digital e a Secom, e projeta que a tendência é de uma integração cada vez maior, com Rádio Universitária e TV UFG também cada vez mais próximas.

p.27

Ana Paula Vieira de Souza Dias: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na UFG e na Secretaria de Comunicação?*

Salvio Juliano Peixoto Farias: Eu vim para Goiás no início da adolescência, só fiz o ensino básico fundamental lá no Mato Grosso do Sul, no sul do estado, em uma cidadezinha chamada Iguatemi. Meus pais resolveram recomeçar a vida em Goiás. Nós não tínhamos parentes aqui, mas eles queriam um novo local. Meu pai tinha estado aqui nos anos 1970, tinha gostado da cidade e resolveu apostar. Então minha formação final do ginásio, que correspondia à fase da 5ª a 8ª série, foi em Goiás. Eu queria fazer Artes, mas eu não tinha coragem, no Ensino Médio; então resolvi que Publicidade era o curso mais próximo disso. Só que no ano em que eu ia fazer vestibular, meu pai morreu de forma fulminante, aos 49 anos, a idade que eu tenho agora. A família ficou muito desestabilizada, tanto emocionalmente quanto financeiramente, porque embora nós fôssemos quatro irmãos, a figura paterna era muito forte no sentido de organizar e prover a casa. Então, quando meu pai morreu, a situação mudou muito e eu vi que não daria para ir para Brasília fazer Publicidade, que era o lugar mais próximo onde tinha o curso. Ironicamente, hoje em dia, Goiânia deve ter uns dez cursos de Publicidade, Propaganda e Marketing e afins. Bom, aí eu escolhi Jornalismo, que era o curso mais próximo. Eu me dava mais ou menos bem nas redações e era outro curso da área de Comunicação. Fiquei um ano perdido no curso, sem saber o que eu estava fazendo lá. Era muito imaturo, aos 17 anos recém-completados. A universidade foi um choque para mim; um choque muito positivo. Na época, eu me lembro que eu fiquei tão impactado com tudo que acontecia na universidade, com as pessoas que eu estava conhecendo, que eu resolvi fazer um diário. Eu sabia que era muito importante o que estava acontecendo, mas eu nunca mais tive coragem de olhar esse diário. Ele está guardado até hoje. No segundo ano, eu já estava completamente deslumbrado com o curso de Jornalismo. Me formei muito novo ainda, com 21 anos, e embora eu já tivesse passado quatro anos na universidade, aí sim, eu tive coragem de ir para o curso de Artes. Eu não sabia muito bem o que eu ia fazer nas Artes. A ideia era ficar um ano ou dois, para ter algumas aulas de desenho, até eu arrumar um emprego. Mas eu acabei ficando os outros cinco anos no curso de Artes e aí fiz Design Gráfico. Isso foi um diferencial na minha carreira, porque no meu primeiro trabalho como jornalista, eu fui chamado porque eu fazia Artes. Em tese, eu seria um repórter um pouco mais atento, pelo menos para as questões de artes visuais, que naquele momento ainda tinham um bom espaço nos

jornais. Hoje em dia, o jornalismo cultural aborda só o que é muito pop, né? TV, cinema, música. Mas, naquele momento, foi importante. Eu era um repórter de cultura que estava muito atento ao que estava acontecendo, pelo menos nas artes visuais. Fiquei menos de um ano no jornal O Popular cobrindo férias, licença maternidade, licença médica e logo fui chamado para um outro jornal onde eu fiquei três anos. E depois, paralelamente, fiz concurso para professor substituto na Faculdade de Artes Visuais (FAV), ou seja, comecei a dar aula nas Artes, como professor de História da Arte. Fiquei encantado com a possibilidade de dar aula e nunca mais parei. Consegui reunir as duas áreas, que eram o Jornalismo e o Design, e virei um professor bastante especializado em artes gráficas. Dei aula durante 11 anos na PUC [Pontifícia Universidade Católica de Goiás], 13 anos na Alfa e depois cheguei na UFG. Também dei aula na pós-graduação no Senac. Minha área de pesquisa é muito ligada às artes gráficas: news design ou design de notícias.

p.28

Ana Paula: *Em 2020, quando assumiu a Secretaria de Comunicação da UFG, como era o contexto?*

Salvio: Eu recebi o convite do professor Edward, que foi muito surpreendente para mim. Eu era um professor muito quieto lá na minha unidade e estava como coordenador do curso naquele momento, quando o Edward me chamou para uma conversa na virada do ano. Eu pedi para segurar as pontas um pouquinho para eu pelo menos fazer a recepção dos ingressantes. Entrei no dia 3 de março, época em que estava começando a pandemia de covid-19. Lá pelo dia 16, o governador decretou aquele isolamento total, cancelamento das aulas e do trabalho presencial (quando não fosse essencial). E aí realmente foi um pandemônio, de certa forma, porque a comunicação era essencial, a comunicação não podia parar. Eu estava tomando pé do que era a Secom, do que era a Reitoria Digital, do que era a Universidade, de certa forma; porque quando você está na sua unidade, você vive na sua unidade. Você sabe o que está acontecendo ali, no seu entorno. Então, esse começo foi meio assustador, mas eu tinha uma equipe muito boa, que me acolheu de braços abertos, teve paciência comigo e a parceria com a Reitoria Digital foi imediata. Logo, já conversei com o Pablo,

pois tinham alguns problemas nessa área de comunicação e entrosamento entre as duas equipes, mas isso logo foi solucionado. Definimos bem os nossos papéis, o que cada um ia fazer naquele momento, e isso foi muito importante.

Ana Paula: *E como você percebe o impacto da pandemia no nosso trabalho de cobertura jornalística? Nesse sentido, como era o relacionamento com a Reitoria Digital?*

p.29

Salvio: A primeira tarefa foi entender e dividir: o que era a Secom, o que era a Reitoria Digital e o que cada um ia fazer. Houve alguns momentos em que a gente se embolava um pouco, devido ao trabalho remoto, por ninguém estar na universidade, todo mundo estar trabalhando ao mesmo tempo de suas casas. Às vezes tinha três repórteres para cobrir um evento e, às vezes, não tinha ninguém para cobrir outro. A pandemia trouxe isso, o fato de a gente se organizar melhor e definir os papéis: o que era mais institucional, o que era mais comunicação pública, o que cada um ia fazer, quais as tonalidades que essas notícias teriam, seja no portal oficial ou no site da Reitoria Digital. No começo, lógico, foi assustador e a gente nem sabia muito bem como fazer. Era tudo muito rápido e você tinha que aprender imediatamente a trabalhar. Eu tenho um agradecimento muito especial à Reitoria Digital por ter assumido o gerenciamento do canal da UFG no YouTube; isso foi possível graças à agilidade do Pablo, que estava há mais tempo que eu. Essa rede teve um papel muito importante e ainda tem. Ele cresceu muito e ganhou um destaque que não tinha antigamente, mas ganhou esse espaço desde a pandemia. A Reitoria Digital aceitou assumir a gestão do canal no YouTube porque eu estava chegando na Secom e a equipe estava com as tarefas todas no gargalo. A Reitoria Digital fez um convencimento na Reitoria, conseguiu mais um bolsista, assumiu prontamente o canal e deu tudo certo. A gente teve um período de muita produção. Foi um momento muito especial porque, de repente, a Universidade voltou a ser um grande banco de fontes científicas, credenciadas, especializadas para falar sobre as questões emergenciais que ocorriam naquele momento, sobretudo na área de saúde. Se alguém podia dar respostas naquele

momento, era a Universidade. Então, a gente reverteu uma situação de três ou quatro anos antes, que era de grandes ataques à Universidade e às ciências, para um papel primordial na informação das pessoas e da sociedade. Isso foi muito interessante.

p.30

Ana Paula: *Você mencionou a questão do YouTube. Como foi tomada essa decisão em relação à Reitoria Digital assumir a rede? O que foi levado em consideração?*

Salvio: Eu me lembro que eu tive uma conversa com o Leonardo Rezio, que era o diretor de Publicidade da Secom na época, para ver se a gente tinha condições de assumir o YouTube. Nós ponderamos que nossa equipe de redes sociais era muito pequena: a gente tinha uma jornalista profissional e um bolsista, que tem uma carga horária menor e menor nível de envolvimento. Ao mesmo tempo, a gente já tinha uma movimentação muito grande nas redes: Instagram com quase 100 mil seguidores, Twitter com 200 mil seguidores, LinkedIn, Facebook. A gente já tinha um volume muito grande de trabalho para pouca gente, então gerenciar mais uma rede com uma carga imensa de trabalho ia ser muito complexo. Já a Reitoria Digital estava mais ou menos organizada e me pareceu que tinha mais agilidade para acompanhar o que precisava naquele momento. Foi um desafio que a Reitoria Digital aceitou e foi fundamental; tanto é que a gente viu os números. O YouTube cresceu assustadoramente nesses poucos anos. A partir do momento em que houve a pandemia e nós começamos a usá-lo para transmitir todo tipo de evento, desde os maiores aos mais corriqueiros da universidade, se criou a demanda. A Reitoria Digital criou uma metodologia, abriu espaço para as inscrições de quem queria e precisava desse meio. As decisões foram muito acertadas.

Ana Paula: *Depois desse momento totalmente atípico e surpreendente da pandemia, hoje, como é o trabalho diário da Secom e da Reitoria Digital? Como você vê esse relacionamento, atualmente?*

p.31

Salvio: Esse relacionamento só foi melhorando. A gente faz reuniões semanais para definir o que vai ser coberto por cada um. E mesmo quando alguma coisa surge de última hora na agenda da reitora ou do vice-reitor, a gente articula; essa conversa é muito rápida. Nós não estamos juntos fisicamente no mesmo espaço, mas não é raro a gente ir ao outro setor reformular rapidamente alguma coisa que escapou dessas reuniões semanais. É uma grande reunião de pauta que acontece. Além disso, as relações interpessoais melhoraram muito e ganharam muito nos últimos tempos. E hoje, talvez seja um dos melhores ganhos nesses últimos anos, essa nossa gestão conversada entre Secom e Reitoria Digital. O trabalho é dividido e nós nos apoiamos em muitas situações, estamos trabalhando juntos o tempo todo. O importante é que a comunicação seja feita, que não haja buracos, que os passos da reitora e do vice-reitor sejam cobertos, que as ações da Universidade sejam divulgadas, transmitidas, venham a público como elas devem ser. Então, tem dado muito certo.

Ana Paula: *Desde que você chegou à Secom, você destaca alguma ação marcante?*

Salvio: A inauguração do novo prédio do Hospital das Clínicas da UFG. No dia, eu tinha férias marcadas, mas eu participei de todas as reuniões preparatórias, com o pessoal de segurança, de relações públicas, com os cerimoniais do governador, entre outros. No dia 14 de dezembro eu estava acompanhando pelo YouTube, mas foi um evento memorável, pela forma como nós dividimos as tarefas. Deu tudo certo. Foi um evento muito grande, com muitas autoridades, com a imprensa toda lá, um prédio que levou 18 anos para ser construído e equipado como precisava para ficar pronto para o funcionamento. Eu tive que me ausentar, mas eu estava seguro, porque me parece que estava tudo muito bem organizado em todas as áreas: Publicidade, Relações Públicas, Jornalismo da Secom, Jornalismo da Reitoria Digital, TV UFG, Rádio Universitária. Todo mundo trabalhou junto naquele momento: todo o sistema de comunicação da Universidade atuou para fazer a melhor cobertura possível e a melhor recepção das autoridades que estavam lá. Foi um grande trabalho. Naquele ano, em 2020, várias ações que ocorreram no Hospital das Clínicas foram marcantes. Antes dessa inauguração, tivemos inúmeras visitas de autoridades, de ministros, e a gente se apoiou muito, porque eram visitas de dia inteiro, então precisava de alguém para

fotografar, para cobrir, para recepcionar, e foi quando eu percebi que a Secom realmente podia contar com a Reitoria Digital, porque a gente estava se revezando muito nessas visitas. Como naquele momento ainda não tinha vacina, tinha sempre um grau de risco. Estávamos ali, no Hospital, que tinha dois andares com pacientes com covid, porque ele virou um hospital emergencial para tratamento da doença, cedido para a Prefeitura antes mesmo da inauguração, um grande serviço que a Universidade prestou à sociedade. Eu vi que eu realmente podia contar com a Reitoria Digital, porque por mais que a gente usasse álcool e máscara a todo instante, era um ambiente que inspirava muitos cuidados. Naquele ano, em 2020, foram pelo menos oito visitas em que sempre tinha alguém da Reitoria Digital ou da Secom cobrindo.

p.32

Ana Paula: *Diante de todos esses aspectos, qual é, na sua opinião, a importância da Reitoria Digital para a comunicação da UFG, como um todo?*

Salvio: A Reitoria Digital é muito importante. Não daria mais para não ter esses profissionais acompanhando os reitores. O que a Reitoria Digital trouxe para a UFG tem sido muito observado por outras instituições. Eu vejo as conversas no Cogecom, que é o Colégio de Gestores de Comunicação da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, a Andifes. Quem não tem algo parecido com a Reitoria Digital vai ter, nos próximos anos. A Reitoria Digital é muito ágil. Eu vejo os políticos, as autoridades, os ministros, todos têm alguém que está ali acompanhando, fotografando e fazendo postagens simultâneas aos eventos. Está acontecendo e já está sendo publicado. Então, isso é muito importante. A gente tem que definir essas vocações. A Reitoria Digital acompanha realmente os passos da reitora e do vice-reitor. E a Secom está de olho nas outras ações todas da Universidade. Essa divisão está muito nítida para nós e, no futuro, a tendência é que nós fiquemos ainda mais próximos. A Secom precisa de um núcleo de redes sociais maior, porque a demanda é imensa; as pessoas só usam as redes sociais para se comunicar com a Universidade. Elas não usam mais os outros canais, não mandam e-mail, não vão ao “Fale conosco”; elas usam as redes sociais. E a gente também precisa ampliar as nossas ações no campo do audiovisual, para não depender tanto da

TV, que também tem as suas atribuições. Então, a tendência é que nós nos aproximemos mais ainda e busquemos ampliar as nossas ações conjuntamente. É tudo comunicação da universidade. A tendência é que a Rádio Universitária também venha; mesmo a TV, que é independente, gerida pela Fundação RTVE [Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural], simbolicamente ou estrategicamente também vai estar mais ligada. Afinal de contas, o lema dessa gestão é por uma comunicação integrada e integradora. A gente só vai conseguir divulgar todas as ações da Universidade se todo o sistema de comunicação realmente trabalhar junto. Esse é o caminho e não tem volta. E que bom, eu acho que está dando certo. Nós temos um timaço. Tanto a Secom quanto a Reitoria Digital têm pessoas muito comprometidas, muito sérias, que se esforçam e não fazem corpo mole; todos são ciosos de sua função, do que precisa ser feito. As pessoas caminham sozinhas porque elas sabem o que elas têm a cumprir.

Todo mundo tem esse orgulho de estar na UFG. Não só de estarmos lá, mas de divulgarmos as ações da UFG.

“Era algo diferente”: um setor dedicado à comunicação da Gestão Superior da UFG

Fabício Soveral
Pablo Fabião Lisboa

Introdução

Fabício Soveral nasceu no dia 30 de julho de 1977, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Formado em Rádio, TV e Vídeo e em Jornalismo, tem passagens por nove redações de rádio, internet e televisão, e traz essas experiências para a Reitoria Digital, sempre prezando pela técnica jornalística e pela responsabilidade no exercício da função, sem perder o bom humor e colaborando com a união da equipe.

p.33

Pablo Fabião Lisboa: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Fabício Soveral: A minha primeira graduação realizada na Universidade de Passo Fundo foi em Rádio, TV e Vídeo. Posteriormente, fiz também a graduação de Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas. Nesse meio tempo, eu entrei no mercado profissional. Durante a graduação, eu já trabalhava em Rádio FM. A minha primeira função foi elaborar notícias curtas para que fossem lidas durante a programação. Era bem rudimentar na época porque ainda era uma época pré-internet. Às vezes, a gente pegava as informações dos jornais locais da cidade, dos jornais estaduais e também por meio de rádio-escuta, ouvindo Rádios AM. Depois desse

período na FM, eu também passei a fazer locução e apresentar programas de teor musical. Mas, como eu sempre tive muito interesse pela parte jornalística, eu busquei o radiojornalismo e fui trabalhar em uma Rádio AM, onde eu tive a oportunidade de ser repórter, produtor, plantão esportivo, repórter esportivo de campo e comentarista. Isso tudo ainda durante a graduação. Depois que eu me formei, eu passei a trabalhar em televisão, onde fiquei praticamente 15 anos da minha vida na RBS TV, que é a afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. Trabalhei em Uruguaiana, Passo Fundo, Pelotas e Porto Alegre, em várias funções: repórter, apresentador, editor, e, por fim, em Porto Alegre, como coordenador de transmissão esportiva.

Pablo: *Como é chegar na TV? A TV é algo que chama muito a atenção, muitas vezes é um sonho para o estudante. Como foi, para você, entrar nesse meio de comunicação?*

Fabrício: A minha primeira formação foi no final de 1999. Naquela época, como não tinha essa influência tão grande da internet, a televisão tinha um fascínio maior ainda. O meu ingresso na televisão foi através de um programa chamado Caras Novas, da RBS TV, que era um programa para selecionar talentos que estavam no último ano de graduação. Então, em 1999, no segundo semestre, houve uma seleção e a RBS TV, no Rio Grande do Sul, escolheu 20 estudantes de todo o Estado para estarem nesse programa, que era um intensivo de telejornalismo de três meses. Deste período, um mês era realizado em Porto Alegre, na capital, então tinha um outro fascínio para nós, que éramos do interior. Eu consegui entrar e realmente considero que foi uma grande conquista, porque foi muito concorrido; com centenas de quase jornalistas e quase radialistas se formando, consegui ficar entre esses 20. A partir do momento em que eu me formei nesse curso, surgiram propostas para começar efetivamente a carreira, e, no meu caso, a carreira como repórter. Eu tive duas propostas, uma em Santa Rosa, que seria uma sucursal e não cidade-sede da emissora, e outra em Uruguaiana, que era bem mais distante da minha cidade natal, mas era a cidade-base da emissora. Então eu fui para a fronteira do Uruguai com a Argentina e fiquei um ano, até que

surgiu uma oportunidade na minha cidade natal, Passo Fundo, quando fui convidado por pessoas que já me conheciam. Obviamente, por ser a minha cidade natal, eu acabei retornando e ficando lá por dois anos.

Pablo: *Quais são os desafios de trabalhar na TV? Tem alguma coisa que você mais gostava e sente falta?*

Fabrício: Eu acho que o principal desafio na televisão é trabalhar com a visibilidade, principalmente para quem aparece no vídeo. As pessoas te veem e, automaticamente, você é muito mais julgado que os outros. É difícil administrar essa visibilidade. Não somente no sentido do julgamento, mas de você saber que está ali cumprindo uma função, que você é um trabalhador como os outros, não é alguém super especial simplesmente porque você está aparecendo na televisão. Às vezes, acontece esse problema, como a gente fala na gíria, de “subir para a cabeça”, porque, na realidade, o nosso ganho financeiro também é de trabalhador normal. Eu comparo a televisão com o futebol: muitos garotos começam na base e acham que já vão ficar milionários, mas, na realidade, mais de 90% dos jogadores profissionais de futebol ganham muito pouco. Acho que menos de 10% estão em grandes clubes, com aqueles salários astronômicos. Em televisão é o mesmo caso. Tem as chamadas estrelas, as pessoas antigas, os grandes âncoras, os repórteres que já têm uma carreira e que realmente têm um ganho bem substancial, mas a base mesmo da reportagem, da produção, dos cinegrafistas ganha o salário-base. Então, às vezes, você pode se confundir com esse mundo em que você circula mas não é a sua realidade social. Acho que esse é o grande desafio. E o que eu mais gostei, sem dúvida, foi trabalhar com esporte, porque sempre foi uma paixão, desde criança. A gente fala que o garoto que é perna de pau e não consegue ser jogador, vai para o jornalismo esportivo para poder ficar pertinho do campo, dos jogadores, do circo do futebol e das grandes plateias. A energia de um estádio cheio de uma torcida apaixonada, de uma torcida vibrante, em momentos decisivos, é vida. Não conheço nada mais estimulante que isso até hoje.

Pablo: *Você já comentou a respeito de algumas situações de trabalho na TV, como um dia em que você passou muitas horas na chuva ou coberturas de situações de morte. Como lidar com isso?*

Fabrício: Eu acho que, como tudo na vida, as coisas acabam se tornando comuns, por mais chocantes que sejam. Nem todos conseguem. Tem pessoas que, conforme a situação, desistem. Eu me lembro, por exemplo, quando comecei na TV e fazia reportagem geral, o que mais me chocava eram acidentes com morte. Você vai lá e não vai mostrar na televisão. Por exemplo, o cinegrafista vai filmar o carro, vai filmar a estrada, mas não vai mostrar a pessoa morta. Só que você é o repórter e vê aqueles corpos, aquelas situações. Em outros momentos, para mim, o mais delicado é trabalhar com o pós. Por exemplo, quando eu trabalhava em Uruguaiana, teve uma tragédia terrível, em uma creche onde morreram doze crianças carbonizadas. Uma das nossas funções, depois daquela tragédia, era fazer reportagem com os parentes, tentar ouvir pai e mãe, cobrir velório. Então, isso é muito complicado; é um momento em que muitas pessoas, às vezes, ficam muito próximas de uma agressão a você. Por mais que você tente ser o mais respeitoso possível, porque a gente tem que entender a pessoa naquele momento de dor, para mim isso realmente era o mais difícil. Eu tive colegas de trabalho que desistiram da profissão porque falaram que não fariam mais aquele tipo de reportagem, que não queriam aquilo para a vida deles. Teve também o caso do acidente do ônibus do Brasil de Pelotas ²³, onde morreram jogadores e membros da comissão técnica. O grande ídolo do time na época, o Claudio Milar, um dos que morreram, era um dos jogadores mais parceiros que eu tinha para fazer matérias especiais, diferentes; para você sair daquela coisa comum, só do treino, quem joga, quem não joga. Ele era super parceiro. O próprio Giovanni, que morreu também, na época era um parceiro da TV, porque tinha o programa chamado Guri Bom de Bola, e o Giovanni era um professor de educação física de escola básica em Pelotas. Ele treinava time de garotas e era uma pessoa fantástica. Então, você tem que trabalhar com isso. Você tem que estar falando sobre isso na frente de uma câmera para milhares de pessoas, não é falando para um amigo seu, para um colega. Realmente são grandes desafios. Não menosprezando as pessoas do rádio, do jornal, da internet, mas como já passei por todos esses meios, pelo jornalismo on-line,

jornalismo escrito, rádio, televisão, assessoria de imprensa, assessoria de comunicação, digo que a televisão é o meio mais difícil para se trabalhar, é o mais desafiador.

Pablo: *Mas, antes de chegar à Reitoria Digital, você saiu do Rio Grande do Sul e teve outras experiências. Conte um pouco a respeito disso.*

Fabício: Primeiro, fiz um intervalo na carreira, resolvi me especializar um pouco mais. Fiz uma especialização de dois anos em jornalismo político na PUC de São Paulo. Depois voltei para o Rio Grande do Sul e voltei a trabalhar em rádio: apresentava programas de rádio, de entrevistas, era editor de jornal diário. Aí retornei para a televisão, em Pelotas, e depois fui para Porto Alegre e fiquei lá um período. Minha última função foi editor de esportes da RBS TV e também era repórter de transmissões esportivas e coordenador de transmissões. Depois eu fui para o Tocantins com a missão de implantar o portal G1 Tocantins e Globoesporte.com Tocantins. Na época, em 2013, Tocantins e Amapá eram os únicos estados da federação que não tinham o portal do G1 ainda; e era um acordo das afiliadas da Rede Globo, que precisavam ter o G1. Como eu tive a experiência de vivenciar dentro da redação a implantação do G1 em Porto Alegre e, principalmente, do Globoesporte.com e ainda com a minha experiência no ClicRBS, que era uma iniciativa da própria RBS em que a gente já fazia a reportagem da TV e redigia um pequeno texto para o site, eu aceitei esse desafio. Participava de treinamentos em São Paulo e no Rio de Janeiro e voltava para o Tocantins, onde eu tinha selecionado uma equipe jovem, com pouca experiência, e repassava esses treinamentos. A gente fez a implantação do portal G1 Tocantins e Globoesporte.com Tocantins, que completou 10 anos em junho de 2023. Fiquei dois anos coordenando o site, quando eu saí para fazer mestrado e resolvi investir novamente um pouco mais na carreira acadêmica. Foi uma experiência muito boa vivenciar não apenas o jornalismo on-line, mas em uma função de coordenação, tendo a experiência de gerenciar equipes, gerenciar processos, buscar soluções tecnológicas. Foi uma experiência muito rica e que me ajuda até os dias de hoje.

Pablo: *E como foi a sua chegada à Reitoria Digital da UFG?*

Fabrício: Antes de chegar à UFG, eu também pude ter uma experiência em universidade, em assessoria de comunicação, porque eu também fui jornalista concursado na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Nesse período em que eu passei a fazer mestrado e precisava de um pouco mais de tempo, eu comecei a fazer concursos e fiquei quase dois anos na Unitins, que é uma universidade bem menor do que a UFG, mas já me deu um pouco de base para entender como é uma universidade, processos, pró-reitorias, enfim. Minha chegada na Reitoria Digital realmente foi bem interessante, porque quando eu fui me apresentar para o trabalho, fui recebido no Gabinete da Reitoria e me encaminharam para a sala, dizendo que eu ia trabalhar na Reitoria Digital, mas eu não sabia da existência da Reitoria Digital na UFG. Para mim, eu iria para a Secom ou Ascom, seria uma coisa geral. Cheguei na sala e só tinha a Ana Paula. No primeiro momento eu olhei e pensei: “esse setor só tem uma pessoa?”. A Ana Paula me recebeu dizendo que tinha sido avisada de que chegaria outra pessoa. Aí conversei com ela, comecei a perguntar como era o trabalho. Ela falou que, além dela, tinha uma bolsista de tarde e o Pablo. Quando ela começou a falar, eu disse, como é o sobrenome do Pablo? “Lisboa”. Eu disse: “Ele é de Pelotas?”. Ela disse que achava que sim. Aí eu puxei as redes sociais e descobri que já o conhecia do tempo de Pelotas; foi uma situação bem inusitada.

p.36

Pablo: *Na Reitoria Digital, quais tarefas você desempenha? Como é a sua rotina de trabalho?*

Fabrício: Eu quero dizer que o meu primeiro desafio no departamento foi entender o que era a Reitoria Digital e qual era a função dela na instituição, porque não era algo que eu via como comum nas outras assessorias de universidade. Era algo diferente. Então, eu passei a entender os processos da questão da comunicação da Gestão Superior, não apenas o geral da universidade. A universidade produz muito conhecimento, muitas ações e coisas interessantes que são noticiáveis. Nesse grande universo, realmente se faz necessário ter um olhar para as ações da gestão, porque as

ações da gestão são aquelas que em geral impactam toda a comunidade universitária. Às vezes, não apenas a comunidade universitária, mas também a comunidade externa. Então, esse foi o desafio. Atualmente, no primeiro momento, a gente acompanha a agenda da reitora e do vice-reitor para ver de quais ações eles estão participando, quais ações merecem uma cobertura para que tenham uma publicação; porque é comum essas agendas serem conversas iniciais. Essas propostas iniciais, às vezes, não é interessante que a gente já divulgue porque são coisas que a gente não sabe se vão se efetivar ou não e se você publica algo pode criar uma falsa expectativa. Então, a gente tem essa preocupação de fazer as publicações de coisas mais concretas ou coisas que já estão em andamento. Fora isso, a gente acompanha as reuniões do Conselho Universitário, em que são realizadas algumas das principais deliberações a respeito da universidade e a gente acompanha também, no geral, todos os movimentos da sociedade. Coisas que podem influenciar a universidade, em nível municipal, estadual, federal, ações do governo; questões que envolvem, por exemplo, o orçamento das universidades, a gente tem que estar atento. As próprias ações da Andifes, que é a associação que reúne os reitores das universidades federais, a gente procura estar atento a esses movimentos, para ver o que é interessante fazer uma ligação. Também procuramos fazer ações como, por exemplo, gravar vídeos com gestores para divulgar principalmente nas redes sociais, espaço que tem uma maior velocidade para as pessoas receberem o material e engajarem com ele. Quando são ações que as pessoas precisam saber daquela informação para não perder oportunidades, ou ações realmente importantes para a instituição, a gente procura gravar esses vídeos, entre outras coisas.

Pablo: *Às vezes, as pessoas acham que é só fazer uma cobertura descritiva, mas tem muita inteligência, na escolha de um termo específico, por exemplo. Às vezes, isso muda tudo na relação política de uma instituição.*

Fabrizio: É, porque muitas vezes não se trata apenas de uma questão semântica. Acredito que no nosso departamento a gente tem muita preocupação sobre isso e procura conversar com os colegas, sempre um procura ler o texto do outro. É muito

importante que outras pessoas do departamento leiam o seu texto antes que ele seja publicado, porque é sempre um segundo, terceiro olhar que acaba percebendo alguma coisa que, às vezes, nem se trata de um erro, mas sim de aperfeiçoamento, para termos um produto melhor.

Pablo: *Como você constrói a sua matéria? Como você se prepara, quais recursos você usa? Você ainda usa o bloco de papel?*

Fabrício: Eu uso o bloco de papel, mas faço anotações no celular também e, às vezes, algumas gravações de áudio. Mas eu acho que o importante e o que não se deve perder é o que a gente chama, no jornalismo, de lição de casa. Você tem que fazer a sua lição de casa. Por exemplo, você vê na agenda que tem uma reunião para assinatura de um convênio com a Marinha do Brasil. Você tem que buscar saber o que é o convênio, de preferência já ter o documento em mãos, para saber quais são os termos, as pessoas envolvidas, procurar saber quem elas são, até por uma identificação visual, para ficar mais fácil o contato. Então, você tem que fazer essa lição de casa, para quando você chegar na reunião e começar a acompanhá-la, você já ter um conhecimento prévio sobre o que está sendo tratado e sobre quem são os atores. Eu procuro sempre fazer isso e a gente tenta dar sempre o tratamento de um texto jornalístico padrão. O que é o texto jornalístico padrão? É aquele que privilegia a objetividade da informação em um primeiro momento e, se tiver necessidade de você desenvolver mais, você desenvolve na sequência do texto. Não fazer aquele jornalismo antigo, que era chamado de nariz de cera. Por exemplo, “ah, numa noite de céu estrelado, estavam lá os fulanos e os sicranos, ao som do não sei o que...” Eu não desprezo o jornalismo literário, não, pelo contrário. Mas acho que, para a nossa missão, primeiro, a gente precisa informar. Então, primeiro, dar a informação. O que foi? Quem estava? Onde? Como? Depois você desenvolve, depois você desenrola, até porque a gente está falando de um texto que vai ser escrito e não de uma mídia televisiva ou um vídeo para a internet. Aí poderíamos pensar em outro formato, mas como nós estamos falando nesse aspecto de texto escrito, eu sempre penso na questão, primeiro, da objetividade da informação.

Pablo: *Pela natureza do conteúdo que a gente transmite na Reitoria Digital, existe um temor de que a gente se repita muito. A palavra Reitoria vai estar presente em quase todas as manchetes. Como sair dessa questão?*

Fabrício: Eu acho que qualquer tipo de publicação, quando vai ficando muito parecida, de certa maneira, pode perder a atratividade. Se tiver recursos que estejam dentro do que você almeja para o seu trabalho e estão adequados, eu acho que têm que ser usados. Como a gente trabalha com comunicação pública, tem sempre aquela preocupação de você não ficar projetando uma pessoa em específico. Embora, às vezes, o grande dirigente vai aparecer de qualquer maneira. Mas eu acho que a gente consegue trabalhar bem isso. Às vezes, você usando o nome do gestor ou alguma frase que foi realmente uma frase de impacto, que dá um resumo ou parte do sentimento daquela cobertura, eu acho que é uma ferramenta interessante de ser usada e que não prejudica de maneira alguma a nossa missão.

Pablo: *Assim que você chegou à Universidade, veio a pandemia de covid-19. Parece que a gente estava prevendo a criação da Reitoria Digital para dar conta da comunicação institucional e de tarefas como a coordenação do YouTube. Você se lembra de alguns detalhes desse momento?*

Fabrício: Eu acho que eu nunca trabalhei tanto como na pandemia da covid-19, porque na realidade nós não paramos. A Universidade não parou. Teve uma interrupção das aulas, mas a Universidade não parou em momento algum. Pelo contrário, a Universidade abriu uma série de ações em outras frentes, inclusive, para ajudar no combate à pandemia da covid-19. A gente passou a usar cada vez mais o virtual: as reuniões passaram a ser virtuais, os eventos passaram a ser de forma on-line. Só que às vezes, a questão do on-line é que ela te dá mais trabalho, porque tudo você tem que escrever, tem que comunicar coisas que, se você está no mesmo ambiente, você fala com seu colega e pronto. Ali você tem que escrever quando você vai dar uma orientação ou chamar atenção para alguma coisa, você tem que especificar. Infelizmente teve a pandemia, mas, por outro lado, ela mostrou que

existem outros caminhos. Acho que já existiam, mas talvez as pessoas não estivessem tão antenadas a isso, tanto para o mundo do trabalho como para a questão da própria educação. Muita gente, depois da pandemia, começou a usar nas atividades acadêmicas o ensino remoto, não de forma total, mas algumas atividades em um modelo híbrido. Defesas de teses e dissertações, por exemplo, que passaram a poder contar com professores de outros estados e até de outros países, por serem remotas. Então, eu vejo que muito disso foi seguido. Para a universidade, foi um grande desafio, mas ela mostrou a sua importância não só para a comunidade universitária, mas para toda a sociedade.

Pablo: *Durante a pandemia, você realizou algumas lives com convidados da gestão. Como foi a criação deste produto? Como você fazia?*

p.39

Fabrício: As transmissões já existiam pré-pandemia, mas pouca gente fazia. Já havia várias ferramentas tecnológicas que ofereciam a possibilidade da realização das *lives*. A partir da pandemia, as pessoas passaram a ter, digamos assim, o hábito de consumir mais. Então, foi pensado assim, olha, se as pessoas estão consumindo mais transmissões ao vivo, nós também precisamos oferecer esse produto para elas. Foi muito interessante fazer com os gestores porque, às vezes, algumas pessoas podem ver os gestores como pessoas muito distantes e a *live* faz essa aproximação. Quando você está com o gestor e as pessoas estão interagindo em tempo real, fazendo um questionamento e o gestor podendo responder naquele momento, isso causa essa aproximação. A *live* gera uma interação que talvez não fosse pensada anteriormente. Eu acho que essa interação causa muitos efeitos benéficos, de promover aproximação, engajamento e até mesmo um sentimento de pertencimento, por exemplo, do estudante com a universidade.

Pablo: *A Reitoria Digital é um locus de estágio para jornalistas, designers e publicitários. Como é essa questão de contribuir com a formação dos estudantes?*

Fabrício: Olha, o meu sentimento é que dá trabalho, viu? Porque às vezes a pessoa pensa, “ah, vai entrar o estagiário para desempenhar funções”. Mas, na realidade, não basta você repassar funções para eles fazerem. Você tem que, primeiro, entender qual é o conhecimento prévio que ele tem, qual caminho ele já percorreu, tanto dentro da universidade como em lugares onde ele possivelmente já trabalhou. Em geral, o que acontece é que, digamos assim, jornalisticamente, eles são muito crus ainda, têm pouca experiência. Você tem que procurar passar as coisas do início, mas tem questões que são das pessoas. Por exemplo, o *feeling* ²⁴ jornalístico, a habilidade da escrita, que vem muito da leitura, de como foi a fase anterior dessa pessoa na escola, em casa... Se a pessoa não lê, ela não escreve bem. Então, o primeiro trabalho é verificar qual é a condição desse estagiário e depois ir passando funções que estejam acessíveis a ele. São funções supervisionadas e, às vezes, acaba tendo que ser feito todo um material novamente, por isso dá trabalho. Mas é a forma, você tem de passar. A gente explica, primeiro, que o que eles vão praticar, naquele semestre que estão ali, é o trabalho de assessoria de comunicação, que é muito importante, porque atualmente cerca de 70% dos jornalistas formados vão para o mercado de assessorias, ou de imprensa, ou de comunicação; então eles têm que estar habilitados para esse meio também. Para essa categoria de comunicação, a gente procura passar o que é a nossa missão, o que eles precisam cobrir e a gente tenta já colocá-los em coberturas, para que, mesmo que nunca tenham participado, quebrem aquele gelo de estar em uma cobertura, em uma sala com dirigentes, entrevistar pessoas, pedir informações. Acontece muito, de início, de passar alguma coisa, mas é um processo normal. Com o tempo, o que a gente fica satisfeito, é quando você vê que ocorre uma evolução desse estudante. Você vê que ele melhora o texto, que a cobertura dele já é melhor, que ele já percebe fatos. A cereja do bolo é quando você recebe uma pessoa que é proativa e, além disso, já oferece sugestões. Eu sempre brinco com os estagiários novos, eu digo: “olha, vocês são os jovens desse mundo tecnológico, né? Então, quando a gente fala em publicações para redes sociais, vocês têm que nos oferecer ideias”. Tem esse desafio, mas ele é muito satisfatório quando você consegue perceber a evolução e cumprir a missão que você fala lá no início para eles, que é assim: “quando você sair daqui, a nossa missão é que você nos diga, olha, eu saio

daqui melhor do que eu entrei, com mais capacidade para alguma coisa”. A nossa missão é essa. Se isso ocorrer, mesmo que seja um pequeno avanço, acho que a gente já cumpriu a nossa missão.

p.40

Pablo: *Nesse sentido, você harmoniza o ambiente, por lidar com os gestores mas também com os mais jovens. Como você usa isso como ferramenta, é mais intuitivo ou foi um aprendizado que você adquiriu ao longo da sua carreira?*

Fabrício: Eu acho que é intuitivo, mas tem um pouco de intencionalidade, sim. Primeiro, a questão é o sentimento de pertencimento. As pessoas têm que ter o sentimento de que pertencem àquele lugar, que são parte integrante. E a gente, às vezes, percebe algumas situações ao longo da vida profissional, de pessoas que estão no ambiente mas não se veem ali. Então, a primeira situação, inclusive para o próprio desempenho profissional dela e também de realização pessoal, é ela se sentir parte daquilo. As pessoas têm que ter ambições de sempre melhorar e não tem problema nenhum você querer alçar novos planos. E outra coisa também das minhas experiências é que eu vejo que ninguém infeliz trabalha bem. Quem estiver infeliz, chateado, não vai fazer um bom trabalho, não adianta; pode ser o melhor profissional do mundo, não vai fazer. Então, é nesse sentido mais de acolhimento, que as pessoas se sintam parte daquele ambiente, mas sempre tendo em mente que o trabalho é sério e que o trabalho precisa ser feito. Embora às vezes a gente até faça umas brincadeiras, mas na realidade é assim, a gente sabe que o trabalho tem que ser feito, que as coisas importantes não podem ser deixadas de lado e têm que ser feitas com seriedade. Se a gente puder fazer a nossa função bem feita e ainda trabalhar com um pouquinho de leveza, acho que fica melhor ainda.

Pablo: *Eu gostaria que tu comentasse a respeito do tempo de publicação, do quão importante é isso e qual é a tua opinião sobre o envelhecimento da notícia hoje, na atualidade?*

Fabrício: A questão do tempo da notícia é algo que, para mim, é muito forte no mercado de trabalho do jornalismo profissional. Eu vejo em algumas assessorias, principalmente de comunicação, porque normalmente as de imprensa são mais ágeis, uma certa acomodação que sempre me incomodou, uma acomodação no tempo da notícia. Por exemplo: estou cobrindo uma notícia hoje, que é segunda-feira, e eu posso publicar na quarta-feira, né? Ou, eu fiz uma cobertura na manhã de segunda e aí eu publico no final da tarde de terça-feira. Eu não vejo sentido nisso. Eu até acredito, sim, claro, cada um tem os seus horários de trabalho, não pode fazer hora extra, tem essas coisas, mas eu não vejo sentido em uma matéria que leve, digamos, mais que o dia seguinte para ser publicada. Se um jornalista não tem a capacidade de escrever um texto em um turno do seu trabalho, eu acho que ele tem que, de repente, rever a sua profissão. Eu vejo isso como uma herança ruim e não falo só em termos de universidade, falo de várias instituições, principalmente públicas. Parece que, por ser público, está tudo bem eu divulgar a notícia muito mais tarde. Não é porque é assessoria de comunicação que não tem que ter o sentido da urgência da notícia. Se você tem todas as informações na mão, por que você vai demorar para publicar? Algo que eu aprendi também nos tempos de jornalismo on-line é o seguinte aspecto: quando algo é realmente importante, você publica o essencial daquela matéria tão logo depois daquele fato e deixa para complementar depois. Depois você pode complementar a própria matéria com os pormenores, com as falas dos atores envolvidos, ou inclusive fazer uma segunda matéria explicando melhor algo referente à primeira, mas a informação principal você já publica. Isso, para mim, é algo que me incomoda; eu procuro, sempre que possível, ir imediatamente para o computador após a cobertura, fazer o texto e publicar. Não tem motivo para esperar. Dos anos que eu passei por nove redações na minha vida, percebi que quanto mais você demora para publicar, mais vai demorar. “Eu só vou parar para tomar um cafezinho antes, só vou fazer um lanche antes”, vai ficando cada vez mais difícil. Tem que ser logo depois do fato, quando as ideias estão mais presentes na sua cabeça, a sua memória está mais ativada. Eu sempre recomendo isso. Não é porque é assessoria de comunicação, não é porque é serviço público, que a gente tem que, de certa forma, acomodar-se na produção do nosso material de trabalho.

Pablo: *Tem alguma ação que te marcou nesse tempo de Reitoria Digital?*

Fabrício: Tiveram muitos fatos marcantes, mas talvez um mais marcante tenha sido o início das *lives*, que nós passamos a gerenciar pelo canal UFG Oficial no YouTube. A gente foi apresentado para uma ferramenta, o StreamYard, e nós tivemos que aprender para ensinar para as outras pessoas. Foi muito rápido. No início, eu confesso que fazia muito tempo que eu não sentia o chamado frio na barriga na profissão, como na primeira *live* em que eu fui o gestor de telas. É uma responsabilidade, porque você é um gerenciador de telas, ao mesmo tempo um diretor de imagens, um produtor; você fica falando com as pessoas no chat privado, no WhatsApp, dando orientações e ajustando câmeras... Para mim foi o grande desafio, esse início da transição de quando a Reitoria Digital passou a administrar o canal da UFG no YouTube. Deu uma adrenalina diferente e aquela sensação boa, tudo redondinho, aquela sensação de dever cumprido e de que, olha, estamos fazendo algo bacana, estamos fazendo algo legal, algo que impacta a instituição. Também acho que algo importante no nosso departamento é essa liberdade que nós temos de discutir no bom sentido; de debater ideias, mesmo que às vezes a gente não concorde, mas só o fato de nós nos sentirmos à vontade para divergir, acho que é muito enriquecedor. A gente não precisa estar sempre certo. Eu tenho certeza de que eu também não estou certo sempre, mas a possibilidade de debater isso dentro do ambiente de trabalho, conversar com as pessoas, de ter esse entendimento, acho que isso também é algo muito rico para o departamento em geral. Nós temos algo muito interessante, que é uma franqueza, uma sinceridade de conversar, às vezes até de reclamar. Tudo dentro da linha do respeito e cada um sabendo a sua função, o que deve ser realizado. E a respeito da Reitoria Digital, para mim também é uma grata surpresa na minha trajetória; já tenho bastante esse sentimento de pertencimento e vamos seguir o trabalho e ver qual vai ser o

caminho, sempre de olho em novidades, no que pode ser melhorado, para que a gente possa seguir oferecendo informações de qualidade, com utilidade para as pessoas da comunidade universitária, principalmente, mas também para a comunidade externa.

Notas

23. O Grêmio Esportivo Brasil é uma agremiação esportiva brasileira de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, fundada em 7 de setembro de 1911.

24. Percepção

“Foi um desafio, estava bem nesse início”: os primeiros passos no gerenciamento do canal UFG Oficial no YouTube

Wesley Melo Barbosa de Menezes

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Wesley Melo Barbosa de Menezes nasceu em 24 de maio de 1995, em Coronel Fabriciano, Minas Gerais. Geógrafo por formação e com passagens também pelos cursos de Jornalismo e de Letras, atuou como bolsista profissional na Reitoria Digital da UFG entre junho de 2020 e julho de 2022. Wesley entrou para a equipe no início da pandemia de covid-19, quando a Reitoria Digital assumiu o gerenciamento do canal UFG Oficial no YouTube. Em um momento de ascensão das *lives* e inúmeros pedidos da comunidade universitária pela realização de transmissões on-line, ele ajudou a construir os protocolos para atendimento das solicitações e a metodologia que tornou o canal da UFG o líder entre as universidades federais em número de inscritos no YouTube.

p.42

Ana Paula Vieira de Souza Dias: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Wesley Melo Barbosa de Menezes: Eu sou de Minas e vim para Goiânia em 2014 para fazer Geografia. Me formei na PUC [Pontifícia Universidade Católica] e, em 2018, passei em Jornalismo na UFG. No primeiro semestre, conheci o Politizar, um projeto muito bacana, realizado pela Universidade em parceria com a Assembleia Legislativa. Nele, tive contato com a prática do jornalismo político. Achei muito interessante e, a partir daí, conheci várias pessoas, entre elas a professora Laís ²⁵, que me falou sobre a vaga da Reitoria Digital. Ela comentou que estava aberto o processo seletivo e que a UFG estava iniciando um projeto de fazer transmissões ao vivo. Eu estava lecionando inglês nessa época, mas as atividades estavam sendo realizadas on-line devido à pandemia de covid-19. Além do Politizar, também cheguei a trabalhar como *social media* em uma cervejaria próxima ao Câmpus Samambaia. Isso me deu um auxílio, até porque, para além das *lives*, eles estavam precisando de um suporte para as redes sociais da Reitoria também. Participei do processo seletivo, passei e comecei em junho de 2020. Não terminei o curso de Jornalismo. Pedi transferência para Letras Inglês, até porque estava dando aula de inglês, só que veio a pandemia e eu acabei trancando.

Ana Paula: *Como era o contexto na Reitoria Digital quando você chegou? Já tinha o software StreamYard? Já sabia trabalhar com ele?*

Wesley: Quando eu cheguei aqui, era tudo mato! Brincadeiras à parte, era quase isso mesmo. Quando eu cheguei, tinha sido feita a contratação bem recente do StreamYard, uma ferramenta nova, que inclusive estava como requisito no processo de seleção. Fui Laís Forti Thomaz, professora da Faculdade de Ciências Sociais da UFG e então secretária de Relações Internacionais da Universidade pesquisar para entender como funciona e, no primeiro contato, você se assusta. Até mesmo nos treinamentos que a gente passou a ministrar para o uso do StreamYard, é sempre a mesma reação: “Gente, esse monte de botão, o que eu faço?”. Só que, após passar por um treinamento e entender como a ferramenta funciona, você vê que ela é bem simples, muito prática e intuitiva para fazer as transmissões. Foi um desafio, estava bem nesse início. Nosso rito de trabalho era assim: existiam as transmissões e era a gente que fazia, de forma dividida entre algumas pessoas da equipe da Reitoria Digital. Nessa época, o Pablo pediu para eu criar uma agenda para a gente se organizar e ver

a possibilidade de cada um fazer as transmissões. Então, ficávamos eu, o Fabrício e o Pablo dividindo a gestão das *lives*. Só que começou a ficar insustentável, até porque o Pablo tem as atribuições da coordenação, o Fabrício tem as atribuições do jornalismo, então a gente pensou na possibilidade de fazer treinamentos. Em vez de a gente ficar responsável por todas as *lives*, as pessoas poderiam fazer o próprio gerenciamento de telas, que é bem simples. No início, a gente conseguia se desdobrar, mesmo com muita dificuldade, muitas vezes fazendo hora extra; mas ia ficar insustentável. Eu participei de um dos primeiros treinamentos com o Pablo, com um pessoal da área da Saúde que fazia *lives* toda quinta-feira. Foi um choque, porque até então o Pablo fazia tudo, mas a gente conseguiu conversar e ajustar essas questões. A partir disso, começamos a construir um protocolo, porque chegavam muitos e-mails perguntando como fazer uma *live*, que dia estaria disponível e a gente não conseguia ter um controle. Entendemos que se a gente não fizesse um planejamento e uma organização de como fazer a requisição da *live*, a gente ia se perder. Então criamos um protocolo de requisição.

p.43

Ana Paula: *Então explica melhor como funcionava esse protocolo, começando pela agenda que você criou. A pessoa podia entrar lá para saber se havia disponibilidade para a transmissão no dia que ela queria?*

Wesley: Exatamente. Se eu não me engano, até hoje tem essa agenda no site da Reitoria. Você vai entrar na parte do YouTube e a primeira coisa que vai aparecer é a agenda com as possibilidades de horário. Nesse primeiro momento, era importante ter essa agenda para você saber quais transmissões ocorreriam em cada horário, para não ter duas ao mesmo tempo. Depois, chegamos a um momento em que era possível ter sobreposição de *lives* no mesmo horário, porque a ferramenta possibilita isso. A gente fez um teste em que colocamos 150 transmissões ao vivo para rodar ao mesmo tempo e o programa suportou. Então, com essa possibilidade, a gente começou a aprofundar na questão dos treinamentos. Às vezes, algumas *lives* têm exclusividade. Por exemplo, nós tivemos a Assembleia Universitária, que foi uma das maiores transmitidas - atualmente deve acumular mais de 10 mil visualizações- e, na época,

cerca de 5 mil pessoas acompanharam ao vivo. Então, nesse dia, a gente não fez nenhuma outra transmissão. No caso de iniciativas como, por exemplo, o Conpeex [Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG]: naquela semana a gente não faz outros eventos, porque os esforços vão ser para isso e o objetivo é que a audiência seja para as transmissões que vão acontecer durante o Congresso, então a agenda é muito utilizada nesse sentido. Também tínhamos alguns eventos e *lives* semanais. Tinha a *live* da Martinha [Marta Maria Alves da Silva, técnica-administrativa do Hospital das Clínicas da UFG], que sempre trazia alguma dinâmica relacionada à prevenção da covid e alguma atividade social; ela acontecia toda quinta-feira. E todas as sextas-feiras tinha uma transmissão que, se eu não me engano, acontece até hoje, que é da Andréa [Andréa Luiza Teixeira, técnica-administrativa da Escola de Música e Artes Cênicas - Emac], que promove o projeto “Piano e Suas Perspectivas”. Elas acontecem semanalmente, mas, eventualmente, nesses dias de grandes eventos, eram suspensas.

Ana Paula: *Depois de checar a disponibilidade na agenda, como funcionava o protocolo para a solicitação das transmissões?*

Wesley: A princípio, você mandava um e-mail para a Reitoria Digital dizendo que queria uma *live* para determinado dia. Eu, Pablo ou Fabrício respondíamos sobre a disponibilidade. Geralmente, eu ficava com a maioria das transmissões. Quando eu não podia, eu falava com o Pablo ou Fabrício e a gente organizava. Se a gente tivesse o horário, a gente cuidava de tudo. Se não, a gente pedia para a pessoa remarcar. Às vezes, a gente elaborava as próprias artes ou falava com o interessado para solicitar para a Secom. Era uma coisa muito trabalhosa, porque sempre tinha que juntar os três pra ver a disponibilidade.

Ana Paula: *Mas depois vocês fizeram um protocolo. Como ficaram esses pedidos?*

Wesley: A partir do protocolo, as pessoas faziam um e-mail pedindo uma *live* e a gente perguntava: Que *live*? Sobre o que? Que dia? Que horário? Qual unidade acadêmica está promovendo? Isso para evitar alguma situação problemática que poderia acontecer, porque é um canal oficial de uma instituição, então você tem que ter alguns procedimentos. Teve uma vez que foi um erro, a gente criou uma sala de treinamento e nessa sala de treinamento a gente criava pública, e o nome do evento era uma discussão sobre a questão da extrema-direita e a direita radical. Só que o nome da sala, na hora de salvar, ficou assim: “Treinamento direita radical”. Isso gerou um fuzuê, porque as pessoas começaram a falar “Meu Deus, a UFG tá treinando as pessoas pra ir para a direita radical? O que é isso? O que está acontecendo?”. Então a gente começou a ter um protocolo, exatamente para evitar esse tipo de situação.

Ana Paula: *Quais eram os dados básicos da live solicitados neste protocolo?*

Wesley: Nome do responsável, qual o vínculo com a universidade (se era professor ou técnico-administrativo). No caso de estudantes solicitando as *lives*, era necessário ter um professor ou tutor responsável por isso. A pessoa disponibilizava o número de matrícula e essas *lives*, na verdade, fazem parte de um projeto de extensão. Então o ideal - depois a gente começou a requisitar isso -, é que fossem criados projetos de extensão para serem relacionados com essas transmissões. A *live* é um projeto, é uma forma de você passar as atividades da universidade para o público, para a população lá fora, para ela ter acesso a isso. Então, era necessário que você criasse um projeto de extensão. As pessoas mandavam essas informações e a gente respondia sobre a disponibilidade. Depois, era criado esse projeto de extensão, que deveria ter aprovação do Conselho Diretor da unidade acadêmica. Outra coisa que foi criada também para evitar problemas, foi a autorização de uso de imagem. Foram dois formulários principais. Na autorização de uso de imagem você autoriza que o conteúdo seja veiculado no canal da UFG no YouTube e em outros canais; se a gente quiser fazer um recorte e publicar no Instagram, é uma possibilidade. No formulário de responsabilidade de conteúdo, o organizador do evento se responsabiliza pelos

convidados e pelos conteúdos. Depois também adotamos uma frase padrão em todas as transmissões, que dizia que o conteúdo era de responsabilidade dos organizadores e não refletia diretamente a opinião da UFG.

Ana Paula: *Em relação à comunicação com os solicitantes das lives, naquela época era só por e-mail ou já se usava outras ferramentas também?*

p.45

Wesley: A princípio era por e-mail. Só que, para facilitar a comunicação, a gente começou a criar grupos de WhatsApp e isso acabou sendo inserido no protocolo também. Então, uma das informações enviadas, além das informações básicas da *live*, era o número de WhatsApp do responsável, para a gente criar um grupo com ele e inserir as demais pessoas que iam participar do treinamento. A gente sempre sugeria a formação de uma equipe técnica, composta por duas ou três pessoas. Uma delas para gerenciar as telas de transmissão, outra para interagir com o público no chat, porque lá você vai comentar e vai aparecer “UFG oficial disse isso”. Então, não é a mesma pessoa fazendo tudo; até acontecia em alguns eventos, mas não é o recomendado. A gente criou até um protocolo com alguns comentários que as pessoas podiam pegar e ajustar de acordo com o evento dela: “Estamos começando o evento ...”; “Siga os nossos canais ...”.

Ana Paula: *Estamos falando das lives e do crescimento das transmissões, lembrando que o contexto era a pandemia de covid-19. Então, conta um pouco como foi esse trabalho. Era remoto? Como você desempenhava suas atividades?*

Wesley: A princípio foi totalmente remoto. Demorou mais ou menos um ano até eu conhecer a equipe presencialmente. Dava para fazer tranquilamente, até porque eram transmissões. Cada um fazia da própria residência ou do local. Às vezes, alguma pessoa ia para uma universidade, mas sob sua própria responsabilidade, não era uma exigência nossa. Depois, a gente teve a flexibilização e começou o trabalho híbrido.

Mas, ainda assim, era totalmente pelo computador. Começou a voltar o presencial com um pouco mais de força e as pessoas continuaram a querer transmitir os eventos, o que foi, na verdade, um desafio.

Porque até então, o StreamYard é para ser uma ferramenta remota. Para fazer a transmissão de um evento presencial, dá um trabalho. A gente até conseguiu a aquisição de dois equipamentos celulares para isso e fizemos de forma amadora, inicialmente. Quando eu saí, essa questão dos eventos híbridos ainda estava começando.

p.46

Ana Paula: *Então não só o regime de trabalho, mas os eventos também passaram a ser híbridos. E aí foi um novo desafio, um novo jeito que vocês tiveram que criar para atender.*

Wesley: Sim, a gente teve que inovar usando as ferramentas que a gente tinha. Foi muito desafiador mesmo. O Henrique já tinha entrado nessa época, então, era a gente quebrando a cabeça para pensar formas de transmitir com qualidade. Uma coisa que limitava muito, infelizmente, é a questão da estrutura de rede. Uma recomendação que a gente fazia era que as pessoas sempre usassem o computador conectado à internet por cabo, porque é muito mais seguro. Então, às vezes, acabava tendo um pouquinho de queda na qualidade por essas questões. Mas, ainda assim, conseguimos fazer algumas entregas.

Ana Paula: *Foi nessa época que a gente realizou transmissões usando o StreamYard e o Google Meet ao mesmo tempo?*

Wesley: A gente começou a utilizar essas duas ferramentas. O StreamYard tinha um limite de dez pessoas, porque a ideia desse programa é ser uma plataforma de transmissão de *lives*. Você não faz *live* com 30 mil pessoas, você não faz *live* com 50 pessoas. Uma *live* vai ter uma pessoa e alguns convidados. Depois, o limite foi ampliado para 12 mas, mesmo assim, na tela, apareciam ao mesmo tempo dez

peessoas. Isso começou a ser um desafio em alguns eventos oficiais com várias autoridades. Todos querem aparecer na tela. Começou a ser um desafio utilizar somente o StreamYard e passamos a fazer um híbrido com o Google Meet, que tinha capacidade, se eu não me engano, de até 250 pessoas. Era mais ou menos assim: as pessoas falavam lá no Google Meet e a gente só compartilhava a tela no StreamYard. Por exemplo, a gente teve isso na primeira edição do Espaço das Profissões, porque eram vários professores de vários cursos, não cabia todo mundo aqui [no StreamYard]. Tinha que ter uma pessoa para gerenciar o chat, outra para gerenciar a tela, um entrevistador; só aí já eram três pessoas e sobrava espaço somente para mais sete professores participarem. Então teve esse desafio. O uso do Google Meet tinha um *delay* ²⁶, às vezes, mas nada que comprometesse a transmissão. Então a gente começou a utilizar essa forma híbrida de transmissão, no sentido de utilizar duas ferramentas diferentes mas, ainda assim, todo mundo em casa.

p.47

Ana Paula: *Esse recurso também foi utilizado nas transmissões das primeiras refeições de grau realizadas pelo YouTube?*

Wesley: Sim. Foi um desafio a gente tentar achar uma forma que coubesse. Imagina, a refeição de grau é um evento marcante para a vida. Você quer aparecer. No StreamYard, não cabe todo mundo que vai colar grau, então foi quando a gente começou a utilizar o Google Meet junto. Por meio do Google Meet, tem uma possibilidade de você colocar em destaque a pessoa que estiver falando na hora. A gente pedia para todo mundo silenciar o microfone e só abrir na hora que fosse falar. Foi a forma que a gente conseguiu, mas ainda era desafiador, porque você não tinha controle. Às vezes era uma sala com 100, 120 pessoas. Então, eventualmente, aparecia a pessoa que estava se formando, da casa dela. Não estava só o formando. Estava também a família, o pessoal comemorando.

Ana Paula: *Por tudo isso que a gente está falando, esse momento de pandemia contribuiu para que a UFG tivesse um grande crescimento do canal do YouTube. Como*

foi isso para você? Observar esse crescimento, aprender tudo isso...

Wesley: Era uma emoção, porque a gente sempre ficava esperando “os próximos dez mil” ²⁷ . Quando eu comecei, eram seis mil. A gente tinha aquela ansiedade para chegar aos dez mil. E tinha uma produção muito intensa de conteúdo de qualidade. Os eventos da Universidade estavam acontecendo todos de forma on-line agora: simpósio, palestra, encontro. Tudo isso estava sendo transmitido. As pessoas, nas suas casas, queriam participar e continuar a vida, publicando, fazendo as coisas. Essa era uma forma que a gente tinha de conseguir manter a produção da Universidade, mesmo no contexto terrível de pandemia, de déficit de investimento, de um governo que não colaborava com isso. Então, foram anos bem terríveis, mas, apesar de tudo isso, a Universidade continuou produzindo e crescendo, principalmente nos números das redes sociais. Imagina, você chegar de 6 mil a 46 mil inscritos no canal. Você ter mais de um milhão de visualizações. Isso ultrapassou a Universidade, tem muito mais gente assistindo e tendo contato com o canal e com as atividades que a Instituição faz. Isso é maravilhoso, dá uma sensação de muita alegria. Vamos esperar os 50 mil agora, né? Imagina, ser o canal das universidades federais com mais inscritos. É bom demais!

p.48

Ana Paula: *E sobre a experiência de trabalhar na Reitoria? Tem uma formalidade, mas o YouTube é muito dinâmico, é uma rede social, com todas essas mudanças que a gente acompanha. Como você enxerga essa integração?*

Wesley: A Reitoria Digital foi uma coisa muito acertada. Se eu quero saber o que aconteceu na reunião do Consuni eu vou pegar a ata? Quando é que eu vou ter tempo para isso? Ainda mais nesse mundo em que as coisas fluem e tem muita informação. Pouco antes de a gente ter essa gerência do YouTube, eu acho que a gente já conseguia publicizar para a comunidade universitária e para a comunidade externa o que a Reitoria estava fazendo, então eu acho que aproximou muito. Até então, desde a minha primeira graduação, a Reitoria parecia uma coisa muito distante. E acho que a Reitoria Digital, tanto assumindo o YouTube quanto tendo uma rede social, foi um

ganho muito grande no contexto de negacionismo e ataque à universidade. É muito relevante mostrar o que estamos fazendo, mostrar que as decisões tomadas em relação à comunidade universitária não são arbitrariedades do reitor. Não, não é o reitor que decide, tem um conselho. Não são coisas que acontecem a portas fechadas. É público, você pode assistir para ver o que foi votado, o que foi decidido e, eventualmente, fazer as suas reivindicações. Eu acho que essa integração é muito interessante e só tende a melhorar, tornando cada vez mais acessíveis as atividades da Reitoria e da Universidade para a comunidade.

Ana Paula: *Além do gerenciamento do canal da UFG no YouTube, você também participou da atividade jornalística da Reitoria Digital de fazer a cobertura da agenda institucional, principalmente na cobertura fotográfica e aplicação das manchetes. Como era essa parte?*

Wesley: Essa questão da aplicação das manchetes foi interessante. É muito desafiador, porque está acontecendo um evento, você tem que anotar, ficar atento ao que está acontecendo, tirar as fotos. Durante o período da pandemia, eu acredito que as transmissões facilitaram um pouco o trabalho, porque se foi transmitido, está gravado, você pode voltar, ouvir de novo. Eventualmente, eu cheguei a cobrir alguns outros eventos on-line e é tranquilo, você tem na íntegra o que a pessoa falou. Só que quando a gente voltou para o presencial, começou a ser mais desafiador. Eu até cheguei uma vez a gravar, mas percebi que era inviável gravar o evento todo e depois ouvir tudo. Não, você tá lá, tem que prestar atenção. E aí a gente começou a ajustar isso e ter uma cobertura jornalística híbrida. Então, tinha uma pessoa em campo, eu estava lá em campo, pegava as informações, fazia os registros fotográficos, e eventualmente a gente passava isso para os jornalistas acertarem e sair a publicação. Também acontecia de chegarmos nas agendas e não serem assuntos para cobertura. Uma coisa muito boa, que sempre teve, pelo menos do meu ponto de vista e da experiência que eu tive, foi um diálogo muito aberto por parte dos dirigentes com a

equipe jornalística. Tinha esse auxílio, até porque eu não terminei a minha formação jornalística, então, com certeza, tem algumas lacunas que ainda precisam ser preenchidas.

Ana Paula: *Você tem alguma história marcante durante seu período na Reitoria Digital?*

Wesley: Em vários momentos tive situações muito desafiadoras. Em uma colação de grau do Pronera ²⁸, o nome da turma ia ser Turma Fidel Castro. E aí teve uma movimentação de uma pessoa que hoje é deputado federal, para entrar na *live* e tentar derrubá-la. Foi uma tensão porque você começava a ver esse ataque acontecendo ao vivo. Ele publicou o link do evento nas redes dele, que têm grande alcance, e a gente ficou com aquele medo. Eu fiquei organizando os comentários, porque nós não íamos fechar o chat. Imagina, é colação de grau, as pessoas querem participar, os pais e parentes querem dar os parabéns. Já não tem a formatura presencial, é complicado fechar os comentários. Essa atividade foi muito marcante no sentido de imaginar o ataque à universidade acontecendo aqui. E quando teve a nomeação para a reitoria ²⁹ foi um choque, todo mundo esperando a primeira colocada da lista tríplice e foi nomeada outra pessoa. Naquela semana eu peguei covid, então eu estava em casa, tentando acompanhar. Foram eventos que me marcaram, desse ponto de vista, do choque. Eu penso que todos eles têm coisas positivas. Foram eventos assustadores, mas a gente tira muita coisa boa disso. E também tem muitas situações engraçadas durante os treinamentos. O trabalho começou a invadir a casa de todo mundo. Você estava na sua casa, com a sua família e, de repente, aparecia alguém na transmissão. Eu tenho essa experiência na Reitoria Digital muito marcada no meu coração, pelo fato de ter participado e visto esse crescimento. A gente continua, segue na vida, vai para outros desafios, mas a atividade continua sendo muito bem feita. A equipe vai passando, vão entrando outras pessoas e é muito bom ver a Reitoria Digital crescendo. Eu faço um balanço muito positivo desse tempo que eu estive aí: do ponto

de vista pessoal, para o meu crescimento e das amizades e vínculos que a gente fez. Eu sou muito feliz por ter participado dessa experiência, por ter chegado lá quando era tudo mato e ver os prédios sendo construídos.

Notas

25. Laís Forti Thomaz, professora da Faculdade de Ciências Sociais da UFG e então secretária de Relações Internacionais da Universidade.

26. Atraso.

27. Dez mil inscritos no canal UFG Oficial no YouTube.

28. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

29. Percepção

“A produção da Universidade não parou”: a consolidação do canal UFG Oficial no YouTube como ferramenta de ensino, pesquisa e extensão

Henrique Moreira Oliveira

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Henrique Moreira Oliveira nasceu em 25 de outubro de 1994, em Goiânia. Graduado em Arquitetura e Urbanismo e em Museologia, atua como bolsista profissional na Reitoria Digital da UFG desde julho de 2021 até o presente momento ³⁰. Neste período, desenvolveu múltiplas habilidades na área de Comunicação, sempre agregando também os conhecimentos das duas graduações. Entre as atividades realizadas, o foco é o gerenciamento do canal UFG Oficial no YouTube, mas também contribui na cobertura fotográfica de eventos, no apoio às atividades jornalísticas e em diversos projetos de memória e exposições institucionais.

p.50

Ana Paula Vieira de Souza: *Qual é a sua formação profissional e suas experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Henrique Moreira de Oliveira: Minha primeira formação é em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 2016. Depois eu fiz uma especialização em História da Arte, pela Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, e passei por um período de atividades voltadas para a Arquitetura. Fiz alguns atendimentos, com projetos executados em Goiânia, até que eu realizei um sonho antigo de fazer uma outra graduação, que era a minha primeira graduação de desejo, quando eu ainda estava lá no Ensino Médio, que foi Museologia. Foi dentro da Museologia que os meus caminhos aqui na UFG começaram a se construir e alguns laços que me trouxeram para a Reitoria Digital foram feitos também. Comecei Museologia no primeiro semestre de 2019. Eu tinha esse sonho de realizar o curso, de ser aluno da UFG um dia e deu certo. Finalizei o curso no primeiro semestre de 2023.

Ana Paula: *Você era estudante de Museologia quando ficou sabendo da vaga da Reitoria Digital? Como foi o processo seletivo?*

Henrique: Eu fiz um ano do curso de Museologia presencialmente, até que ocorreu a pandemia de covid-19. Fomos pegos de surpresa quanto às restrições impostas pela doença e então ficamos mais recolhidos em casa, em quarentena, nos famosos “15 dias”³¹. Nesse primeiro momento, eu estava um pouco desiludido com a Arquitetura e não estava atuando na área; eu trabalhava com gestão de pessoas em hotéis aqui de Goiânia. Em um determinado momento, com a chegada da pandemia, eu fiquei com medo de atender várias pessoas nessa rede hoteleira e fiquei um pouco recluso, assim como todo mundo. Nessa época, fiquei sem perspectiva profissional mesmo. Eu não queria me envolver com Arquitetura, porque não era uma paixão, e já estava trilhando outros caminhos profissionais em outra graduação. Eu estava meio desacreditado e fiquei pensando: “Meu Deus, o que vai acontecer?”. Antes de chegar à Reitoria Digital, eu tinha sido aprovado em um processo seletivo para Agente de Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da UFG. Não era a minha área, não era a minha aptidão, mas como na Arquitetura nós tínhamos uma familiaridade com Design Gráfico, porque as visualidades na Arquitetura e o desempenho em softwares de ilustração digital eram frequentes, eu pensei: “Bom, eu preciso pelo menos ter alguma ocupação nesses 15 dias de reclusão”. Não foram 15 dias, foi mais de um ano. Entrei como

bolsista de comunicação na FCS. Lá eu fazia atendimento a dúvidas de discentes e também a dúvidas de docentes quanto à comunicação da Faculdade de Ciências Sociais com o público na internet. Existia uma comissão de comunicação que era a CCOM e lá tínhamos os jornalistas, a diretora, a vice-diretora, alguns coordenadores de curso e o professor Pablo Lisboa, que coordenava a FCS Digital. Era como se fosse uma afiliada da Reitoria Digital, por ser uma unidade acadêmica onde ele [Pablo] era docente. Eu cuidava das redes sociais da Faculdade, produzia artes para postagens em *stories*, *cards* para Instagram, *banners* para o site, *releases* para eventos e cuidava também do YouTube setorial. Então essa parte de treinamentos para uso do YouTube durante a pandemia, na Faculdade de Ciências Sociais, era eu que gerenciava, por intermédio do professor Pablo Lisboa. Eu fiquei lá por pouco tempo, foram menos de seis meses, quando surgiu uma vaga na Reitoria Digital. Não era de forma alguma a minha área de atuação profissional, era totalmente diferente, mas eu precisava sobreviver social e financeiramente; precisava estar envolto em alguma atividade. Então, em julho de 2021, eu prestei o processo seletivo. Não houve uma procura muito grande nesse processo e eu passei em primeiro lugar. As premissas do processo seletivo eram voltadas muito mais para as questões de memória, produção de artes, monitoramento de notícias e concepção de espaços expositivos.

p.51

Ana Paula: *Como era o contexto da Reitoria Digital em julho de 2021, quando você chegou?*

Henrique: Nós estávamos na extensão dos 15 dias de reclusão da pandemia, já tinha quase um semestre inteiro que estávamos paralisados e eu cheguei em um momento 100% remoto. Cheguei com um pouco de medo. Eu pensava: “Meu Deus, eu saio de um curso pequeno dentro da Faculdade de Ciências Sociais, da Museologia, e vou lidar com a comunicação da Instituição como um todo, da Reitoria”. A gente tinha um pouco de vergonha porque não tinha essa familiaridade. A primeira atividade foi entrar em um grupo de WhatsApp, pois a comunicação na Reitoria Digital era focada nesse grupo. Para mim, isso era muito curioso porque eu achava que era uma coisa muito mais complexa. O momento que a gente vivia era complexo, mas a comunicação fluía

bem nesse grupo de WhatsApp. Então, as primeiras demandas solicitadas para mim foram: “Produza manchetes, produza o visual das manchetes”. A maioria dos eventos, se não a totalidade (até que foram se desenvolvendo as questões de maior qualidade sanitária), eram remotos, através de transmissões no YouTube ou no Google Meet. Geralmente eu fazia esse acompanhamento, tirava alguns prints de tela e montava a imagem da manchete que iria ser postada nas redes sociais da Reitoria Digital. Eu mexia com alguns *softwares* de criação de imagens e me deparei com outro programa. Fui aprendendo na raça mesmo.

Ana Paula: *Quais eram esses softwares?*

Henrique: Eu tinha mais familiaridade com o *CorelDRAW*³², pois na Arquitetura eu mexia muito com isso. Aqui na Reitoria Digital a gente começou a utilizar o *Adobe Illustrator*³³, mas já existia o modelo pronto de outras produções, feito com o apoio do setor de Publicidade Institucional da Secretaria de Comunicação da UFG e do outro bolsista que era meu companheiro nas atividades. Então eu entrei nesse grupo, todas as informações foram repassadas para mim e eu fui aprendendo nesse primeiro mês. Nesse grupo de WhatsApp, as pessoas que estavam ali iam direcionando com imagens e textos a melhor forma de visualidade para que o público tivesse a informação o mais rápido possível. Não demorava dez minutos para essa manchete ficar pronta visualmente.

p.52

Ana Paula: *Então você não chegou para trabalhar direto com o canal da UFG no YouTube, que é o que você faz atualmente?*

Henrique: Não. O YouTube veio para mim durante a pandemia por conta do volume muito grande de solicitações de *lives*, devido ao momento que a gente vivia. A produção da Universidade não parou. A pessoa estava trabalhando nos pilares de pesquisa, ensino e extensão e o YouTube era uma ferramenta chave. Foi um desafio lidar com isso. A princípio, eu entrei para fazer produção gráfica, para pensar espaços expositivos virtuais e presenciais - quando a pandemia se encerrasse - e também para

fazer um monitoramento de notícias e sensibilização do que o público estava achando, do que era colocado em voga pela voz institucional. Posteriormente, o YouTube veio para a minha calçada e hoje eu acredito que eu tomo mais a frente dessa questão na Universidade, em parceria com a Marília. Com a saída do Wesley, eu tomei essa posição de encabeçar as atividades.

Ana Paula: *Você falou que não conhecia os softwares da produção gráfica. E a questão do YouTube? Quando você passou a trabalhar com essa rede a gente já usava o StreamYard há muito tempo. Você já conhecia ou foi aprendendo tudo também?*

Henrique: O StreamYard chegou para mim durante a pandemia também, eu ainda não era bolsista da Faculdade de Ciências Sociais. Nós estávamos realizando um seminário internacional no curso de Museologia e o professor Pablo estava procurando alguns alunos que tivessem essa agilidade tecnológica. Ele me mandou uma mensagem dizendo que precisaria de ajuda nesse seminário, que seria remoto, e que ele ensinaria a lidar com o StreamYard. Em 30 minutos ele repassou todas as funções e a partir desses 30 minutos, até hoje, eu trabalho com essa plataforma. Posteriormente, como agente de comunicação da FCS, eu fazia esses treinamentos utilizando o StreamYard, então já cheguei na Reitoria Digital com essa familiaridade.

Ana Paula: *E como foi essa caminhada de ser uma pessoa dos bastidores para, atualmente, gerente de lives do canal da UFG no YouTube?*

Henrique: Não foi algo programado, foi evoluindo aos poucos. Como a demanda de solicitações aumentou drasticamente, aos poucos eu e o Wesley fomos compartilhando funções: eu ficava mais na parte de atendimento e ele, de treinamentos. Então, o primeiro contato dos solicitantes era comigo e o treinamento de gestão da ferramenta era com o Wesley. Aos poucos, o Henrique que estava ali no atendimento ao público começou a ser conhecido.

Ana Paula: *E como era a sua comunicação com esse público? Que ferramentas você usava?*

Henrique: Esse processo de comunicação com o público inicialmente é privilegiado pelo e-mail. Para que a gente possa fazer o agendamento de uma transmissão, todas as pessoas interessadas devem, primeiramente, nos informar data, título, responsável e uma pequena descrição do evento. Temos uma agenda do Google para visualizar quais *lives* estão programadas. Então, a partir desse agendamento por e-mail, nós criamos um grupo de comunicação no WhatsApp, porque essa comunicação precisa ser fluida; pelo e-mail a gente não tem rapidez de resposta e de visualização. Neste grupo de WhatsApp, estão as pessoas da equipe da Reitoria Digital que cuidam do YouTube, incluindo o coordenador, que é o professor Pablo, e todas as pessoas do evento envolvidas na gestão do YouTube. Então essa comunicação acontece por esses dois canais: primeiramente pelo e-mail e depois, pelo grupo de WhatsApp.

Ana Paula: *Hoje, o que uma pessoa precisa para transmitir uma live pelo canal da UFG no YouTube? Além desse primeiro e-mail que você falou, o que ela precisa enviar para fazer essa transmissão?*

p.54

Henrique: A transmissão pode acontecer de duas formas: ou no canal UFG Oficial, ou em um canal setorial no YouTube, caso a unidade acadêmica, o grupo de pesquisa ou os organizadores tenham esse canal. Nesse segundo caso, as pessoas podem utilizar essa plataforma que é o StreamYard, fomentada pela Funape [Fundação de Apoio à Pesquisa], para exercer sua função de divulgação científica. O nosso forte é a utilização do canal da UFG, pela quantidade de inscritos: atualmente são 46.200 e esse número só está crescendo. Então a pessoa faz essa primeira solicitação, nós fazemos o agendamento e ela precisa dispor de recursos humanos para a organização do evento. Nós fazemos um treinamento e damos a autonomia para que os organizadores possam produzir o seu evento. Então, necessariamente, ela precisa indicar duas pessoas: um gestor de telas e um gestor de chat. O gestor de telas é aquela pessoa que vai trabalhar com a visualidade da *live*: ele vai colocar as pessoas

na *live*, retirar, passar um PowerPoint, colocar e encerrar a *live*. Já o gestor de chat é aquela pessoa que faz a animação de público, de plateia, respondendo algumas dúvidas, enviando link de certificado, conversando com as pessoas dentro do estúdio - porque uma vez que a *live* está ao vivo, a conversa paralela não pode acontecer, ela ocorre somente num chat privado, pois tudo que é passado em tela é gravado e é repassado ao vivo no YouTube. Então nós oferecemos esse treinamento e nesse intervalo entre a solicitação, treinamento e o evento na data programada, o organizador prepara um projeto de Extensão que dê confiança ao conteúdo que será ministrado no canal da UFG, porque esse é um canal que precisa ter conteúdos relevantes, que exaltem os pilares da Universidade, de Ensino, Pesquisa e Extensão. Posteriormente, ela também precisa produzir as peças gráficas. A transmissão não acontece somente com a minha câmera, o meu microfone e os meus convidados. A gente preza por uma qualidade de visualidade. Ela pode até acontecer somente com a minha câmera e o meu microfone, mas nós sempre temos um conjunto de artes. São quatro telas em formato YouTube que são ferramentas primordiais em relação ao cuidado com o público que está vendo meu conteúdo. A primeira arte é a de capa, que vai ter todas as informações gerais: data, convidados, unidade acadêmica proponente, apoiadores e o título, que é o “cartão de visitas” da sua transmissão porque ela fica agendada com esse nome no YouTube até entrar ao vivo. A segunda arte tem a frase “Em instantes”, para avisar às pessoas que a *live* vai começar e elas não serem pegadas de surpresa. Depois, uma arte de *background* ³⁴, que fica atrás das câmeras ligadas durante a transmissão. Por fim, uma arte de agradecimento para informar ao público que a transmissão acabou e que a partir daquele momento ele pode procurar outro conteúdo no YouTube ou encerrar as suas atividades. Além das artes, do treinamento e do projeto de extensão, o solicitante ainda precisa passar uma ficha técnica, que é uma descrição de tudo o que acontece no evento. Vai repetir data, título, um pequeno currículo dos convidados, dos organizadores e dos apoiadores. Isso é um facilitador de pesquisa, porque o nosso canal é de conteúdo universitário, para pesquisa. Com tudo isso entregue, nós criamos os links e enviamos nos grupos de WhatsApp e por e-mail. É enviado um link do YouTube e um link do StreamYard, que é essa ponte de informações para o YouTube ou para qualquer outra plataforma que tenha conexão como, por exemplo, Facebook, Twitter e LinkedIn. É um pouco burocrático, eu nem

falei tudo, mas tem funcionado bem e graças a esses procedimentos o canal tem crescido constantemente e com qualidade. Um fato muito importante é: como nós estamos lidando com conteúdo, com propriedade intelectual, quem participa desses eventos tem que assinar um termo de uso de imagem e de som, para que as pessoas possam referenciar isso posteriormente em suas pesquisas e para que outros canais possam replicar. Temos também um termo de responsabilidade técnica, em que o proponente do evento assume essa responsabilidade do evento, eximindo a Reitoria Digital. Nós auxiliamos e damos autonomia, mas nós não temos essa responsabilidade pelo evento proposto, já que temos uma infinidade de eventos, pois atendemos a Universidade inteira e todos os câmpus.

Ana Paula: *Você mencionou rapidamente o crescimento do canal da UFG no YouTube. Como essa questão estava quando você chegou e como está hoje?*

Henrique: Atendemos mais de 700 pedidos de transmissão; destes 700 pedidos, não é somente uma *live*. Tem pedido que o montante era 50, tem eventos que são 30 *lives*, enfim. Em julho de 2021, quando eu cheguei, o número de inscritos no canal era de aproximadamente 30 mil. Hoje nós comemoramos a marca de 46 mil inscritos. Em um cenário nacional de canais oficiais de universidades públicas federais, a UFG lidera. A segunda colocada é a Universidade Federal de São Paulo e a diferença entre esses dois primeiros é de dez mil inscritos, que é muito grande. Nós crescemos mensalmente cerca de 1000 inscritos. A gente está liderando desde que começamos as atividades de gestão do YouTube. Em terceiro lugar, está a Universidade Federal de Pernambuco, depois a Universidade Federal do Maranhão e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, entre quase 50 instituições federais que possuem canal oficial. Se nós formos levantar alguns números em relação à quantidade de pessoas da comunidade acadêmica atendidas, levando em consideração as figuras do gestor de telas e gestor de chat, quase 10% da comunidade acadêmica já recebeu esse treinamento pela Reitoria Digital, segundo dados do UFG Analisa (não considerando as pessoas que já se graduaram, técnicos-administrativos, aqueles que já se aposentaram). É uma

autonomia muito grande de gestão: muitas pessoas, hoje em dia, quase não procuram esse treinamento porque já têm e esse é um crescimento muito gratificante para a gente.

Ana Paula: *Houve todo esse crescimento, entre outros fatores, porque estávamos em um período de pandemia. Como está hoje, em junho de 2023? As pessoas ainda continuam fazendo transmissões?*

p.55

Henrique: Fazendo uma comparação de 2021 para cá, lembrando que estamos em um outro cenário em que a pandemia foi declarada encerrada, essa cultura das transmissões remotas continua, por mais que tenha caído. Isso porque existe a facilidade de eu fazer um evento da minha casa e atingir um público maior. Era comum alguns eventos presenciais terem poucos inscritos. Hoje, esses poucos inscritos se multiplicaram, porque do conforto da minha casa, do meu celular, do meu trabalho, eu consigo assistir a um evento. Agora nós temos algumas parcerias, como por exemplo com a Fundação Rádio e Televisão Educativa (RTVE), que nos auxilia em transmissões presenciais. A pessoa que organizou o evento contrata a TV UFG para realizar, com todo seu maquinário e qualidade, a sua transmissão, e nós entramos com a gestão do YouTube. Mas existem também alguns casos de transmissões híbridas, com participações presenciais e remotas. Não tem uma qualidade excelente, mas o conteúdo chega e o evento acontece. Nós não nos restringimos somente ao remoto; a gente buscou outras alternativas para que o uso do canal da UFG não caísse. Então hoje, mensalmente, fazemos cerca de 30 atendimentos e cerca de 40 transmissões. Em 2021, eram 60 atendimentos e 90 transmissões mensais. A gente comemorou a marca de mil vídeos em outubro de 2021, na finalização do Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão, o Conpeex, e atualmente estamos batendo a marca de 1.800 transmissões. Eu acredito que até o final de 2023, a gente atinja 2.000 transmissões desde que a gente assumiu a gestão do canal da UFG no YouTube.

Ana Paula: *E falando desse momento de pandemia e crescimento do YouTube: como*

foram seus regimes de trabalho ao longo do tempo na Reitoria Digital?

Henrique: Começou totalmente remoto, mas em alguns momentos desse remoto, a gente se revezava em uma escala. Nós precisávamos estar aqui presencialmente, então eu ia para a Reitoria Digital uma vez por semana e ficava o dia inteiro. Do remoto, passou para híbrido, até que chegou o momento de voltarmos totalmente para o presencial, no começo de 2022. Os bolsistas profissionais que cuidam do YouTube fazem uma escala remota e presencial. Então eu continuo nesse esquema, porque a Reitoria Digital privilegia atendimentos em casa para trazer essa familiaridade com a pessoa que também está em casa, para ela não achar que agora que a pandemia acabou precisa voltar à formalidade do presencial e também porque a Reitoria Digital não engessa a nossa vida profissional. Como eu comentei, também sou museólogo, sou arquiteto e tenho as minhas outras atividades profissionais, que a Reitoria faz questão de não engessar. A coordenação tem essa boa relação que preza pelo crescimento da pessoa. Então foi acontecendo dessa forma: houve uma evolução do remoto para o híbrido e presencial.

p.56

Ana Paula: *Além do YouTube, você também trabalha com a cobertura fotográfica da agenda da Reitoria e a aplicação das manchetes. Como você desempenha essas tarefas?*

Henrique: Engraçado que, no remoto, a cobertura fotográfica era um *print* ³⁵ de tela das pessoas, dos rostinhos na tela do Google Meet. Com a presencialidade retornando, nós começamos a capturar esses momentos de forma mais profissional. Eu não tinha domínio nenhum de fotografia. O Wesley, que trabalhava comigo, é fotógrafo, então ele foi me ensinando. Nós começamos a acompanhar os jornalistas nessas coberturas e, enquanto eles produzem o texto, nós produzimos as imagens. É um momento de não ter vergonha. A gente precisa chegar perto, tirar foto do rosto, invadir alguns espaços, claro, com educação, para capturar o melhor momento. Então enquanto o jornalista está ali sentado, com a sua caderneta para anotar as informações, nós, fotógrafos, estamos circulando na sala de reuniões, no auditório,

estamos passando na frente de quem está falando no microfone. É uma atividade muito interessante, dinâmica e a gente acaba perdendo um pouco da vergonha. Então é feita uma curadoria pelos jornalistas para que seja escolhida a melhor foto para ser aplicada a manchete. Em 2021 e 2022 mudou a arte da manchete, com a ajuda de estagiários de Design Gráfico.

Ana Paula: *E em relação às exposições institucionais, uma tarefa que surgiu na Reitoria Digital mais recentemente e você já participa desde o início. Como funciona?*

Henrique: O meu processo seletivo foi voltado para isso também. A Reitoria Digital, pelo fato de o professor Pablo ser docente da Museologia, é um campo da comunicação também e ele tem essa preocupação com a memória institucional. Nós somos uma assessoria da Reitoria e lembrar esses momentos importantes para a construção da Universidade era uma preocupação do professor Pablo. Bom, eu sou arquiteto e sou museólogo. O arquiteto tem essa visão da construção do espaço e o museólogo também. Até o momento, a Reitoria participou de duas exposições presenciais e está na elaboração de uma terceira que eu ainda não me integrei. Essas exposições são feitas em conjunto com os discentes do curso de Museologia ou em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Proec. Eu, enquanto bolsista da Reitoria Digital, com os meus conhecimentos, monto a parte de exposição mesmo: disposição de mobiliário e de elementos gráficos para leitura. Posteriormente à montagem dessa exposição, nós também temos uma questão de monitoria, que é passar o meu conteúdo para o meu visitante, sem que seja somente contemplação. Ele precisa entrar numa exposição e refletir, para poder levar esse conhecimento para frente. Então, muitas vezes, eu estou ali nesse papel de monitor, acompanhando o visitante. Nós tivemos muito êxito na exposição “UFG na luta contra a covid-19”, que trouxe uma série de entrevistas. Eu acompanhei algumas dessas entrevistas no *backstage* ³⁶, com maquinário, filmadora e câmera fotográfica. A gente tentou elucidar um pouco como a gente não parou durante a pandemia e como foi a produção científica dos pesquisadores da UFG nos cenários local, goiano, nacional e internacional. As entrevistas foram exibidas em televisores, mas eles não ficavam espalhados aleatoriamente, havia a construção de uma narrativa. Posteriormente, nós

montamos a segunda exposição, que foi em comemoração à lembrança do Jornal 4º Poder, um dos principais veículos de comunicação da Universidade. Fizemos um processo curatorial das capas mais icônicas dessa produção jornalística e montamos para que as pessoas pudessem ler. Além de ver os painéis expositivos, uma espécie de “banquinha” com a edição impressa do jornal, para que a pessoa pudesse levar para casa, proporcionou uma vivência do passado.

p.57

Ana Paula: *E quais outras tarefas você desempenha além do gerenciamento do canal do YouTube e das exposições institucionais?*

Henrique: Também faço um monitoramento da voz institucional nas redes sociais e em canais de pesquisa como Google e Yahoo. A todo momento do meu expediente, eu estou pesquisando termos chave como “UFG”, “Universidade Federal de Goiás”, “Angelita Pereira de Lima”, “Jesiel Carvalho”, para que eu possa ver o que está sendo veiculado em nome da Reitoria. Assim, também identifico quando a imprensa aproveita alguma entrevista, fala ou matéria que nós publicamos. Diariamente, eu vou entregando essa produção no nosso grupo de comunicação, que faz com que tenhamos a ciência da dimensão que as coisas estão tomando e antecipemos uma possível gerência de crise. Em alguns momentos dessa coleta de notícias, fazemos uma sensibilização de comentários: eu leio todos os comentários, separo comentários positivos, neutros e negativos e gero uma análise de quantos comentários, quantas curtidas e qual foi o comentário de maior engajamento. Esse documento chega até a reitora, a um pró-reitor, a um secretário ou às pessoas envolvidas, para ajudar o gestor a tomar uma possível medida. Esse monitoramento de notícias gera também um *clipping* que é disponibilizado no site da Reitoria Digital.

Ana Paula: *Agora eu gostaria que você me contasse um pouco sobre como é trabalhar no ambiente da Reitoria.. Estamos no Gabinete, que é um espaço formal mas, ao mesmo tempo, o seu trabalho é com o YouTube e com as redes sociais, que são bem dinâmicas. Como você vê essa integração?*

Henrique: Eu vim de uma unidade acadêmica antiga, mas de um curso pequeno. Quando eu venho para a Reitoria, eu começo a ter contato com toda a Universidade, tanto com alunos quanto professores, diretores, coordenadores, técnicos-administrativos. Então a gente acaba realmente entendendo a dimensão da Universidade. Eu vim para a Reitoria com aquele medo: “Meu Deus, será que é um ambiente muito fechado? Será que as pessoas são extremamente formais?”. De fato, há essa seriedade e essa reclusão em relação ao trato, devido a essas particularidades. Mas aos poucos a gente vai se tornando uma família. A gente brinca bastante na Reitoria Digital e tem momentos de descontração, mas no momento do trabalho sério todo mundo foca e é um profissionalismo respeitável. A gente tem muito essa imagem “Nossa, os reitores são intocáveis. Como eu alcanço a Reitoria?”. A gente tem algumas dores de cabeça mas é fácil, leve e fluida a questão de entrar na Reitoria. Não é um ambiente fechado a sete chaves em que você precisa incorporar um personagem. Você precisa ser profissional.

Ana Paula: *Lá no início você contou sobre a sua formação e falou que não tinha nada na área de comunicação. E agora, quase dois anos depois, como você se sente nesse contexto, desempenhando uma série de atividades nessa área?*

Henrique: Eu costumo brincar que eu sou um jornalista praticante. A gente vai aprendendo muitas técnicas de texto e aprende muito na vivência. E a gente vê realmente a seriedade. Às vezes, uma vírgula ou um termo errado geram uma crise e muitas vezes a responsabilidade é nossa enquanto assessoria de comunicação, e não da reitora. Então me despertou um pouco mais de atenção, de senso de responsabilidade e de saber passar a informação corretamente. Não é uma área que eu possa falar que tenho total experiência. Eu domino Museologia, Arquitetura; Jornalismo, não. Mas eu aprendi muito e trouxe isso para a minha vida profissional também. Por exemplo: eu fiz estágio no Instituto Brasileiro de Museus e Museologia também é comunicação, de certa forma, porque trabalhamos com narrativas. Eu trabalhava com redes sociais e toda essa expertise que eu tive dentro da Reitoria Digital eu repassei para o meu estágio. Então eu tive uma comunicação melhor. Criei

um canal de comunicação no Instagram, no e-mail, fiz uma proposta de canal no YouTube. Então, graças a esse conhecimento adquirido aqui, eu consigo replicar para a minha vida profissional.

Ana Paula: *Tem alguma história que foi muito marcante para você durante esse tempo na Reitoria Digital?*

Henrique: Eu entrei no processo de transição de gestão da Reitoria. Comecei em julho de 2021 e no final daquele ano foi elencada a lista tríplice para que o novo reitorado se iniciasse. Então entraria, de acordo com a lista tríplice, a primeira colocada, que seria a professora Sandramara Matias Chaves, com a vice-reitoria do professor Jesiel Carvalho. Eu me lembro que nós estávamos em uma tensão muito grande esperando a nomeação, pois vivíamos em um governo que estava em constante ataque ao ensino público de qualidade e a gente estava na esperança de que a qualquer momento sairia a nomeação que deveria ser a escolha da comunidade acadêmica. No retorno do remoto para o presencial, nós estávamos fazendo alguns testes de transmissões in loco. Tínhamos alguns celulares e iria acontecer a posse da direção da Faculdade de Enfermagem. Eu me lembro até que fiz o primeiro teste de covid da minha vida para cobrir esse evento. Nesse dia, os representantes da gestão ainda eram o professor Edward e a professora Sandramara. O Edward já não era reitor, o mandato dele tinha acabado, mas ele fez uma presença. Nesse dia, sem nenhuma programação, saiu a nomeação da nova gestão. E por uma surpresa, não foi a professora Sandramara a escolhida, mesmo ela sendo a primeira da lista. Esse foi um choque muito grande para nós. Houve uma comoção muito grande. Eu lembro que o professor Edward se emocionou bastante. Diante disso, aconteceu que a pauta da Faculdade de Enfermagem que nós fomos lá para transmitir acabou se tornando secundária. Isso me marcou muito porque a partir desse momento, nós, da Reitoria Digital, enquanto assessoria de comunicação, tivemos que nos desdobrar muito. Nós fizemos postagem de última hora, de manhã, de tarde e de noite. Também promovemos duas coletivas de imprensa. Nessas coletivas eu fiz a produção visual, o jornalismo se organizou para estar ali na gestão de chat, para organizar quais seriam as pessoas a serem

entrevistadas. Nós estávamos ali suscetíveis a qualquer tipo de ataque. Foi escolhido o terceiro nome, que é a professora Angelita, que está na gestão atualmente. Naquele primeiro momento, ela também se assustou e nós tínhamos que estar ali em um círculo de afeto e apoio. Isso me marcou bastante: toda essa movimentação de comunicar que a escolha da comunidade acadêmica não tinha sido acatada e um terceiro nome tinha sido escolhido pelo Governo Federal. Nós estávamos naquele momento de tensão, de cobertura, de *live*, de postagem e isso me marcou bastante. Foi um fato que, a princípio, foi triste, mas depois muitas flores surgiram nesse caminho. Então tem sido gratificante fazer esse acompanhamento e mudar também os olhares da Reitoria Digital. De gestão para gestão, nós temos uma mudança no trato e eu acho isso muito interessante, pois gera muitos aprendizados. Também gostaria de fazer um elogio. Eu entrei na Reitoria Digital meio perdido, no remoto, mas hoje nós somos uma família. Hoje eu sou o bolsista mais velho, um dia eu fui o mais novato. Então, todos os estagiários, jornalistas, bolsistas que passaram pela Reitoria são pessoas com as quais a gente vai construindo laços. E isso é muito legal, é uma convivência muito fácil, muito rica, existe uma troca muito boa. Então, vida longa à Reitoria Digital!

Notas

30. Até o momento da entrevista, realizada em junho de 2023.

31. No início da pandemia de covid-19, as atividades foram suspensas por 15 dias, mas posteriormente o período de isolamento se estendeu ainda mais.

32. Software de criação de produtos visuais.

33. Software de edição de imagens vetoriais e criação de ícones, desenhos e tipografias.

34. Plano de fundo.

35. Captura de tela.

36. Bastidores.

“Acabei criando habilidades de professora”: a explosão das lives durante a pandemia de covid-19 e o treinamento da comunidade acadêmica para gerenciá-las

Lais Dias Rodrigues

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Lais Dias Rodrigues nasceu em 21 de julho de 1998, em Aparecida de Goiânia. Formada em Relações Públicas pela UFG, atuou como bolsista profissional na Reitoria Digital da UFG, com foco no gerenciamento do canal da Universidade no YouTube. Em uma de suas primeiras experiências profissionais, Lais se encantou pela possibilidade de estar na posição de “professora” e ministrar os treinamentos para a comunidade acadêmica aprender a gerenciar *lives* pelo programa StreamYard, utilizado pela instituição para gerir o canal UFG Oficial no YouTube.

p.60

Ana Paula Vieira de Souza: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Lais Dias Rodrigues: Eu sou formada em Relações Públicas pela UFG. Me formei em 2021 e, antes da Reitoria Digital, trabalhei na Secretaria de Comunicação da UFG e na

Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ) da UFG.

Ana Paula: *Como foi o processo de seleção para a Reitoria Digital? Como você ficou sabendo da vaga?*

Lais: Como eu já estava muito inserida dentro da UFG e conhecia muita gente, eu sempre ficava ligada nas coisas que apareciam nas plataformas. Eu trabalhava como agente de comunicação na EVZ, então eu sempre estava acompanhando o que a UFG lançava e uma dessas coisas foi o processo seletivo para a Reitoria Digital. Eu me interessei porque sei a importância do trabalho feito na Reitoria Digital. Me inscrevi, participei de uma seleção prévia, de uma entrevista e fui classificada para entrar na vaga. Teve um processo que foi a escrita de um texto sobre um acontecimento da Reitoria e uma entrevista com o Pablo e o Fabrício.

Ana Paula: *Quais eram as atribuições previstas para essa vaga na Reitoria Digital?*

Lais: Esse processo que eu fiz foi para o cargo de jornalista, mas viram que eu me saí bem e decidiram me colocar na vaga do Wesley, que ia ficar livre um pouco mais para frente. Fui aprovada e já fui trabalhar com o YouTube.

Ana Paula: *Quanto tempo trabalhou na Reitoria Digital? Como era o contexto quando você chegou?*

p.61

Lais: Fiquei um período de mais ou menos seis meses. Quando eu cheguei, a gente estava no processo de planejar esse estúdio que tem aí hoje. Eu cheguei para trabalhar com o YouTube, dar as palestras, as monitorias. Eu já tinha trabalhado com o StreamYard, conhecia a plataforma, tinha feito outras *lives*, mas não tinha a experiência de ensinar o outro a mexer nela. Então foi interessante porque eu acabei

criando habilidades de professora, de ter que fazer uma aula on-line para outra pessoa utilizar o YouTube da UFG. Fiz algumas coberturas de foto com os jornalistas, mas o principal foco era o YouTube mesmo.

Ana Paula: *O trabalho era remoto? Como você vê essa questão do trabalho remoto/híbrido?*

Lais: Quando eu entrei, o trabalho estava no modo híbrido. A gente fazia uma escala, eu e o Henrique: três vezes na semana eu ia presencialmente e três vezes, ele. A gente revezava, mas sempre estávamos disponíveis, mesmo no dia que não fosse presencial, respondendo às demandas da Reitoria no modo on-line, de casa. Na EVZ, eu trabalhava de forma híbrida. No período mais crítico da pandemia eu estava na EVZ, aí fui para o híbrido aos poucos. Eu gosto do híbrido porque eu acho que dá uma liberdade para os bolsistas terem tanto uma visão presencial, de participar das reuniões, ter o contato com outras pessoas da equipe, mas também de ter um momento mais livre para ter outros projetos, poder estudar outras coisas. Para o bolsista em si, para o profissional que está começando, eu acho muito bom para a carreira, muito importante esse formato.

Ana Paula: *Como você desempenhava o seu trabalho? Como fazia o processo de comunicação com os solicitantes das lives?*

p.62

Lais: A pessoa solicitava uma *live* pelo nosso e-mail, a gente enviava um passo a passo pedindo todas as informações e as imagens que a gente precisava para formular o link. Assim que ela mandava tudo eu ia lá no StreamYard, criava o link tanto para o nosso canal ou para o canal que ela escolhesse e ministrava uma aula sobre como usar a ferramenta. Nessa aula, eu falava de forma geral, depois falava sobre todas as funções; a pessoa tirava as dúvidas e eu liberava a pessoa para tocar o evento dela. O primeiro ponto de comunicação é o e-mail, mas geralmente a gente também criava um grupo no WhatsApp porque fica uma comunicação mais rápida. Até

mesmo se mais pessoas precisassem participar do treinamento, ficava mais fácil enviar o passo a passo e os links, então o grupo do WhatsApp também facilitava muito nesse processo de criação da live.

Ana Paula: *Como foi o crescimento do YouTube no momento da pandemia? Como foi aprender a trabalhar nesse novo contexto?*

Lais: Os eventos on-line vieram para ficar mesmo. O nosso canal do YouTube é gigante, é o primeiro maior das universidades federais e isso é muito bom porque dá visibilidade tanto para a Universidade como para os pesquisadores. A equipe da Reitoria sempre foi muito bem qualificada, com a coordenação do Pablo, que foi muito visionário na hora de pegar o projeto do YouTube para abraçar e fazer com que ele se tornasse o que ele é hoje.

p.63

Ana Paula: *Como foi a experiência de trabalhar na Reitoria? É um ambiente formal e institucional, mas o YouTube é mais dinâmico; como você via essa integração?*

Lais: Eu acho que a Reitoria Digital faz muito bem a integração dessas duas coisas, incluindo a parte da assessoria para a própria Reitoria. O Instagram da Reitoria Digital também cresceu bastante e eu acho que um conversa com o outro, porque os dois canais, tanto o Instagram quanto o YouTube, dão visibilidade para a Universidade. Então a integração desses dois canais é super importante para a divulgação de ambos. Tanto o YouTube para a divulgação da própria Reitoria com programas como o Boa Semana, entre outros projetos, quanto o Instagram, para a divulgação dos eventos que acontecem no canal do YouTube.

Ana Paula: *Além do YouTube, você também fazia a cobertura fotográfica da agenda e a aplicação da manchete nas imagens. Como desempenhava essa tarefa?*

Lais: Eu usei o *Illustrator*, um programa que eu não conhecia. Apreendi aí e sou grata. Quando a gente é novo na profissão, às vezes não tem acesso aos programas e ter lugares como a Reitoria Digital, que tem a capacidade além de captar, de ensinar a pessoa a fazer, é muito bom, muito importante.

Ana Paula: *O que, profissionalmente, o trabalho na Reitoria Digital agregou para você?*

Lais: A questão de ensinar o outro, eu acho que me fez ter uma visão diferente, uma visão mais do professor do que do aluno, vamos dizer assim. Além da visão da gente mudar, a fala da gente também se desenvolve, por ter que passar algo de forma correta, mas simples, para outra pessoa. Participar das reuniões da Reitoria, fazer as coberturas, acho que também dá um olhar do quão importante é a Reitoria em si. A Universidade toda, com certeza, mas a Reitoria em si, que coordena toda a Instituição. São muitas pessoas que dependem da Universidade e eu achei muito interessante ver e participar desses momentos.

p.64

Ana Paula: *Qual a ação mais marcante entre as que você fez na RD?*

Lais: Quando a gente fez a exposição da covid-19 ³⁷, eu acho que isso foi uma das coisas que mais me marcaram. Eu fiquei no Conpeex ³⁸ apresentando a exposição e a covid foi uma coisa que marcou todo mundo. Ver aqueles relatos, o quanto a UFG pode ajudar nesse período tão triste, acho que foi uma das coisas que mais me marcou. Eu gostaria também de agradecer a receptividade de todos, do Pablo, do Fabrício e do Henrique, principalmente; ele que me fez desenvolver aí dentro e eu sou muito grata por esse período.

Notas

37. Exposição institucional “UFG na luta contra a covid-19”.

38. Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG.

“As coisas já estavam muito bem encaminhadas”: a manutenção do canal UFG Oficial no YouTube depois da pandemia de covid-19

Marília Fernanda Sabino de Sousa

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Marília Fernanda Sabino de Sousa nasceu em 19 de fevereiro de 2001, em Campina Grande, Paraíba. Relações Públicas formada pela UFG, Marília é bolsista profissional da Reitoria Digital desde fevereiro de 2023, até o presente momento ³⁹. O foco do trabalho é o gerenciamento do canal da UFG no YouTube, mas ela também tem se aventurado em novas funções, como a cobertura fotográfica de eventos da agenda da Reitoria e a apresentação de um resumo semanal de notícias veiculado no formato de *reels* no Instagram.

p.65

Ana Paula Vieira de Souza: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Marilia Fernanda Sabino de Sousa: Eu sou formada em Relações Públicas, me formei na metade de 2022. Minha primeira experiência profissional foi na Secom UFG. Lá, fiz o estágio obrigatório durante a pandemia; infelizmente foi 100% on-line. Eu nunca tinha ido ao prédio da Reitoria até entrar para a Reitoria Digital, mas as meninas

são muito competentes e acolhedoras; adorei minha experiência na Secom. Depois eu também fui bolsista Provec [Programa de Voluntários de Extensão e Cultura] e, em seguida, Probec [Programa de Bolsas de Extensão e Cultura] na TV UFG. A maior parte do trabalho na TV também foi remoto. Também tive uma experiência profissional trabalhando com marketing e comunicação de uma empresa familiar pequena de RH aqui de Goiânia. Entrei na Reitoria Digital no começo de 2023, em fevereiro, e estou até hoje.

Ana Paula: *E quais tarefas você desempenhou nos estágios da Secom e da TV UFG?*

Marília: Na Secom eu ajudava com eventos remotos, foi a minha primeira experiência com o StreamYard. Também trabalhei em um projeto da época, que eu imagino que hoje já tenha sido finalizado, que era monitorar os sites institucionais da UFG. A gente tinha muitos sites criados com o domínio da UFG, mas sem administração, que ficavam muito tempo parados, sem conteúdo ou com conteúdos que não tinham muito a ver com a proposta de um site institucional de uma universidade. Tinha uma planilha gigantesca e eu trabalhei nela junto com uma outra colaboradora. Foi bem trabalhoso, eu lembro que a gente tinha que mandar e-mail para todos os donos desses sites no domínio da UFG para a gente monitorar. Na TV UFG eu trabalhava principalmente com a grade de programação, atualizando toda semana, porque toda semana mudam os programas que vão ser exibidos. Então, a gente tinha que atualizar, preferencialmente antes da semana começar, para as pessoas já saberem o que vai acontecer. Também trabalhava atualizando sites institucionais da TV UFG, auxiliando a Marília Almeida, que é assessora de comunicação de lá.

Ana Paula: *Como você ficou sabendo do processo seletivo da Reitoria Digital?*

Marília: Eu fiquei sabendo pelo Instagram. Eu vi minha orientadora, Lutiana [Lutiana Casaroli, professora da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG], compartilhar nos stories dela. Aí eu fui saber mais detalhes da vaga e vi que eu poderia me candidatar. A gente fez um processo seletivo junto com o Pablo, o Fabrício e o

Murilo. Na verdade, a vaga para a qual me candidatei era uma vaga para ajudar com as demandas do jornalismo, porque o pré-requisito era ser formado em alguma área da Comunicação. Então, você seria um profissional de comunicação; eles não pediam necessariamente que você tivesse formação em Jornalismo, mas as atividades seriam mais voltadas para esse setor da Reitoria Digital. Só que calhou de ser bem na época que a Lais tinha saído. Então, ficaram com dois espaços a serem ocupados na Reitoria Digital. O processo seletivo que eu fiz era bem voltado para as demandas do jornalismo mesmo, a gente tinha que fazer como se fosse um dia normal de atividades, montando manchetes, escrevendo matéria, fazendo um vídeo para o Instagram e adaptando uma matéria completa para ser postada no Instagram. Teve uma entrevista também. Eu fiquei em primeiro lugar e a Nathália ⁴⁰ ficou em segundo. Como ela é formada em Jornalismo e tinha essa vaga da Lais para ser preenchida, eu fui redirecionada para a vaga da Lais e a Nathália entrou para cobrir as demandas do jornalismo.

Ana Paula: *Como era o contexto quando você chegou na Reitoria Digital? As tarefas já estavam estruturadas? Você já dominava o StreamYard, que é o principal software utilizado na gestão do canal da UFG no YouTube?*

p.67

Marília: No contexto em que eu entrei, as coisas já estavam muito bem encaminhadas, eu só precisava cumprir as demandas. Eu recebi um treinamento do Henrique, com quem eu divido a mesma função. Apesar de termos algumas tarefas independentes, basicamente, somos agentes de comunicação, então a gente tem algumas atividades que convergem. A gente não teve que criar nada novo como eu vi, por exemplo, que o Wesley e o Henrique tiveram que quebrar a cabeça, desenvolver soluções. Quando eu entrei a gente já tinha voltado para o presencial totalmente. Então eu acho que foi bem tranquilo. Outras pessoas tiveram que criar a solução e se desdobrar para arrumar um jeito de fazer uma *live* à distância, mas com algumas pessoas presencialmente, usando dois aplicativos ao mesmo tempo. Eu fico muito impressionada com a capacidade da Reitoria Digital de, com pouquíssimas pessoas, se envolver em projetos tão grandes e tão importantes dentro da universidade, em contextos sociais, políticos e

sanitários muito difíceis. Mas, no contexto em que eu entrei, há quatro meses, acho que foi bem tranquilo. As coisas já estavam estruturadas. A gente tem que desenvolver soluções para alguns projetos novos, mas acho que pessoas antes de mim enfrentaram desafios maiores. Sobre o StreamYard, foi mais complicado, porque eu entrei com a função de ensinar outras pessoas a usarem essa ferramenta e eu acho que isso é mais difícil, porque as pessoas vão ter dúvidas e eu preciso saber responder. Então foi mais desafiador. Quando eu estava na Secom, eu usei o StreamYard no Espaço das Profissões e também em cerimônias de colação de grau. Eu entrava como gestora de chat, que é só uma das funções que o StreamYard oferece. Agora, eu tenho que saber tudo: saber como fazer a gestão do chat, de telas, como iniciar uma gravação. Então, eu acho que foi mais complicado nesse quesito, mas a parte boa é que quando você vai ensinando outras pessoas, você também vai fixando esse conhecimento. Hoje em dia eu tenho facilidade com a ferramenta, mas fiquei um pouco assustada no início quando eu recebi o primeiro treinamento e me foram apresentadas outras funções que eu nem imaginava que existiam dentro da plataforma.

Ana Paula: *Atualmente, quais são as suas tarefas na Reitoria Digital e como você as desempenha? Por exemplo, nas lives, como você faz o contato com as pessoas e o treinamento?*

p.68

Marília: Quando alguém da Universidade precisa fazer uma *live* pelo StreamYard, ela pode fazer pelo canal da UFG no YouTube - que tem todo um protocolo, porque é o canal oficial - ou pelo canal próprio da unidade acadêmica. A pessoa entra em contato com a gente por e-mail e essa parte do atendimento fica mais com o Henrique, mas eu também faço. Eu recebi esse treinamento de como é o protocolo, então se chegar um e-mail, eu consigo responder. A pessoa que entra em contato com a gente tem que passar alguns dados: o que é a *live*, sobre o que ela vai tratar, qual a unidade acadêmica responsável. Também é preciso assinar um termo de responsabilidade de conteúdo, um termo de autorização do uso de voz e imagem e encaminhar as artes gráficas com informações sobre a *live* para a gente usar na dinâmica de telas no

StreamYard. Pedimos para que essa pessoa entre no grupo de WhatsApp que a gente cria para ter uma comunicação mais fluida, porque o e-mail às vezes não tem tanta dinâmica, esse senso de urgência que às vezes uma *live* pode precisar. Pedimos para que essa pessoa envie para a gente a solicitação com pelo menos 15 dias de antecedência do evento, mas acontece muito de pedirem com um espaço de tempo muito menor do que 15 dias e aí a gente dá um jeito. Pelo menos no tempo que eu estou aqui, nunca aconteceu de a gente falar que não daria para fazer uma *live*. A partir daí, a gente cria uma sala no StreamYard, que também vai ser espelhada no YouTube. A gente compartilha com o solicitante o link do vídeo do evento no YouTube. Não fazemos diretamente a gestão do evento da pessoa, até porque são muitas *lives*. Como eu disse, na pandemia foi muito mais difícil. Eu não estava aqui, mas chegavam a acontecer seis *lives* por dia e a gente não tem braço para gerir diretamente todas elas. Hoje em dia já é bem mais tranquilo, acho que o máximo que eu vi acontecer no tempo em que eu estive aqui foram três *lives* no mesmo dia. Mas, mesmo assim, ainda é um número bastante grande. Gerir uma *live* já é muito complicado, tanto que a gente precisa de duas pessoas no mínimo para fazer isso: uma pessoa no chat e outra na gestão de telas. A gente não consegue fazer essa gestão diretamente, mas a gente treina a equipe do solicitante do evento para fazer isso. Me parece que 10% da comunidade acadêmica já foi treinada para fazer as *lives*, então é muito comum as pessoas só precisarem que a gente crie a sala. A Reitoria Digital já fez um trabalho muito significativo treinando pessoas da comunidade acadêmica. Quando a pessoa não tem familiaridade com a plataforma, aí ela precisa agendar um treinamento. Atualmente, eu estou responsável por fazer esse treinamento. A gente marca um dia, entro numa sala de treinamento que a gente tem aqui na plataforma, apresento todas as funcionalidades, ensino como se faz a transmissão de fato. Isso é responsabilidade minha. No final eu também gosto de passar um manual que o Henrique e a Lais fizeram, que tem todo o passo a passo. Tudo que eu explico no treinamento está lá escrito. Então no final do treinamento eu gosto de encaminhar para essas pessoas, no grupo de WhatsApp mesmo, caso elas tenham alguma dúvida ou queiram fixar o que eu acabei de falar. Esse manual também fica disponível no site da Reitoria Digital. Eu também tenho acesso à conta do canal oficial da UFG no YouTube diretamente. Embora sejam raras as vezes que eu preciso entrar lá, pois a maioria das coisas eu

resolvo pelo próprio StreamYard, caso dê algum problema, se eu precisar cortar alguma parte de um vídeo que já está lá no canal, apagar algum comentário, a gente tem que fazer isso pelo YouTube diretamente. Além do YouTube, eu também trabalho com a produção de artes para as manchetes no Instagram. A gente também trabalha com a produção do programa Boa Semana UFG, ajudamos o pessoal da Rádio Universitária. Hoje em dia, depois que a Nathália entrou, ela propôs uma demanda nova muito legal, que é fazer os destaques da semana. Então, sempre que vai chegando o final de uma semana, a gente reúne as notícias mais importantes que aconteceram sobre a Reitoria e grava uns videozinhos para colocar nos stories falando sobre essas notícias. Eles costumam sair no final de semana. Antigamente, eu ficava mais na parte da câmera mesmo, filmando, mas agora a gente está explorando algumas configurações onde eu falo para a câmera e tem sido muito legal. Quanto ao regime de trabalho, atualmente, a Reitoria Digital funciona 100% presencialmente, mas como tem duas pessoas responsáveis por essas tarefas, a gente consegue uma dinâmica de trabalho muito interessante. Dividimos os dias da semana igualmente e fazemos metade do nosso trabalho presencialmente na Reitoria e metade dele, remotamente. É importante que tenha sempre um agente de comunicação na Reitoria presencialmente e a gente conseguiu bolar um esquema onde isso é possível. Sempre tem alguém aí na Reitoria, um agente de comunicação. Caso precise de alguma foto urgente, alguma coisa assim, a gente consegue fazer essa dinâmica de ser um trabalho híbrido.

p.69

Ana Paula: *Além dessas tarefas, também tem uma novidade que é a sua participação no UFG Memória, que acho que basicamente são as decupagens. Você já tinha feito esse tipo de trabalho? O que você está achando interessante de ouvir nos relatos?*

Marília: Eu nunca tinha trabalhado com transcrição de entrevista. É um trabalho bem intenso, mas o projeto UFG Memória, por si só, já é muito interessante. O Pablo vai atrás de professores, decanos da UFG, que estão aqui há muito, muito tempo, já viram muita coisa e têm muita coisa legal para falar. Ele entrevista essas pessoas, não só falando sobre a experiência delas enquanto professores, mas também sobre a vida

delas antes da Universidade, sobre a infância dessas pessoas. É muito emocionante ouvir tantos relatos legais de pessoas que tiveram presença na história da construção da UFG e até da construção da própria Goiânia, porque está muito atrelado, na minha opinião, o desenvolvimento da cidade ao desenvolvimento da universidade. Essas pessoas têm relatos muito interessantes e muito emocionantes. É trabalhoso, mas é muito legal ouvir esses professores falando. Eu fico responsável, nesse projeto, pela transcrição das entrevistas, então eu vou decupando. A gente já tem um número bem significativo de entrevistas gravadas, já tem muito material legal. Acho que as pessoas vão gostar bastante, porque a gente está acostumado com essas pessoas na posição de professor. Quando você está na mesma unidade que esse professor, você nunca pensa em como foi a infância dessa pessoa, o que ela já viveu. Você geralmente observa a pesquisa desse professor, o trabalho acadêmico dele - o que também é tratado durante as entrevistas -, mas também tem essa pegada mais sensível de falar sobre a vida pessoal. Enfim, é muito interessante.

Ana Paula: *E ainda falando das suas atribuições, tem também uma parte de cobertura fotográfica das pautas. Você já tinha feito esse tipo de trabalho? Como funciona?*

Marília: Eu nunca tinha encostado o dedo numa câmera semiprofissional até chegar na Reitoria Digital. Tem sido um aprendizado muito legal. Descobri que a fotografia é difícil, mas é legal quando você consegue uma foto bacana. Eu acho que a gente tem um desafio por conta do espaço que a gente tem. Geralmente as coberturas que a gente faz são no próprio Gabinete da Reitoria e o espaço é um pouco desafiador para fotografia. O próprio formato do Instagram, que exige uma foto mais quadradinha, também dificulta um pouco esse processo de conseguir fotos legais para as matérias. Eu acho que uma foto factual, da coisa acontecendo, é mais interessante do que uma foto dos participantes de um determinado evento juntos, olhando para a câmera. Mas acontece muitas vezes de essa ser a única solução para um evento que tem muita gente e essas pessoas são muito relevantes na pauta, então todas precisam aparecer. É um desafio. Acho que talvez seja o meu maior desafio de todas as atividades que eu desenvolvo, porque não é só uma foto. A foto também passa uma mensagem, ela também tem que carregar algum sentido. É uma questão de composição mesmo. Às

vezes, você não tem condições de compor a foto, de ir lá, pegar a pessoa e colocar no lugar que você quer que ela fique, olhando para o lugar que você quer que ela olhe. Então, é bem difícil essa questão da fotografia.

Ana Paula: *Você estava falando do espaço físico, que é desafiador para as fotos, mas de uma forma geral, o que você acha de trabalhar na Reitoria? A gente tem uma imagem de um espaço formal, bem institucional, mas o nosso trabalho é bem mais dinâmico, com o YouTube e as redes sociais. Como você vê essa integração?*

Marília: Eu sempre tive uma imagem da Reitoria como um lugar muito mais inacessível do que ele realmente é. Eu acho o clima muito agradável. É um espaço muito bacana, acho um dos prédios mais bonitos da universidade. As pessoas são muito acolhedoras e muito competentes. E eu acho muito importante que aconteça essa integração de uma gestão com a imagem mais formal que a gente tem, com uma comunidade acadêmica que é muito mais dinâmica do que a gente imagina. Acho que a gente consegue trabalhar bem isso, de levar o que está acontecendo dentro da Reitoria para a comunidade acadêmica e também para fora dela. Esse trabalho com as redes sociais é muito importante. Instagram e YouTube são espaços muito acessíveis. Tanto pessoas da comunidade acadêmica quanto pessoas de fora dela conseguem acessar, ver o que está sendo desenvolvido dentro dos muros da universidade. E eu diria que além dos muros da universidade que a separam da comunidade externa, tem o muro que separa a gestão da própria comunidade interna. Então, é parte do nosso trabalho fazer com que esse muro não exista, porque é uma universidade pública, a gestão dela precisa ser transparente, precisa ser próxima das pessoas que usam esse serviço e próxima da comunidade externa também. Então, eu acho essa integração muito importante e acho que a gente consegue trabalhar bem com isso.

Ana Paula: *E durante essa experiência na Reitoria Digital, teve alguma ação mais marcante que você realizou?*

Marília: A ação mais marcante foi quando eu fui para uma cobertura fotográfica sobre o evento Agro Centro-Oeste Familiar, que é muito legal. A Universidade recebe agricultores familiares, recebeu também uma presença ilustre do ministro do Desenvolvimento Agrário e foi muito legal poder ver de perto figuras como essa e também grupos de pessoas quilombolas, que tiveram uma presença muito marcante. Acho que foi o evento que mais me marcou. É o que a gente estava falando, a Universidade integrada com o que acontece na sociedade. Essa questão da agricultura familiar é uma pauta social muito em voga hoje em dia e ver a universidade contribuindo, participando ativamente disso, a gestão participando ativamente disso, conversando com as pessoas, com as famílias que estavam lá mostrando o trabalho delas, é muito legal. Foi muito legal ver isso de dentro.

Notas

39. Entrevista realizada em julho de 2023.

40. Nathália Alves, bolsista profissional da Reitoria Digital.

“Tem que colocar a mão na massa”: o audiovisual na Reitoria Digital

Murilo Ferraz Franco

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Murilo Ferraz Franco nasceu em Jataí, em 21 de setembro de 1986. Formado em Ciência da Computação pela UFG, é servidor técnico-administrativo da Universidade desde novembro de 2012 e atua na Reitoria Digital desde junho de 2022.

Originalmente da área da Computação mas também muito interessado nas Ciências Humanas, Murilo buscou formação complementar em diversos cursos e práticas relacionadas à Comunicação e traz todas essas vivências para o seu trabalho na Reitoria Digital.

p.71

Ana Paula Vieira de Souza: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Murilo Ferraz Franco: Sou formado em Ciência da Computação pela UFG. Durante o curso, fiz algumas disciplinas nos cursos de Núcleo Livre da UFG: várias matérias na Filosofia e algumas na Comunicação, como Teoria da Imagem e introdução à Fotografia na antiga Facomb [Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia], que hoje é a FIC [Faculdade de Informação e Comunicação]. Depois, fiz especialização em Engenharia de Sistemas, especialização em assessoria de Comunicação e Marketing e cursos de fotografia. Fiz também algumas oficinas na Católica [Pontifícia Universidade Católica de Goiás], que eram de custo baixo, incluindo uma sobre

desenvolvimento de roteiro. Também aprendi muita coisa sobre audiovisual na prática, principalmente trabalhando com áudio, porque eu fiquei durante cinco anos trabalhando no podcast Filosofia Pop, em que eu fazia edição e apresentação também, junto com o professor Marcos Carvalho Lopes, que hoje está na UFJ [Universidade Federal de Jataí]. Ele foi meu professor de História no Ensino Médio no IFG [Instituto Federal de Goiás] de Jataí, que na minha época era Cefet [Centro Federal de Educação Tecnológica]. A formação dele é em Filosofia; a gente tem uma amizade que dura até hoje e ele continua no podcast, mas eu saí porque não consegui manter a produtividade. Nos cinco anos em que fiquei à frente do podcast, eu aprendi muito sobre edição de áudio. Edição de vídeo eu trabalhei desde o Ensino Médio, porque lá no Cefet de Jataí a gente já fazia. Não tínhamos muitas câmeras digitais na época, entre 2001 e 2003, lá no interior, mas um amigo nosso tinha uma câmera com fita. A gente gravava, digitalizava os vídeos e eu fazia a edição depois no computador, usando o adobe premiere ⁴¹. Comecei a aprender a editar vídeo naquela época no Ensino Médio. Depois, no Instituto de Informática da UFG, passei a trabalhar na área de comunicação e editava vídeos e áudio. Fui aprendendo menos com cursos formais e mais na prática mesmo.

p.72

Ana Paula: *Você tem uma abordagem laboratorial: se não sabe, estuda e aprende como fazer. De onde vem isso?*

Murilo: Eu tenho muita curiosidade nas áreas que eu tenho interesse e tenho sempre o ímpeto de resolver as dificuldades técnicas para possibilitar que as ideias saiam do papel. É uma característica que ajuda a realizar as coisas. Considero que tenho pouca capacidade de pensar nos projetos, mas quando alguém vem com uma ideia, eu tenho essa iniciativa de ver onde vão surgir os problemas e procurar as soluções. E também, pela trajetória que eu tive de trabalhar no serviço público e nunca ter encontrado um local que tenha tanto acesso a recursos técnicos, aprendi a me virar com menos e fazer essas coisas com baixo custo. Então, se não tem câmera, usa o celular; se não tem microfone, usa *headset* ⁴²; sempre tentando buscar a melhor qualidade que você pode tirar daqueles recursos que você tem, mas não esperando aparecer todas as

condições se não você nunca vai fazer nada nesses ambientes em que você não tem tanto acesso aos meios. Tem que colocar a mão na massa e tentar extrair aquilo que dá para extrair daquele recurso da melhor maneira possível. Dessa forma, fui aprendendo com os desafios que foram aparecendo. Tem também aquele outro lado que é não ter aprendido a trabalhar com muito recurso, então talvez o *software* de ponta, o *hardware* ⁴³ de ponta, eu não tenha tanta habilidade para trabalhar hoje porque eu trabalhei com outros mais limitados.

Ana Paula: *Como você chegou à Reitoria Digital? O que o motivou a vir para o nosso setor?*

p.73

Murilo: Eu estava no Instituto de Informática como analista de Tecnologia da Informação, que é o meu cargo na UFG, e lá eu comecei a trabalhar na parte de Comunicação. Nessa época, o diretor era o professor Sérgio [Sérgio Teixeira de Carvalho] e a gente fez uma visita à Reitoria Digital quando ela estava começando. A convite do Pablo, fui com o professor Sérgio e outras pessoas da equipe de Comunicação do Instituto de Informática. Acho que fomos eu, o Maycon e a Valeska [Maycon Batista Spirlandelli e Valeska Sales Martins Fernandes, servidor e estagiária do INF], conhecer o que vocês estavam fazendo, o local e a partir daí comecei a acompanhar o trabalho da Reitoria Digital. Às vezes a gente trocava algumas ideias de vídeos, alguma coisa que eu via publicada eu dava algumas dicas: “podia fazer de tal forma, modificar assim, corrigir esse áudio assim”, mas continuava trabalhando lá no INF, na parte de Comunicação. Depois do retorno do trabalho presencial, após a pandemia, eu voltei para o INF mas acho que já tinha cumprido uma etapa de trabalho lá, onde fiquei nove anos, e senti a necessidade de procurar outros desafios dentro da Universidade. Lá na Propessoas [Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas] eles criaram um mural para as pessoas colocarem intenção de remoção, ou seja, intenção de ir para outros locais dentro da Instituição. Eu coloquei que tinha interesse de ir para a Secom, para a Rádio Universitária ou para a Reitoria Digital, que eram os locais em que eu via que poderia ter novos desafios na área de Comunicação. Eu estava começando a trabalhar mais nessa área, mas eu também sentia uma certa limitação de experiência

própria, então eu queria ter outras pessoas para trocar experiências, aprender mais e achei que nesses locais eu ia ter essa oportunidade. Então o Sauli [Sauli dos Santos Júnior, pró-reitor de Gestão de Pessoas da UFG], que é o responsável por gerenciar o pessoal, falou com o Pablo, a gente começou esse processo para mudar para a Reitoria Digital e foi aí que eu passei a integrar essa equipe.

Ana Paula: *Como você vê a mudança de setor dentro da instituição, ao longo da carreira?*

p.74

Murilo: É uma coisa que, para mim, foi muito positiva. Acho que fui para um ambiente onde eu consigo, hoje, entregar mais do que eu estava entregando em termos de trabalho. As pessoas entram na Universidade e, às vezes, o técnico vai ficar 30 anos no mesmo lugar. Para alguns isso pode ser confortável mas, para outros, não. Então é bom ter esse trânsito de buscar novas experiências dentro da Instituição. Acho que é positivo para a Instituição ter pessoas mais motivadas a trabalhar em um ambiente onde se encaixam melhor. É bom também para a pessoa, pois se ela não está se sentindo bem, talvez por já ter passado muito tempo, pelo desgaste natural de qualquer relação de trabalho, ou até mesmo pela questão de se acomodar muito, ficar fazendo as mesmas coisas, no mesmo lugar, pode ser cansativo, então é bom mudar. Por outro lado, acho também que a Universidade e qualquer instituição pública, na maioria das vezes, tem muita dificuldade de lidar com isso. Não tem tantos caminhos fáceis, não é tão tranquilo para você ter essa mobilidade dentro da instituição. Geralmente tem uma burocracia que impede as pessoas de fazerem isso mais livremente. No meu caso, a gente conseguiu fazer essa transferência muito tranquilamente, mas eu conheço várias pessoas que tentam mudar de lugar dentro da instituição e têm dificuldade.

Ana Paula: *Como você desempenha o seu trabalho? Quais tarefas executa na Reitoria Digital?*

Murilo: Hoje trabalho muito com a parte de vídeos: edição e produção. A gente tem uma organização de tempo para ter disponibilidade de fazer as gravações de entrevistas, o que também requer uma certa organização pessoal minha para lidar depois com a quantidade de arquivos e não se perder no desenvolvimento da edição. Em geral, o que tenho feito como mais rotineiro na Reitoria é fazer cortes de vídeos que são divulgados no Instagram como *reels* e no YouTube, como *shorts*; ou seja, vídeos curtos de até um minuto no formato vertical de celular. O pessoal da equipe de Jornalismo faz a seleção, no vídeo original, de qual é o tempo do corte e aí eu uso o editor de vídeo Kdenlive, que é um *software* livre de edição. Ali tem toda uma gama de arquivos que eu uso para fazer a montagem visual, como algumas máscaras de imagem. Eu gosto de usar *software* livre na produção porque não tem gastos com licença e muitas vezes são os únicos *softwares* que são compatíveis com os equipamentos que dispomos. Os *softwares* de edição de vídeo proprietários demandam um *hardware* mais robusto do que o que temos no momento. Para edição de áudio eu uso o Audacity, para gráficos vetoriais, o Inkscape, para edição e tratamento de imagens, o Gimp e para efeitos visuais, o Natron, que é um pouco mais pesado. Faço também algumas edições de áudio e vídeo por linha de comando com o FFmpeg e já utilizei o OBS para fazer transmissões quando trabalhava no INF. Todos são *softwares* livres e gratuitos, disponíveis para vários sistemas operacionais e qualquer um pode instalar, usar, estudar, modificar e redistribuir livremente. Também faço a transcrição, com legendas, que é importante ter por uma questão de acessibilidade, já que não contamos com intérprete de libras. Para fazer as legendas, hoje eu estou usando, de forma integrada ao Kdenlive, um sistema de legendagem automático que é o Whisper, da Open AI, que é a mesma empresa do Chat GPT. Ele está tendo uma boa qualidade para gerar legendas. Depois eu faço uma correção do texto, mas são poucas coisas para corrigir. Também faço algumas ações relativas ao tratamento de imagens, quando o pessoal faz alguma cobertura e às vezes a imagem vem um pouco escura ou precisa de algum ajuste. Às vezes, quando a equipe não está disponível, faço também a parte de criar as manchetes. Também realizo o monitoramento de

estatísticas dos canais do YouTube e, agora, do site da Reitoria Digital, para configurar e analisar, fazendo alguns relatórios sobre como está o andamento dos canais da Reitoria Digital.

Ana Paula: *Qual a sua participação no projeto UFG Memória? Conte um pouco sobre como está sendo desenvolvido.*

Murilo: A minha parte é trabalhar no registro, porque o UFG Memória é para registrar a história oral, a memória das pessoas mais antigas da Universidade. Estamos entrevistando os decanos e alguns aposentados para registrar como essas pessoas participaram da construção da Instituição. Geralmente, eu e o Pablo vamos fazer as gravações. Eu faço a parte técnica, relacionada à câmera e ao áudio, e depois faço também a edição, que consiste em colocar a legenda com o nome das pessoas, uma abertura e uma finalização dos vídeos. Uma outra coisa que também já fiz na Reitoria Digital foi a montagem e desmontagem de exposições sobre alguns temas como a da covid, juntamente com a turma de Museologia ⁴⁴. São exposições institucionais para as quais já prestei esse suporte técnico, tanto essa da covid como outra exposição sobre o Jornal 4º Poder.

Ana Paula: *E em relação ao YouTube, quais são as suas tarefas?*

Murilo: Quando eu entrei na equipe da Reitoria Digital, comecei a observar e ver como funcionava o canal da UFG no YouTube, que é administrado pelo nosso setor. Fiz uma análise me baseando na minha experiência com essa rede e em alguns documentos de outras pessoas que sugerem formas de melhorar o desempenho de canais. Fiz um relatório com algumas sugestões de como a gente poderia melhorar o alcance do YouTube da UFG. Eu acredito que muitas coisas a gente não consegue fazer porque não temos muito controle sobre a produção, que é muito descentralizada, pois são as unidades que produzem. Então, a gente não tem muita gerência sobre como vão ser as artes, como o pessoal vai falar no canal e são coisas que às vezes contam muito no YouTube, relacionadas à linguagem, à comunicação. Mas no que a gente consegue

alterar, a gente foi tentar trabalhar principalmente com SEO [Search Engine Optimization], que é a otimização de serviços de busca. Procuramos trabalhar com *hashtags*, colocar algumas coisas no texto para melhorar a posição de busca, algumas questões assim. Hoje o canal da UFG já é bastante grande: chegamos a mais de 46 mil inscritos e a gente está sempre tentando melhorar esse alcance para atingir melhor os objetivos comunicacionais da Universidade.

Ana Paula: *Como é trabalhar na Reitoria? É um ambiente formal e institucional, mas as redes sociais e o seu trabalho são mais modernos. Como você vê essa integração?*

p.76

Murilo: A comunicação digital é uma tendência na comunicação e acredito que a UFG, no Brasil, hoje, é uma das mais avançadas. É uma coisa que não tem escapatória hoje em dia. Toda instituição tem essa necessidade de aprender a fazer essa comunicação mais digital e eu acho que o trabalho da Reitoria Digital nesse sentido é muito importante. A Universidade é muito grande, então é muito difícil você, na comunicação, dar ênfase para a produção acadêmica da Universidade e para as várias ações que a Reitoria desempenha. Então o trabalho da Reitoria Digital é bom para a comunicação da UFG porque a gente consegue dar foco nessas duas coisas. Acho que a gente consegue fazer essa assessoria da Reitoria e dar visibilidade para o que a administração da Universidade está fazendo de uma forma muito dinâmica, moderna e até de vanguarda, pois se você olhar para outras instituições de ensino superior do Brasil, acho que deve ter pouca gente que faz essa comunicação da Reitoria. Vai ser cada vez mais importante ter esse enfoque na comunicação digital pois não é uma demanda passageira. E eu acho que a gente faz de forma bastante sóbria e organizada. É uma comunicação muito bem estruturada, não tem aquela coisa que é uma armadilha que muita gente cai na comunicação digital, que é, às vezes, pecar um pouco na linguagem de querer fazer uma coisa muito engraçadinha, acabar se atrapalhando e entrando em coisas que depois vão ser prejudiciais para a própria instituição. Eu acho que nessa armadilha a gente não cai, a gente faz uma comunicação muito sóbria, muito bem feita, muito efetiva dessa parte da Reitoria.

Murilo: Dois projetos principais me marcaram. Um foi esse que está sendo mantido até hoje, que são os cortes do Boa Semana para os *reels*. Acho que é uma coisa que o perfil da Reitoria não utilizava, tinha até um problema técnico que a gente conseguiu solucionar, e é uma coisa que tem dado muito certo em termos de visibilidade. Dá para a gente fazer uns recortes desse programa que é mais longo, dura em torno de 20 minutos na Rádio, pinçar informações que a gente julga que são mais centrais e jogar para um público diferente, que não é o público da Rádio nem do YouTube, é o público do Instagram. Com essa ligação, a gente tenta puxar o público do Instagram para o YouTube, para continuar vendo esses vídeos e pegar algumas informações mais importantes. E a outra ação mais marcante é essa que a gente está fazendo agora, o UFG Memória. Vai ter um impacto muito grande na Universidade pelo registro da história das pessoas. Acho que é um projeto que vai ser de longo prazo, para ter tempo de registrar mais pessoas que passaram pela UFG e têm grande importância para sua construção, mas às vezes ficam esquecidas, tanto professores como técnicos. A UFG é uma das instituições mais importantes e sólidas de Goiás e essa história vai se perdendo porque a gente não faz esse registro. É um projeto que está sendo muito importante e muito marcante para mim. Além disso, eu agradeço muito a oportunidade de integrar essa equipe, pois para mim foi muito importante a mudança do Instituto de Informática para a Reitoria Digital. Tem contribuído muito para a minha formação ter contato com a equipe, porque tem muita gente que tem experiências diversas, passaram por TV, rádio, outras experiências na Comunicação muito ricas e eu tenho aprendido muito com elas. É um ambiente onde eu tenho gostado muito de trabalhar, pois acho que me permite desenvolver minhas potencialidades e me acolhe. Em 2022 eu tive o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e várias coisas da minha vida passaram a fazer mais sentido depois deste diagnóstico. É muito comum para pessoas dentro do espectro terem muita dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho pelas dificuldades de interação social, de alterar a rotina e também de incômodos sensoriais. O acolhimento na Reitoria Digital é muito importante para desempenhar melhor o meu trabalho e ser bem integrado à equipe. Então eu agradeço a

oportunidade de trabalhar na Reitoria Digital. Tem sido muito bom trabalhar nessa equipe e contribuir com a Universidade cada vez mais e com o desenvolvimento dessa Instituição que para mim é muito importante. Me graduei aqui, continuei trabalhando aqui até hoje, então é uma Instituição que faz parte da minha vida.

Notas

41. Software de edição de vídeo.

42. Fones de ouvido com um arco envolvendo a cabeça, os fones de ouvido e o microfone.

43. Componentes físicos de um computador.

44. Exposição “UFG na luta contra a covid-19”.

“Esse resumo semanal é um apanhado das notícias que mais ‘hitaram’”: novos produtos na Reitoria Digital

Nathália Alves Oliveira
Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Nathália Alves Oliveira nasceu em Goiânia, em 27 de fevereiro de 2000. Formada em Jornalismo pela UFG em 2023, atua como bolsista profissional na Reitoria Digital desde fevereiro deste ano, tendo iniciado as atividades poucos dias depois de colar grau na Universidade. Focada na cobertura jornalística dos compromissos da agenda da Reitoria, Nathália trouxe mais modernidade às produções, desenvolvendo um boletim semanal de notícias que é veiculado no formato de *reels* no Instagram.

p.78

Ana Paula Vieira de Souza: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Nathália Alves Oliveira: Eu me formei em Jornalismo pela UFG em janeiro de 2023 e antes de trabalhar na Reitoria Digital eu fiz estágios na Rádio Universitária, no Jornal Opção, na TV UFG e, por último, no Ministério Público do Estado de Goiás.

Ana Paula: *Como foi o processo de seleção para a Reitoria Digital?*

Nathália: Eu tinha acabado de me formar, tinha colado grau há cerca de dez dias e estava só em casa estudando, porque eu estava e estou ainda focada em concurso público. Então um amigo meu que trabalhava na Reitoria Digital, Augusto César Araújo, comentou comigo que ia sair e que a vaga ia ficar aberta, me incentivando a tentar. Me inscrevi no processo seletivo, que consistiu em uma manhã toda de testes em que a gente executou algumas tarefas como textos e demais atividades que a gente faria estando na Reitoria mesmo. Fiz uma nota, um texto para redes sociais e outro para o site; foram dados os temas e a gente produziu. Teve uma entrevista também e uns três ou quatro dias depois o Pablo me ligou falando que eu tinha passado.

Ana Paula: *Como era o contexto quando você chegou?*

Nathália: As coisas já estavam bem estruturadas na Reitoria Digital, que já tinha mais de três anos de funcionamento. As minhas atribuições estavam muito bem definidas. Quando eu cheguei, o Pablo e o Fabrício me explicaram as coisas. A gente demora um pouquinho para pegar o ritmo porque eu tinha trabalhado por último na assessoria de comunicação do Ministério Público, mas meu setor lá era diferente, meu núcleo era *social media*. Eu fazia as coisas que eu faço na Reitoria Digital, mas eu não fazia tudo. Por exemplo, quando eu ia acompanhar um evento ou uma reunião, eu ficava com a parte de produção e edição de vídeo para as redes sociais. Não era um texto como o que a gente faz aqui, então demorou um pouquinho para ter essa adaptação, mas ela aconteceu e hoje eu me sinto bem adaptada.

p.79

Ana Paula: *Quais tarefas você desempenha na Reitoria Digital? Como você as executa?*

Nathália: Eu acompanho as reuniões da Reitoria para fazer textos tanto para rede social quanto para o site. Faço imagens, por exemplo, do Consuni [Conselho Universitário] e do Cepec [Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura], quando

a gente divulga aqueles vídeos iniciais chamando as pessoas das nossas redes para assistirem à transmissão e ficarem por dentro do que está sendo discutido pela comunidade acadêmica. Faço também o resumo semanal, agora dividindo essa atribuição com a Marília e com o Vinícius ⁴⁵. Divido com o Vinícius a parte da edição e, agora, com a Marília, a apresentação. Esse resumo semanal é um apanhado das notícias que, digamos assim, mais “hitaram”, para dizer em termos mais jovens. E aí a gente faz esse apanhado, traduz o texto para uma linguagem ainda mais simples e publica aos sábados para quem não conseguiu acompanhar durante a semana, em um formato mais dinâmico.

Ana Paula: *Como surgiu a ideia da criação dos vídeos do resumo semanal?*

Nathália: O Pablo falou que queria a apresentação de algo novo para as nossas redes sociais. O vídeo do resumo semanal foi o que me veio à cabeça no momento porque eu acho uma ótima maneira das pessoas conseguirem ficar por dentro das coisas de uma maneira mais dinâmica, não tendo que parar para ler um texto maior porque às vezes elas não param para ler com a vida corrida no dia a dia, enfim... Ele falou comigo sobre querer um produto novo para as nossas redes em uma reunião que a gente fez e eu já tinha feito algo parecido no Ministério Público. Eu não era a âncora; meu núcleo de *social media* elaborava o produto e quem gravava era a equipe do site, mas a gente que elaborava e dava o *script* ⁴⁶ para eles. Na verdade, quem elaborou mesmo foi a minha chefe e eu ficava ali com outras questões referentes a isso. Se ela não estivesse eu que tinha que comandar. Lá no Ministério Público a gente também tinha estruturado o lançamento do TikTok, então eu tentei pegar algumas referências disso porque eu achava que poderiam ser benéficas para a gente. Apresentei a ideia para o Pablo, ele gostou e a gente ficou mais ou menos umas três semanas comigo gravando, editando, apresentando e a gente tentando moldar da melhor maneira possível até chegar a esse formato que temos agora. O vídeo traz a manchete com um BG ⁴⁷ de fundo, inicialmente, para a pessoa poder ler o título e saber do que se trata. Depois entra uma passagem ⁴⁸ minha falando as primeira frases da notícia e, na sequência, imagens relativas ao assunto, com um BG de fundo e legendas, para quem não pode escutar. Tem minha narração também, mas para quem não está podendo

escutar pode ler as legendas e entender do que se trata. Às vezes, entram pequenos vídeos, quando a gente tem vídeos referentes, o que também dá outra cara para o material.

p.80

Ana Paula: *Como você faz os vídeos do resumo semanal? Usa softwares que você já conhecia ou teve que aprender para fazer para a Reitoria Digital?*

Nathália: Eu aprendi a mexer com esses *softwares* que eu uso, que são Inshot, Capcut e Canva, nos meus estágios, principalmente no Ministério Público. Lá, a gente fazia todas essas edições nesses aplicativos. Temos a possibilidade de usar outros *softwares*, porém eu acho que esses são mais acessíveis e mais fáceis. Acho interessante porque se chegarem outras pessoas na equipe, eu posso passar isso de maneira mais fácil para elas. Então a gente vai lá, faz as gravações, depois eu retiro o áudio no Inshot, coloco sobre as imagens, vou ajustando daqui e dali, coloco o BG também no próprio Inshot. O capcut é utilizado mais na fase final, para eu colocar a legenda, porque lá você tem a geração de legendas automáticas e depois é só corrigir o que for necessário. Eu tento gravar sempre na quinta-feira para a gente ter como pegar mais notícias que foram veiculadas no nosso Instagram durante a semana. Excepcionalmente, a gente grava na sexta-feira, mas na sexta acaba ficando um pouco apertado para a questão de edição, porque o vídeo entra no sábado de manhã. Quem me grava, inicialmente, era a Marília; agora, quando ela está aparecendo, eu estou gravando. A gente pretende colocar algumas inovações no sentido de movimento de câmera, de entrada de quem está falando. Gravamos com a câmera da Reitoria Digital ⁴⁹ pela qualidade da imagem e pela questão do som, porque ela tem entrada para microfone e fica melhor.

Ana Paula: *Como é trabalhar na Reitoria? É um ambiente mais formal, mas seu trabalho com as redes sociais é bem mais descontraído. Como você vê essa integração?*

p.81

Nathália: A Reitoria, apesar de ser um espaço muito formal, não é o espaço mais formal onde eu já trabalhei; o mais formal é o Ministério Público. Lá a gente tinha, no setor de *social media*, o pensamento de que é uma instituição muito formal, mas que a gente precisa extrapolar isso se a gente quiser sobreviver às inovações. Elas estão aí, não vão deixar de existir, só vão melhorar cada dia mais. A gente precisa querer extrapolar isso, precisa querer trazer novas tecnologias e conversar com novos públicos. É preciso ver o que são as preferências dessas pessoas para trabalhar nelas e assim gerar uma identificação maior com os públicos, conquistar mais gente. Então, na minha visão, trazer essas coisas para a Reitoria é a mesma coisa que acontecia no Ministério Público. Ainda mais dentro da UFG, porque a gente tem, na comunidade acadêmica, pessoas mais velhas, mas os estudantes são praticamente todos jovens, então a gente precisa conversar com eles, precisa trazê-los para perto, inclusive, da Reitoria. Se você parar para pensar, e eu falo isso na posição de aluna mesmo: nos quatro, cinco anos que fiquei aqui, foram pouquíssimas as vezes que eu me referenciei à Reitoria diretamente de alguma maneira. E a Reitoria está tomando decisões que vão influenciar diretamente nas nossas vidas nesses anos em que a gente estiver na Universidade e fora dela também, porque a UFG desenvolve ações que não ficam somente ali, dentro dos muros da Universidade, mas impactam a sociedade toda. Então eu enxergo essa integração como sendo uma necessidade e a gente, que é da comunicação, precisa trabalhar nesse sentido.

Ana Paula: *E o que você projeta para a Reitoria Digital nessa linha de integrar um público mais jovem?*

Nathália: O que eu projeto é, para o resumo semanal, novos movimentos de câmera, novos áudios, novas maneiras de se fazer as imagens. E em termos de dia a dia, acompanhando as reuniões, eu acho que caberia muito bem a gente mostrar mais isso “ao vivo”, digamos assim. Porque a gente mostra ao vivo no sentido de que a gente não espera dois, três dias para publicar uma matéria do que aconteceu. Se uma coisa aconteceu hoje, a gente publica hoje. Mas no momento da reunião, a gente pode fazer algumas cenas, gravar uma fala da Angelita, legendar e publicar. Acho que essa

dinamicidade é algo muito bom e faz com que as pessoas queiram acompanhar mais. Essas publicações seriam em formato de stories, que é o que casa mais com essa questão da rapidez.

Ana Paula: *E o que você está achando do trabalho na Reitoria Digital, como seu primeiro emprego?*

Nathália: Vou fazer um breve histórico para chegar nessa parte porque é uma parte muito importante para mim, pessoalmente falando. Na pandemia, em 2020, eu comecei a ter muito questionamento sobre o curso, se era isso mesmo que eu queria. Eu estava trabalhando em um lugar onde não estava me sentindo bem, então eu pensava: “se jornalismo é isso, talvez não seja para mim”. E eu já estava na metade do curso, então bate uma depressão de pensar “meu Deus, eu fiz a metade e agora estou descobrindo que não é para mim?”. Eu trabalhava, na época, com webjornalismo e nunca tinha trabalhado com assessoria, nem tinha feito essa disciplina na faculdade. E aí no meio disso surgiu o estágio no Ministério Público. Fiz a prova, demoraram sete meses para chamar, mas aí chamaram e eu fui. Lá, eu descobri que eu gostava de assessoria e comecei a ver que jornalismo era para mim, sim, e que eu tinha descoberto um mundo em que eu fazia o que eu gostava. Então, quando eu acabei a graduação, eu segui nessa linha de querer trabalhar com assessoria. Só que as oportunidades que estavam surgindo não eram nessa área. Quando surgiu essa oportunidade na Reitoria Digital, ao mesmo tempo em que estava um pouco confusa, fiquei feliz. Primeiro, porque era assessoria; segundo, porque era a UFG. Eu sou extremamente apaixonada pela UFG, acho que tudo que acontece aí dentro é muito maravilhoso. Se todo mundo pudesse saber o que é discutido, o que é levado em consideração, o que é decidido, seria maravilhoso. Então foi muito bom pra mim nesse sentido. Para mim é uma realização poder trabalhar na UFG porque você faz com mais gosto quando você gosta do seu assessorado. E eu adoro. Adoro acompanhar as reuniões, estar por dentro do que está sendo discutido. Para mim é uma realização poder trabalhar com esse assessorado, a Reitoria da UFG.

Nathália: Eu gostei muito da cobertura da abertura do Espaço das Profissões. O Espaço das Profissões é uma das coisas que mais movimenta a Universidade e é quando você vê realmente um chamamento dos mais jovens para virem conhecer a UFG e saberem que a gente pode fazer parte da vida deles. Eu não tive a oportunidade de vir ao Espaço das Profissões quando eu estava no Ensino Médio; acho que minha escola não levou e meus pais mal sabiam o que era, mas eu queria muito ter participado. Quando eu cobri o evento, eu pude me enxergar naquelas pessoas ali tentando descobrir o que elas querem fazer. É bonito de ver também que, de certa forma, elas nem imaginam o que as espera aqui dentro e como o ingresso na UFG pode ser um ponto de virada surreal na vida delas como foi na minha. Além disso, pude ver a mobilização da comunidade da UFG para que aquele evento acontecesse da melhor forma possível. Você tem ali os monitores sempre tentando direcionar da melhor forma, os professores, os alunos montando as salas interativas, a Angelita no discurso de abertura, que foi o que eu fui lá para registrar imagens para o nosso Instagram, os pró-reitores. Para mim foi um dia bem marcante em que eu pude ver que do mesmo jeito que a gente super se importa com a UFG e quer a UFG, a UFG também super se importa com a gente e quer a gente.

Notas

45. Marcos Vinícius Borges, estagiário da Reitoria Digital de abril a agosto de 2023.

46. Roteiro.

47. Música que acompanha, ao fundo, a fala do repórter.

48. Momento em que o repórter aparece no vídeo.

49. Modelo Nikon D3200.

“Um trabalho integrado, um trabalho de equipe”: a soma dos múltiplos talentos da Reitoria Digital 50

Felipe Ferreira de Souza Fulquim

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Felipe Ferreira de Souza Fulquim nasceu em Goiânia, em 27 de março de 1989. Mestrando em Comunicação e graduando em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, graduado em Fotografia e Imagem pela UniCambury e em Jornalismo pela UniAraguaia, Felipe acumulou uma série de experiências de assessoria de comunicação e estudos em TV e audiovisual na internet. Como colaborador da Reitoria Digital contribuiu em diversas pautas no Gabinete da Reitoria e em agendas externas, além de produzir e editar materiais para as redes sociais da Reitoria.

p.84

Pablo Fabião Lisboa: *Quais foram as suas experiências profissionais anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Felipe: Eu já havia trabalhado em redação de jornal, como repórter em diferentes áreas: política, cidades, cultura e como fotojornalista. Também trabalhei com assessoria de comunicação nas prefeituras de Goiânia e de Aparecida de Goiânia, e

na Câmara de Vereadores de Aparecida de Goiânia. Sempre na função de assessor de imprensa, que era próximo do trabalho que eu fiz na Reitoria Digital. Eu estou no mercado desde o ano de 2007. Meu primeiro trabalho foi no Diário da Manhã, mas também já trabalhei em outros jornais da capital como o Mais Goiás, Jornal Opção, Jornal O Hoje, que são jornais impressos e online. Venho acumulando essas experiências como repórter, colunista e assessor de imprensa. A última experiência antes da Reitoria Digital foi na assessoria de comunicação do HGG (Hospital Estadual Geral de Goiânia) e do Hemocentro de Goiás.

Pablo: *Como você ficou sabendo do edital de seleção para bolsista profissional da Reitoria Digital?*

Felipe: Eu tinha um plano de concentrar todas as minhas atividades na UFG. Em 2021, eu fiz um retorno à UFG, porque a minha primeira passagem como aluno foi no mestrado em comunicação de 2015 a 2016. Na ocasião eu não terminei, por motivos pessoais, e passei um tempo longe da academia, enquanto aluno da pós-graduação. Eu formei em fotografia pela Universidade Cambury em 2010, em jornalismo pela UniAraguaia em 2014 e, depois de sair do mestrado, eu terminei a minha primeira pós-graduação, que foi em docência universitária pela UniAraguaia, em 2017. Eu estava só estudando, numa outra pós-graduação que eu concluí em 2019, em comunicação eleitoral e marketing político pela Universidade Estácio. Fiz o Enem em 2018 e falei: “cara, eu acho que vou fazer Direito agora para mudar um pouco os ‘ares’” (risos). Acabou que eu não consegui aproveitar essa nota para o Direito. Como eu trabalho com campanhas políticas a cada dois anos, falei “eu acho que vou aproveitar essa expertise e vou fazer o curso de publicidade e propaganda”. Voltei para a sala de cursinho pré-vestibular por um ano, fiz o Enem em 2017 e aproveitei essa nota como portador de diploma no edital de 2021 da UFG. Foi então que eu entrei para Publicidade e Propaganda na UFG com o propósito de retomar o mestrado. Já ingressei na iniciação científica no primeiro ano, estou terminando agora um ciclo de três anos de Iniciação Científica e antes de terminar esse ciclo eu fiz novamente a seleção do mestrado e passei em primeiro lugar na linha de pesquisa de Mídia e Cultura. Anteriormente eu tinha feito o mestrado na linha de Mídia e Cidadania.

Cheguei a cursar todas as disciplinas, só não me qualifiquei naquele primeiro momento. Agora estou indo para o segundo semestre, com a banca de qualificação prevista para o ano que vem (2025), para poder dissertar. Eu estudava a TV Globo, agora estou estudando televisão e streamings, especificamente a Netflix. E como eu descobri o edital? Como aluno de graduação, sempre antenado a todos os eventos para poder participar na UFG, eu vi uma oportunidade de espaço de comunicação. Sempre mapeei e estudei os espaços de comunicação internos da UFG. Temos a Secom, Funape, TV UFG. Eu já fiz seleção para vários lugares e até então não tinha dado certo. E aí surgiu a oportunidade na Reitoria Digital e eu fiz a disputa do edital, que teve três etapas: prova teórica, prova prática, entrevista. Fiquei em terceiro lugar, com uma diferença de dois décimos das duas primeiras colocadas. Aguardei um ano por essa oportunidade que aconteceu. Felizmente ela veio praticamente casada com a resposta do primeiro lugar no edital do mestrado em comunicação, o que me deixou muito feliz, pois de fato minha intenção era estar na UFG com a maior carga horária possível, tanto trabalhando quanto estudando. Assim foi no último semestre, desde quando eu entrei para a Reitoria Digital.

p.85

Pablo: *Qual foi a ação ou momento mais marcante que você teve no desenvolvimento do trabalho na Reitoria Digital?*

Felipe: Eu já tinha uma suspeita em relação à dimensão que a UFG tem enquanto instituição no Estado de Goiás. E o que mais me surpreendeu foi ver que de fato essa minha suspeita se confirmava no sentido da dimensão da gestão que a UFG tem e de tudo que ela representa e faz internamente e para a sociedade. A UFG tem um orçamento maior do que de muitos municípios goianos. Em termos de contingente populacional, também tem um fluxo muito grande de pessoas que diariamente estão estudando no câmpus, que é uma cidade universitária. Então se tem um sistema de transporte, de alimentação com os Restaurantes Universitários, tem um sistema de bibliotecas para atender a demanda de consumo de informação qualificada, tem sistema de internet; enfim, a UFG é uma cidade. Eu consegui vivenciar essa experiência que eu já tinha vivenciado em outros espaços, como Aparecida de Goiânia,

que tem uma população próxima de 700 mil habitantes; e Goiânia, com mais de 1,6 milhão de habitantes, pois trabalhei nestas duas prefeituras. Trabalhei, antes, na Rede Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia, com mais de 50 mil pessoas envolvidas, entre professores, técnicos e estudantes. Estar na UFG foi uma experiência próxima dessas no sentido de grandiosidade. Um dos maiores desafios que eu vi nesse trabalho, foi essa integração. Um trabalho integrado, um trabalho de equipe. Poderia dizer que o sucesso da Reitoria Digital está nessa soma. O trabalho conjunto é o motor de sucesso da Reitoria Digital da UFG. O segredo está na soma dos múltiplos talentos e habilidades dos profissionais que estão envolvidos com esse projeto e isso me surpreendeu.

Pablo: *Como foi produzir vídeos para os stories das redes da Reitoria Digital?*

p.86

Felipe: Foi uma experiência nova no sentido de dar finalização ao trabalho. Nos outros espaços que eu trabalhei, nas prefeituras, eu sempre contei com o apoio de alguém que fazia a parte de edição desse material. Modéstia à parte, eu me considero um profissional de comunicação que gosta de comunicação e que tenta entregar o maior resultado possível em múltiplas frentes. Mas reconheço, também, as minhas limitações. A questão de editar conteúdos em vídeo ou produzir artes gráficas sempre foi uma dificuldade muito grande e uma área em que eu me especializei menos em detrimento das outras coisas que eu consigo fazer e entregar como resultado. A cobertura em si do dia a dia é algo que eu já tinha uma prática bastante avançada, do ponto de vista de enquadramento, de construção de narrativa e de storytelling. Basicamente, a produção dos vídeos para os stories ou para os reels se estrutura nesse encadeamento, de construir a história destacando os principais pontos daquela agenda que está sendo objeto da cobertura da Reitoria Digital. A gente teve inúmeros eventos durante o período em que eu estive na Reitoria como por exemplo um evento na Faculdade de Medicina, que era um congresso, onde a reitora estava participando da mesa de abertura. Outros eventos, como a recepção de ministros do governo federal que vieram lançar programas realizados em parceria com a UFG. Para além do trabalho de assessoria de imprensa, no sentido da cobertura para se transformar em

texto, o olhar estava voltado tanto para a fotografia quanto para a produção desses vídeos, contando histórias, com recortes específicos e na linguagem específica de cada produto que a gente precisava dar saída, especialmente no Instagram e no Facebook da Reitoria Digital. Traduzindo em fotos, textos e vídeos, que eu editava, também.

Pablo: *Como foi participar de atividades fora do gabinete? E se tu puder descrever, como era a tua rotina, entre gabinete e as agendas fora do prédio da reitoria?*

Felipe: A semana estava estruturada em agendas fixas e agendas que iam acontecendo à medida que a semana se desenvolvia. Então, o trabalho diário era chegar, em um dos turnos (geralmente fazia turnos alternados), e ver a sistemática de trabalho que tinha para aquele dia. A gente tinha uma série de reuniões que aconteciam na sala de reuniões da Reitoria, com a presença da reitora ou do vice-reitor, ou presença dos dois. As pessoas ali passavam para discutir diferentes assuntos e a gente tinha a função de ficar como observador e como um repórter daquilo que estava sendo colocado. Sempre posicionado em lugares estratégicos para conseguir captar o melhor áudio e a melhor imagem de cada reunião e de cada evento. Assim era a dinâmica interna, sempre em diálogo com a chefe de gabinete e com as secretárias da reitoria, que nos auxiliavam com as informações sobre as pessoas que estavam ali e sobre as agendas a serem acompanhadas. Assim ocorria também quando era um evento externo, o que aconteceu muito durante o período em que eu estive presente, mesmo dentro do período de greves. A gente tinha, semanalmente, por exemplo, a reunião com os diretores de unidades acadêmicas, que eu também acompanhava e que era um trabalho mais interno de observação e anotação. Tinha também esse mesmo trabalho nas Unidades Acadêmicas nas reuniões de Conselho Diretor, que acredito que ainda estejam acontecendo. A Reitoria foi até cada uma das unidades para poder dialogar a respeito das demandas e fazer um balanço da gestão. A gente acompanhou todo esse processo. Acho que a saída mais longa nesse período foi a visita ao Câmpus Goiás, na cidade de Goiás. Foi o trabalho externo que demandou a maior distância percorrida e o maior tempo de expediente. Passamos um

dia todo lá, desenvolvendo as atividades de ouvir os cursos que lá funcionam para poder fazer a acolhida das demandas, assim como aconteceu com todos os cursos sediados na capital.

Pablo: *O que ocasionou a sua breve passagem no período de trabalho na Reitoria Digital? O que fez tu nos abandonar (risos)?*

p.88

Felipe: [Risos]. Eu tinha um projeto que estava estruturado em algo que ainda aconteceria. O governo federal, depois do retorno do Lula à Presidência, voltou a ter um olhar sensível para o Ensino Superior. E como eu tinha o plano de retornar ao mestrado sendo um bolsista, em conjunto com a oportunidade de trabalho, eu consegui conciliar os estudos e o trabalho, como eu vinha fazendo. O Lula determinou que a gente tivesse oportunidade de conciliar bolsas com bolsas, ou bolsas com trabalho. Infelizmente isso não foi possível, por questões internas. Cada universidade tem a sua autonomia a partir do que o governo federal determina, para poder estabelecer as suas regras em relação ao acúmulo de bolsas e isso inviabilizou que eu continuasse os trabalhos da forma que eu havia planejado. E também porque eu recebi uma oportunidade que dará condições para que eu possa avançar, tanto na parte da pesquisa, quanto no aperfeiçoamento da minha carreira enquanto docente no futuro. Recebi o convite de uma universidade aqui da capital para assumir disciplinas neste semestre. Junto ao mestrado eu quero desenvolver essas atividades porque a minha pesquisa vai avançar um pouco mais, eu vou aprender um pouco mais sobre o trabalho docente, na teoria e na prática. A minha ideia futura é permanecer estudando na UFG e tentar o doutorado em comunicação. Isso me motivou momentaneamente a deixar a Reitoria Digital. Eu espero que a semente tenha ficado plantada aí, e que eu possa ter uma oportunidade de voltar no futuro e servir à UFG, assim como ela tem me servido todos esses anos.

Notas

50. Entrevista realizada em 21 de agosto de 2024.

“Eu tenho uma paixão pela UFG”: a Universidade nos produtos de comunicação e nas memórias da comunidade

Ysabella Portela

Ana Paula Vieira de Souza

Introdução

Ysabella de Medeiros Portela nasceu em Goiânia, em 23 de maio de 1995

p.88

Pablo Fabião Lisboa: *Como você ficou sabendo do edital de seleção para a Reitoria Digital?*

Ysabella de Medeiros Portela: Me encaminharam o link, eu vi o que o edital exigia. A carga horária era compatível com a minha rotina, me inscrevi e deu tudo certo.

Pablo: *Qual é sua formação profissional e experiências anteriores à chegada na Reitoria Digital?*

Ysabella: Eu tenho uma paixão pela UFG. Estou aqui desde criança, desde os meus oito anos estudando primeiramente no Cepae [Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação], depois fiz vestibular, entrei na faculdade, fiz mestrado. Em 2019 eu participei do estágio obrigatório na TV (primeiro semestre) e na Rádio (segundo

semestre). A UFG é uma instituição pela qual eu tenho um carinho muito grande. Eu acho que carregar o nome da UFG no meu currículo me abre muitas portas e eu aprendo muito. Eu praticamente moro no quintal da UFG. Moro no bairro Sítio de Recreio Mansões do Câmpus, bem atrás da Faculdade de Agronomia.

Pablo: *Quais as tuas experiências profissionais antes da Reitoria Digital?*

p.89

Ysabella: Eu sou assessora de comunicação e imprensa da Polícia Civil de Goiás. Lá eu faço atendimento aos jornalistas, aos delegados, organizo eventos, coletivas e faço publicações no site e nas redes sociais da Polícia. A gente faz edição de vídeo, faço de tudo um pouco. Eu trabalho na Polícia no turno da manhã e na parte da tarde eu vou para a Reitoria. Trabalhar na assessoria de comunicação da Reitoria é de grande valia para o que eu planejo para a minha vida profissional, que é a assessoria de imprensa. Antes eu fazia assessoria para pessoas. No jornalismo, durante dois anos antes de me formar, eu comecei a fazer um estágio na Câmara Municipal de Goiânia para assessoria política. Assim que eu me formei, eu comecei a trabalhar em um jornal aqui de Goiânia e acabei saindo da assessoria em que eu trabalhava, mas uns três meses depois fui convidada por uma outra política para trabalhar, dessa vez como jornalista mesmo, porque até então eu era estagiária de jornalismo na Câmara. Fiquei um tempo na assessoria política, como estagiária por aproximadamente dois anos e como jornalista profissional por 6 meses. É uma área que eu gosto muito, até penso futuramente em trabalhar em outros projetos políticos. Aí eu fui para outras redações, passei pelo jornal Opção, que é um jornal puramente político. Depois fui para o jornal O Popular, que é do Grupo Jaime Câmara, e lá eles não deixam que o funcionário faça assessoria política; sobretudo também porque a gente estava em ano eleitoral. Até que fui para a assessoria da Polícia Civil. São experiências bem diferentes umas das outras, mas eu acho que isso enriqueceu muito o meu currículo. Olhando a trajetória durante a faculdade, eu falo com muito orgulho que eu aproveitei tudo que ela me proporcionou. Tanto na parte de diversão, mas sobretudo na parte profissional, porque eu passei pelo estágio na TV UFG e participei da Rádio Universitária. A Rádio foi uma surpresa muito agradável, porque eu acho que antes de entrar no curso de

Jornalismo, grande parte das pessoas entram pensando em TV. Eu pensava assim “não vou querer participar da Rádio, pois é algo que não me interessa”. Mas conversando com uma amiga, a gente decidiu fazer o laboratório de rádio e eu adorei. Foi uma experiência incrível, acho que se eu ainda tivesse uma oportunidade de participar de rádio, eu com certeza participaria. Todas as outras coisas, o curso de jornalismo me ajudou: construção de texto, posicionamento. Enfim, eu acho que tive uma formação bem ampliada.

Pablo: *Qual foi o momento mais marcante que você teve na Reitoria Digital até agora?*

p.90

Ysabella: Com certeza são as participações nos Conselhos Diretores, porque é um momento que a gente vê de perto como está cada unidade. Por mais que às vezes as demandas sejam bem parecidas a demandas comuns de qualquer órgão público, como demandas de infraestrutura, por exemplo, cada uma tem a sua particularidade. Tanto nas demandas quanto nos elogios também. Eu acho que eu participei de uns cinco Conselhos Diretores. É muito interessante porque participei de unidades diferentes - no Câmpus Samambaia, no Câmpus do Setor Universitário ⁵¹ e também no de Aparecida de Goiânia. Eu acho que até pela proximidade do meu curso de jornalismo e o de Letras, quando eu participei do Conselho Diretor da Faculdade de Letras, que foi meu primeiro, eu fiquei muito atenta às falas dos professores e tinha muita coisa que eu concordava e via que era parecido com a FIC, que está próxima. Eu acho que vai aproximando também as demandas que cada um precisa.

Pablo: *Como foi produzir vídeos para os stories das redes da Reitoria Digital?*

Ysabella: Eu adoro redes sociais. Eu me sinto muito à vontade também em produzir para as redes. Quando eu vou produzir algum tipo de stories ou vídeo, reels, eu sempre fico pensando assim, “não pode ser chato ao ponto de que eu, que estou produzindo, não consiga ver até o final”. A gente tem que captar a atenção da pessoa que vai assistir; ela não está assistindo aquilo ali por diversão, ela está assistindo aquilo como algo institucional e ela tem que querer ver até o final. E como que a gente

pode pensar nisso? Uma das ideias foi a legenda, porque eu acho que se você está lendo, você acompanha sem se preocupar muito com aquele tempo que está passando, só vendo a pessoa falando. Eu acho que, além disso, quando a gente brinca colocando cenas de apoio, isso pode entreter também a pessoa, com transição de imagem. Então é algo que eu me sinto muito à vontade para fazer e que eu gosto muito. Eu acho que se eu ficasse somente por conta disso, para mim estava ótimo.

p.91

Pablo: *Qual o principal desafio da produção de resumos do UFG Memória? Tem alguma entrevista que você achou interessante e gostaria de destacar?*

Ysabella: É um trabalho muito interessante. Nesse primeiro momento, são 19 entrevistas da primeira temporada de 2023. Eu destaco três: do professor Edward, até porque é uma figura importantíssima na UFG e foi reitor na minha época como estudante, então, tem uma certa proximidade. Também gostei das entrevistas da professora Milca ⁵² e da professora Ana Luísa, ambas da Faculdade de Enfermagem. Eu acho que eu gostei mais dessas três porque elas seguem como se fosse o mesmo fluxo. Eles contam sobre a história de vida antes da UFG e como a UFG mudou a vida deles na trajetória profissional e como pessoas. Teve um ponto que eu não esqueço da entrevista da professora Milca, em que ela fala que na gestão dela como reitora, ela tinha uma proximidade muito grande com os estudantes, de sentar no gramado para conversar e debater. São coisas que eu acho curiosíssimas. Ela fala também sobre quando começou o curso de matemática, que fica ali perto da Faculdade de Educação Física e Dança e não tinha iluminação nenhuma. Os estudantes buscavam forçar o poder público a colocar iluminação no local porque tinha gente estudando e ela fala em um trecho, que onde tivesse uma pessoa estudando era para ter iluminação. Outra coisa: na entrevista do professor Edward ele fala que não imaginava que seria professor e às vezes eu me enxergo um pouco nisso, porque eu terminei meu mestrado agora e também não sei se eu quero ser professora, mas ao mesmo tempo eu penso “meu Deus, e o que eu vou fazer com o meu mestrado?”. Na entrevista do professor Edward, o que eu achei legal é que ele não teve pressa. Ele fez a carreira dele como agrônomo e depois foi para a faculdade. Da professora Ana Luísa, eu

também achei muito interessante, porque ela também seguiu esse rito. Construiu ali uma trajetória profissional no mercado de trabalho e depois foi para a vida acadêmica. E eu acho que isso, para quem sonha em se tornar um professor de universidade ou está em dúvida, assim como eu, eu acho que é um acalento. Tem muitas histórias que se parecem e que tiveram um ótimo resultado, digno de elogios. E no trabalho do UFG Memória, eu acho que a grande dificuldade é a dispersão que temos. Hoje em dia a nossa atenção se dispersa muito. Algumas entrevistas são muito longas, então, eu acho que o maior desafio é esse, manter a atenção firme ali.

Notas

51. Câmpus Colemar Natal e Silva.

52. Milca Severino Pereira foi reitora da UFG de 1998 a 2006.

Pósfácio

p.92

Após cinco anos da criação da Reitoria Digital, os canais de comunicação previstos na concepção do projeto continuam cumprindo com a missão de fazer a escuta e promover a voz institucional, pautados pelos princípios da comunicação pública. O trabalho pode ser acompanhado pelo site reitoriadigital.ufg.br, pelo canal UFG Oficial no Youtube, pelos perfis @reitoriaufg no Instagram e no X e pela página Reitoria UFG no Facebook. Além desses canais, a Reitoria Digital também veicula, em parceria com a Rádio Universitária, o Boa Semana UFG, programa semanal exibido toda segunda-feira, às 8h, com os principais destaques da agenda institucional da Reitoria da Universidade. Para entrar em contato com a Reitoria Digital ou solicitar uma *live*, basta enviar e-mail para reitoriadigital@ufg.br.

Agradecimentos

p.93

Dentre as diversas pessoas que merecem um especial agradecimento, listamos, em ordem alfabética, algumas das pessoas que contribuíram para a construção da Reitoria Digital da UFG ao longo destes cinco anos de existência. São elas: Ana Flávia Pereira dos Santos, Augusto César Araújo, Beatriz Carvalho, Carlos Siqueira, Carolina Melo, Caroline Pires, Daiana Stasiak, Damiana Priscila de Sousa Castro, Danilo Braz da Silva, Delfino Curado Adorno, Edward Madureira Brasil, Eurípedes Júnior, Frederico Aldama, Gilson Oliveira Barreto, Jesiel Freitas Carvalho, João Teodoro Pádua, Júlia Sebba Ramalho Moraes, Juliana Queiroz, Kelle Cristina Nogueira, Larissa Santos Pereira, Leandro Pinho Rodrigues, Leonardo Rézio, Lilian Mariano Alves, Luciana Santal, Luíza Borba, Márcia Araújo, Márcia Boaratti, Marina Sousa, Maurício Cezar Ramos da Silva, Ricardo Barbosa de Lima, Roberta Basile, Sandramara Matias Chaves, Salvio Juliano Faria Peixoto, Silvânia de Cássia Lima, Suzy Meiry Silva, Tasso de Sousa Leite, Thais Lucena, Versanna Carvalho.



Esta obra comemorativa dos cinco anos da Reitoria Digital traz um compilado de entrevistas com pessoas que ajudaram a construir esse setor de assessoria de comunicação dedicado a aproximar a Reitoria da Universidade Federal de Goiás e a sociedade. Para isso, os organizadores entrevistaram os primeiros servidores, bolsistas e colaboradores da iniciativa. As entrevistas foram realizadas em vídeo e posteriormente transcritas, para a edição dos textos que compõem este livro.

Por meio dos relatos que recuperam a estruturação da Reitoria Digital e passam também pelas experiências profissionais de cada um, é possível perceber a evolução dos produtos e serviços oferecidos, ligada aos fatos históricos que influenciaram o momento, como a pandemia de covid-19.

As entrevistas são apresentadas segundo a ordem cronológica da chegada das pessoas à Reitoria Digital. O leitor pode privilegiar a visão holística e compreender como ela foi criada, ao percorrer todos os relatos em sequência, mas também pode optar pela leitura das entrevistas isoladamente. Ao final dos textos, uma lista de personagens detalha as pessoas externas à equipe, citadas como figuras importantes na estruturação do setor.